



O CAVALEIRO DA ESTRELA DA GUIA (Vol II)

(A INICIAÇÃO NO AMOR)

RUBENS SARACENI

Neste segundo volume da saga esotérica de Simas de Almoeda, o Cavaleiro da Estrela da Guia, somos conduzidos aos caminhos e descaminhos que nos são destinados, seja pela ausência de amor pela criação, que está na base de todo desequilíbrio, seja pela vivenciação do amor necessário, tanto para o resgate daqueles que nos são queridos, quanto para o cumprimento do que nos foi confiado.

## O CAVALEIRO DA ESTRELA DA GUIA (Vol II)

### (A INICIAÇÃO NO AMOR)

RUBENS SARACENI

Livro inspirado pelo espírito Pai Benedito de Aruanda Psicografado por Rubens Saraceni

## ÍNDICE

Um novo presente

O Cavaleiro reinicia sua cavalgada

Surge um novo amor

A fuga

O exílio no templo dourado

O resgate

O mergulho no passado milenar

O regresso

Separados pela sereia encantada  
Em busca da harmonia - Soraya  
Raios de Lua e Luiz  
Pedro e os velhos amigos  
A pastora  
Jasmin  
A oitava mulher  
Um aliado repulsivo  
A caminho da Luz  
O reencontro com a sereia encantada

## UM NOVO PRESENTE

A última coisa de que me lembrava era da sereia me amparando nos braços, à beira mar. Eu lembro apenas que o pranto da dor e da mágoa havia tomado conta de todo o meu ser.

Não eram meus olhos que pranteavam uma vida toda dedicada à procura do Sagrado Criador, mas minha alma que não conseguia mais se equilibrar num corpo cansado, que já não tinha mais força alguma para se sustentar.

E eu consegui ver mais uma vez minha sereia encantada derramando suas lágrimas quentes sobre o meu rosto carcomido pelo tempo.

Eu sei que foram suas lágrimas benditas que me devolveram a visão do espírito, pois o corpo, isto eu sabia, já não existia mais.

Só que, após sentir o seu abraço tão carinhoso e ver a ternura em seus olhos, eu caí num profundo sono.

Não sei por quanto tempo meu espírito ficou adormecido, apenas agora eu me via em um quarto todo branco, vestindo roupas brancas também.

Fiquei meditando no que havia se passado comigo e cheguei à conclusão que meu tempo na terra havia se esgotado.

Eu via que brotava luz dos meus dedos, e isto era sinal de que eu já não tinha mais a matéria a conter meu espírito eterno.

Já não sentia dor alguma, apenas uma solidão imensa. Onde estariam todos os meus amigos do passado, e que partiram para o mundo maior antes de mim?

Onde estariam meus pais que não vinham me ver?

Será que ainda não haviam me perdoado?

Este pensamento fez com que a luz que saía de meus dedos se apagasse de imediato.

Não voltei a ver a luz sair de meus dedos novamente. Com tais pensamentos minha vibração havia caído.

Logo surgiu no quarto uma senhora com um jarro de água e um copo na mão.

— Como vai senhor? — perguntou ela.

— Não sei dizer. Acho que ainda não me reequilibrei totalmente.

— Isto é assim mesmo! O importante é que o senhor está consciente do seu estado atual.

— Disto não tenho dúvidas, senhora. Já estou livre daquele que nada mais poderia me oferecer como morada. Que a terra o acolha tão bem como me acolheu no reencarne.

— Suas palavras são muito ponderadas senhor. Como se chama?

— Simas, Simas de Almoeda. Não sabia meu nome?

— Não senhor. Foi deixado aqui por dois irmãos nossos há dias atrás, mas não nos disseram o seu nome.

— Há quantos dias estou aqui, irmã?

— Há sete dias sr. Simas.

— Foi tão longo assim o meu sono?

— Sim. Acho que teve uma vida muito agitada, não?

— Não saberia dizer se foi agitada ou sofrida, mas deve ser a mesma coisa para o espírito.

Penso que provocam o mesmo esgotamento do mental.

E demora muito para o mental voltar à sua atividade normal, isto é, tomar plenos controles de nossa razão controlável?

— Isto depende da preparação de cada um para a passagem de um estado para outro.

— Quem eram os irmãos que me trouxeram até aqui?

— Socorristas que atendem aos que desencarnam e precisam ser amparados. Este é o serviço deles.

— Como isso acontece no astral, irmã?

— Eles recebem uma comunicação de um superior e vão amparar a alma que vai deixar o corpo para sempre.

— Então, tudo não passou de um sonho provocado pela dor e pelas mágoas.

— Do que o senhor está falando?

— Nada importante irmã. É comum os espíritos que vêm para cá terem devaneios?

— Sim, muito comum, sr. Simas. Às vezes passam semanas com suas mentes alteradas por visões do estado intermediário.

Alguns sofrem alterações profundas em seus mentais, e precisam de meses para se recuperar.

— Compreendo.

— Por que me perguntou isto?

— Só para esclarecer uma dúvida irmã. Eu sabia que era chegada a hora do meu desencarne, e tal emoção criou em mim um estado ilusório muito forte.

— É bom quando isto acontece sr. Simas, porque facilita o desencarne.

A alma sofre uma catarse e se liberta do corpo com muita facilidade, pois a mente não se retém no cérebro.

— Muito interessante, irmã. Como aprendeu tudo isto?

— Eu estudei muito sr. Simas, é por isto que posso falar um pouco do assunto. Não sou grande especialista, mas o pouco que sei já me ajuda quando sou indagada sobre algo referente a isto.

— Estudou também modéstia, irmã? — perguntei sorrindo.

— Para um espírito evoluir, não pode estudar a modéstia, mas possuí-la, sr. Simas! — respondeu ela piscando um olho e, com um sorriso nos lábios, saiu do quarto apontando-me a jarra.

Eu tomei um copo do líquido da jarra e vi meus dedos se iluminando lentamente.

"Muito interessante." — pensei eu.

Os dias foram se passando e não recebia visita alguma além da irmã que vinha me visitar periodicamente. Pelas minhas contas já fazia quinze dias que eu estava no quarto, quando ela entrou com umas roupas e depositou-as sob a cama.

— São suas, sr. Simas. Vista-as e poderá sair até o pátio para respirar um pouco o ar da noite.

— Isto quer dizer que já não inspiro maiores cuidados, irmã?

— Sim. Acredito que já esteja totalmente consciente do seu estado atual, e resolvi liberá-lo para sair do seu quarto.

— Obrigado irmã, sinto-me ótimo.

— Fique à vontade a partir de agora sr. Simas, e me procure se precisar de algo além da sua jarra de água.

— Onde a encontro caso precise de algo?

No final do corredor. Antes da saída tem uma sala e é lá que eu fico. Até mais sr. Simas!

— Até, irmã e obrigado.

Ela saiu do quarto e eu fiquei pensando sobre o que fazer. Por fim, me decidi.

Se não estivesse bem ela não teria me dado roupas, nem me dito que eu poderia sair até o pátio.

Troquei de roupa e fui ver como era o mundo, agora que não mais tinha um corpo de carne.

Ao passar pela porta da sala da irmã eu vi uma placa com o seu nome. Ela era uma médica.

"Muito interessante" — pensei eu, como era modesta a irmã.

Saí para o pátio e fiquei observando:

Era muito diferente das construções da terra. A construção era muito funcional. Era branca e cercada por um grande jardim.

Fui até o grande portão de entrada para ver com era o lado de fora. Ao chegar até ele vi um senhor tomando conta da entrada.

— Boa noite irmão! — cumprimentei-o.

— Boa noite sr. Simas, vejo que está muito bem.

— É verdade senhor, sinto-me ótimo. Como se chama irmão?

— José, sr. Simas.

— Bem, sr. José, diga-me. O que há lá fora?

— O mundo sr. Simas, o mundo todo está lá fora.

— Poderia me dizer como é o mundo sr. José?

— É o mesmo que o sr. deixou para trás, só que agora o sr. está do lado de cá.

— Isto quer dizer que não adianta buscar pelos meus, pois não serei visto ou ouvido, certo?

— Correto sr. Simas. Vejo que compreende a barreira que nos separa dos encarnados!

— Sim, e como eu compreendo isso, mas é uma pena. Fiz muito pouco pelos meus e gostaria de ajudá-los um pouco mais.

— Não podemos mudar as leis da criação sr. Simas.

— Eu sei disto meu amigo, é por isto que me conformo um pouco, mas não totalmente.

O que aconteceria se alguém sáísse desta instituição, amigo José?

— Ficaria solto no mundo. Lá fora há a liberdade de opção. Todos são livres para escolherem os seus rumos.

— Não existem organizações ou irmandades a que possamos nos integrar?

— Há muitas, sr. Simas. Cada uma está voltada para um fim, mas no fundo, todas são voltadas para o benefício dos espíritos que anseiam pela liberdade do plano terrestre.

— Talvez eu venha a integrar uma no futuro, mas não sei como.

— Isto não é difícil. De vez em quando aparecem aqui alguns dirigentes que recrutam aqueles que gostariam de integrá-las.

— Demoram a vir até este hospital?

— Às vezes vêm num intervalo breve. Mas não acha que deveria esperar que algum conhecido seu aparecesse por aqui?

— Duvido que venha alguém atrás de mim.

— Por quê?

- Eu não tinha raízes. Vagava de um lado para outro e não fiz grandes amizades na carne. Não pertenci a ninguém, por isto eu duvido que se lembrem de mim.

Assim é mais difícil, mas caso seus pais ou irmãos estejam na Luz, o procurarão.



— Também duvido disto.

— O senhor é muito pessimista, sr. Simas. Nunca estamos só, não importa o lado em que vivamos.

— Assim espero meu amigo, assim espero.

— Aguarde e verá que o que digo é verdade.

— Com sua licença, sr. José. Até a vista.

— Até a vista, sr. Simas.

Eu me recolhi ao quarto e fiquei imaginando quem poderia vir ao meu encontro.

Não encontrei ninguém além dos negros que eu havia ajudado na terra, ou os índios.

Como não vi alguém parecido com eles ali naquele retiro espiritual, eliminei esta hipótese também.

O mundo espiritual não era misterioso para mim. Eu fora muito bem preparado para encará-lo como uma sequência da experiência da carne. Não o desconhecia, muito pelo contrário, eu já tinha noções do seu funcionamento.

Só não entendia por que nenhum dos mestres havia aparecido para me ver. Se eu estava ali não era por acaso. Alguém achara que eu merecia um bom amparo, mas, por que estava tão só?

Estava pensando nisto, quando a doutora entrou em meu quarto.

— Como vai sr. Simas?

— Bem doutora.

— Vejo que saiu de seu quarto. O que achou do nosso jardim?

— Jardim? Oh, desculpe-me, prestei pouca atenção nele. Tinha outro objetivo quando saí, mas prometo que observarei melhor quando sair novamente.

— Não se incomode com isto. Vejo que algo o preocupa.

— Sim irmã. Estou preocupado com minha estada aqui.

— Qual o problema com sua estada aqui, sr. Simas?

— Não acho justo ocupar um lugar que poderia ser usado por alguém que dele necessitasse.

— Temos muitos quartos vazios, não se preocupe.

— Ainda assim não acho certo. Estou me sentindo um inútil aqui.

Quando virão os recrutadores de auxiliares até esta instituição?

— Não sei. Eles vêm sem nos dizer. Chegam e perguntam se há alguém com vontade de sair daqui.

— Quando passar alguém, avise-me, por favor, sim?

— Não prefere esperar que alguém venha procurá-lo?

— Isto não acontecerá, irmã. Estou só no astral, e vou partir assim que surgir uma oportunidade.

— Eu o avisarei sr. Simas, mas acho que está sendo precipitado. Às vezes demora para aparecer alguém a procura dos que estão instalados aqui. Pense bem antes de tomar tal decisão!

— Já me decidi irmã, parto com o primeiro que aparecer.

— Vou deixá-lo só, assim poderá pensar melhor. Até mais tarde.

— Até a vista, irmã.

Eu não lhe disse, mas achava que meus pais não estavam preocupados comigo. Talvez tivessem retornado à carne para esquecerem do desgosto que sofreram comigo.

Mais alguns dias se passaram sem que ninguém viesse à minha procura. Já estava ficando impaciente, quando fui avisado da chegada de alguns recrutadores ao retiro. Corri até eles. Era minha oportunidade de sair daquele lugar sem movimento algum, além do trânsito dos internos. Apresentei-me:

— Sou Simas de Almoeda e gostaria de ser útil de alguma forma. Não agüento mais ficar aqui.

— Então venha conosco, sr. Simas. Esperamos que possa ser bem aproveitado em nossa organização. Não quer saber o que fazemos no mundo maior?

— Não. Qualquer coisa é melhor que ficar aqui abandonado.

— O sr. não está abandonado. Tem todo o conforto aqui nesta instituição.

— O sr. não me entendeu! Eu me referia a não poder ser útil.

— Então nos acompanhe sr. Simas, em segundos iremos até a nossa sede.

Despedi-me da doutora e do sr. José. Em breve eu iria estar longe, e me sentia devedor deles.

— Doutora, eu lhe sou eternamente agradecido. Hoje nada posso oferecer-lhe em sinal de gratidão, mas espero um dia voltar aqui e ser-lhe útil de alguma forma.

— Eu já me sinto agradecida apenas com sua disposição para o trabalho com outros irmãos nossos, sr. Simas. Tenho algo para que se lembre de nós!

— O que é?

— Espere um instante, volto logo.

Pouco depois ela voltava com algo envolto em um pano azul. Ao desembrulhá-lo, vi que era uma espada muito bonita.

— Esta é a lembrança irmã?

— Sim, sr. Simas. Gostou dela?

— E muito bonita, irmã, mas eu nunca usei uma enquanto estava na carne não saberei o que fazer com tão bela espada.

— O senhor vai sair pelo mundo e talvez venha a precisar dela algum dia, leve-a.

— De quem era esta espada.

— Um visitante me presenteou com ela há algum tempo atrás. Como eu não a uso, resolvi que a daria a quem eu achasse que saberia usá-la com dignidade.

— Obrigado pela confiança que deposita em mim. Vou levá-la por ter me escolhido, mas espero nunca precisar usá-la.

— Esta espada é encantada, sr. Simas. Pelo uso que fizer dela poderá torná-la somente luz, ou aço frio.

— Espero que ela se ilumine se eu não usá-la — disse eu sorrindo.

— Não duvido disso. Sinto que o sr. possui uma força interior muito grande.

Nisto os recrutadores se aproximaram, e um deles falou:

— Vamos, sr. Simas, temos que partir.

— Sim. Eu já me despedi da doutora e estou pronto para acompanhá-los.

Nós vamos nos volatizar no espaço, e talvez o sr. se sinta um pouco enjoado quando chegarmos, mas não se preocupe, logo passará.

Pegaram minhas mãos e me vi transportado a uma velocidade vertiginosa. Em instantes estávamos num local meio escuro. Sentia-me tonto, e com vontade de deitar.

— Venha até aqui e descanse um pouco, logo estará bem sr. Simas.

Fui cambaleando até um banco de madeira ou algo parecido e sentei-me. Pouco depois já me sentia melhor.

— Foi difícil amigo?

— Não. Eu já havia feito viagens no espaço quando estive num templo de magos, mas ela havia sido lenta. Isto aqui é vertiginoso.

— Agora o sr. não tem o corpo físico para torná-lo pesado, e pode se transportar a uma velocidade superior à da luz.

— Isto é possível?

— Sim. Com o tempo nós o ensinaremos e poderá viajar sem nosso auxílio.

- Como posso conseguir fazer isto?
- Com treino mental. Sua mente o guiará para onde quiser.
- Estou interessado em aprender o mais rápido possível, meu amigo.
- Quando tivermos que fazer nova viagem o levaremos conosco. Assim irá se habituando à vertigem que ela causa. Agora vamos mostrar-lhe nosso trabalho. Não se assuste com o que verá, pois existem lugares piores do que este retiro espiritual do astral.

## O CAVALEIRO REINICIA SUA CAVALGADA

Em outro lugar, no retiro em que eu estava internado, outros chegavam.

- Eleja se foi irmã?
- Sim cavaleiro. Partiu a pouco e acho que desistiu de esperar por vocês.
- Não podíamos nos mostrar por enquanto. Queremos que ele se habitue à nova vida primeiro.
- Eu acho que ele se sente só neste novo mundo. Senti sua tristeza e ouvi seus pensamentos de remorso. Ainda se sente culpado pelo seu desencarne.
- Enquanto alimentar este sentimento, nós não poderemos nos aproximar dele.
- Por que não, querido? — era minha mãe quem falava agora.
- Seria pior para nós três se forçássemos um encontro agora.

— Mas Simas está tão solitário em sua nova caminhada. Nós poderíamos ajudá-lo muito.

— Não. Ele achará seu próprio caminho. Para onde ele foi irmã?

— A um campo de amparo a almas leprosas.

— Que horror, ele vai ficar chocado com o que irá ver lá, querido.

— Não disse a ele para onde estava indo?

— Ele não quis saber, e eu não lhe disse nada também. E uma ordem do Cavaleiro Beira-Mar. Eu só cumpri o que me foi pedido.

— Compreendemos sua posição, doutora.

— O Cavaleiro do Mar disse que irá visitá-lo de vez em quando. Aviso-os, quando souber de algo, está bem?

— Obrigado querida irmã, adeus!

— Adeus meus amigos!

Eu não sabia, mas algumas pessoas se preocupavam comigo. Mas como iria saber disto?

O que eu estava vendo me deixava estarecido.

— Acalme-se amigo Simas, isso é mesmo assim. Nós não podemos modificá-los de uma hora para outra.

— Há quanto tempo estão aqui?

— Alguns vieram a pouco, outros já estão há tanto tempo, que nem o sabemos. São anteriores à nossa chegada aqui. Periodicamente somos trocados por outros.

— Posso olhá-los?

— Sim, mas antes venha até onde ficamos para que veja o seu quarto.

Eu fui com eles. Um se chamava Jorge e o outro João. Eram muito simpáticos e calmos no falar.

Após ver o meu quarto voltei ao grande galpão que servia de abrigo àqueles irmãos menos favorecidos.

A extensão do galpão era enorme, e havia diversos deles, todos abarrotados por espíritos doentes. Era horrível aquela visão. Era algo de comover até a mais insensível das criaturas.

Comecei a caminhar por entre as camas toscas. Só se ouviam gemidos e lamentos. Muitos choravam alto devido as dores que sentiam.

Eles olhavam para mim e clamavam por socorro.

— Meu Deus, que horror! Por que isto Pai Amado? — disse eu em desespero diante de tanto sofrimento.

— Nós merecemos, senhor. Não soubemos manter nossa fé durante a nossa provação, e este é o preço da blasfêmia contra Deus.

Eu me aproximei do homem que havia dito aquilo.

— Como sabe disto, senhor?

— Não sabe que somos almas esquecidas por Deus, amigo?

— Eu ainda não sei de nada, apenas estou horrorizado com tanto sofrimento.

— Vejo que é novo aqui, senão já teria se acostumado com o nosso sofrimento

— Nunca me acostumarei ao sofrimento alheio, irmão! Isto é algo que não posso compreender. Há quanto tempo está aqui?

— Não sei. Já perdi a noção do tempo há muito.

— E nada faz para alterar seu estado atual?

— O que poderia eu fazer se sou um devedor de Deus? Ele não se incomoda com minha dor.

— Eu creio que Ele se incomoda, mas o senhor não tem feito muito para que possa se curar.

— Eu já tentei orar, mas não tenho coragem para clamar por Ele, sinto vergonha do meu passado.

— Há um tempo para o erro e um tempo para o perdão. Quem sabe já seja o tempo do perdão, não?

— Como pode saber disto?

— Não sei, mas não gostaria de fazer uma prece comigo?

— Já me esqueci de todas as orações que aprendi quando era criança.

— Eu o ajudo. Oro uma vez a Deus e clamo pelo senhor. Depois fazemos a mesma prece juntos, está bem?

— Obrigado senhor.

Eu comecei a orar, após me ajoelhar. Clamava a Deus pelo sofrimento daqueles irmãos menos favorecidos. Estava com os olhos fechados enquanto orava.

Após terminar a prece e o pedido ordenei a ele que orasse comigo.

— Sim senhor.

E fizemos a oração juntos. Eu tomei suas mãos e senti uma forte corrente passar por mim e ir para ele.

Quando terminei novamente a oração, ele chorava alto.

Eu o olhei e me assustei. Ele estava curado! Seu espírito havia se recomposto e não apresentava qualquer chaga.

— Não chore irmão, Deus ouviu sua prece. Ele não estava longe, apenas queria ouvir sua prece.

— Eu não cheguei a orar. Do seu corpo brotava uma luz muito forte que me envolvia todo, e minha dor cessou. Foi o senhor que me curou!

— Não fui eu amigo. Foi sua fé que o curou. Deus ouviu seu clamor e nada mais.

— Como poderei pagá-lo, irmão de luz?



— Não me deve nada, amigo. Se alguém deve ser agradecido, é Deus. Agradeça a Ele, e Ele ficará satisfeito amigo.

— Eu não sei como agradecê-lo.

— Não queria pagar-me a pouco?

— Sim. Faria qualquer coisa que me pedisse.

— Pois Deus não lhe pede nada, apenas espera que você faça algo em sinal de gratidão. Converse com Ele, acredito que ouvirá suas palavras com atenção.

O homem, que ainda estava ajoelhado, começou a falar!

— Obrigado meu Deus. Mandou-me um anjo em auxílio, peço perdão por tê-Lo abandonado um dia, mas de hoje em diante eu O servirei onde quiser ou mandar.

E mais não falou, pois o pranto não deixou. Quando se acalmou, eu o levantei e disse:

— Venha comigo, amigo. Já sei como servirá a Deus. Fomos até o alojamento e perguntei se tinham algum livro de preces. João me respondeu:

— Tenho um sim! Mas como este homem foi curado, e que sinais são estes em seu peito?

Eu olhei no meu peito e vi as três cruzes iluminadas. Era a minha marca no templo dos magos. Não as tinha visto ainda. Achava que existiam somente na carne, não no espírito.

— Isto é um símbolo dos magos do templo da Pérsia, amigo João. Quanto a ele, foi só orar a Deus para se curar.

Ele ficou me olhando um instante, e depois foi apanhar o livro de orações. Ao entregá-lo, ficou olhando o símbolo.

— Que maravilha é este seu símbolo, amigo Simas. É a primeira vez que vejo alguém com ele no espírito.

— Eu não sabia que ele estava em mim. Só descobri isto agora, mas, dê-me o livro, por favor!

— Como se chama amigo?

— Josué, irmão de luz.

Eis aí, amigo Josué, volte a aprender a orar. Logo ira ensinar os outros que já se esqueceram como se dirigir ao Pai Eterno. Todos devem saber que a prece é o bálsamo da alma. E assim que Deus quer o seu auxílio por enquanto.

— Obrigado irmão de luz. Eu farei o que me ordenou.

— Eu não ordenei, apenas sinto que é isto que ele quer que você faça por ora e lhe transmiti, mas não foi uma ordem, está bem?

— Sim senhor. Vou voltar ao meu lugar no alojamento.

— Incrível, amigo Simas! Estou espantado com seu poder.

— Eu não possuo poder algum amigo João. Ocorre que Deus ouviu as preces daquele homem, apenas isto.

— Você disse que foi num templo persa?

— Sim, por quê?

— Temos um alojamento onde estão alguns internados que não nos compreendem. Por acaso fala outras línguas?

— Eu falo várias línguas, podemos ir vê-los caso queira.

— Então vamos. Não sabia o que fazer para acalmá-los.

Fomos até alojamento. Era um horror o estado daquelas almas sofredoras. Ali ouviam-se lamentos em várias línguas, e eu compreendia a quase todos.

— Quantos há aqui, amigo João?

— Alguns milhares, não sei ao certo.

Eu comecei a caminhar entre eles. Havia muitos deitados no chão, porque não tinha cama para todos.

Quando passei por uma jovem, ela me chamou com uma voz de lamúria. Eu a entendi.

Começamos a falar em sua língua. Após algum tempo de conversa, ela já estava mais calma.

Novamente orei por ela e depois ela orou comigo e também se curou.

O amigo João ficou admirado com o que viu.

— De você brota luz cristalina, amigo Simas! Seu símbolo tocou a moça e ela se curou.

— Tudo é por Deus meu amigo. Não comece a inventar desculpas pelo que não compreende. Tudo é por Ele, e sem Ele nada é feito.

— Ainda assim eu vi como aconteceu. Quem é você, amigo Simas?

— Sou Simas de Almoeda e nada mais.

Na língua da jovem, eu a acalmei. Quando parou de chorar, pediu-me que a levasse comigo.

— Isto não é possível, irmã. Mas vou ver se podemos ajudá-la.

Voltei-me para João e perguntei:

— Existe algum lugar para ela fora daqui? Ela está muito abalada com tudo o que lhe aconteceu e quer que a levemos conosco.

— Não temos onde alojá-la Simas. Está tudo superlotado por aqui.

— Por que, amigo João?

— Isto aqui é um depósito de almas sofredoras, caso não saiba. De vez em quando, aparecem alguns amigos e levam aqueles que já estão prontos para a partida.

— Aceita uma sugestão, amigo João?

— Sim, qual é?

— Vamos mudar um pouco as coisas por aqui?

— O que pretende fazer Simas?

— Há alguém para fazer orações com estas pessoas?

— Aos domingos vem um irmão até aqui e faz orações em todos os pavilhões.

— Gostaria de iniciar o doutrinamento desta gente. Algo que fosse diário e contasse com a colaboração ativa deles. Não podem ficar indefinidamente aqui, esperando que um milagre aconteça.

— Vamos falar com o irmão Jorge, ele é quem dirige tudo por aqui. Eu peguei na mão da jovem e a levei comigo. Ela sorriu agradecida. Após falarmos com o irmão Jorge, ele consentiu com minhas idéias.

— Só que não temos onde deixar a jovem. Ela terá que voltar ao alojamento.

— Eu dividirei meu quarto com ela. Vou ensiná-la a falar nossa língua, depois poderá nos ajudar também, porque há muitos que falam a sua língua. Quem os trás até aqui?

— São os amigos cavaleiros. Eles vagam pelas trevas e os recolhem às centenas. Existem muitos alojamentos como este espalhados por aí.

Calou-se e ficou olhando para mim.

— Espero que não pense que estou querendo passar sobre o seu cargo, amigo Jorge!

— Eu não pensava nisto, amigo Simas. Mas acho que não é certo levá-la para seu alojamento.

— Sinto pena dela. Está muito abalada e quero apenas ajudá-la.

— Veja bem o que vai fazer meu amigo. Não quero ser advertido por consentir isto a você.

— Não se preocupe meu amigo. Acho que conheço muito bem minha responsabilidade perante Deus para que alguém venha a sofrer por algum erro de minha parte, mas caso não consinta nisto, eu a devolverei ao alojamento.

— Não Simas, acho que estou sendo um tolo. Você fez o que nós não conseguimos. Peço desculpas se pensei algo baixo em relação a você meu amigo! Quanto ao meu cargo, é o mesmo que o seu. Somos todos servidores do mesmo senhor nosso Deus. E tudo o que fizer, acredito que será Ele ouvindo nossas preces de auxílio. Talvez você tenha sido enviado por Ele em nosso auxílio.

— Não diga isto meu amigo. Sou um espírito igual a todos, nada possuo de especial. Gostaria que não dissesse mais isso, senão pedirei que me leve de volta ao hospital.

— Está bem, não o tratarei diferente dos outros. Vou dar roupas novas a esta jovem, pois está com uns farrapos a lhe cobrir o corpo.

— Obrigado irmão, que Deus o abençoe por sua bondade.

Por incrível que pareça, as três cruzes iluminaram-se e chegaram até ele. Imediatamente, ele se ajoelhou e eu o levantei rapidamente.

— O que está fazendo?

— Saúdo a um ser superior a mim.

— Nunca mais faça isto! Sou igual a você, e ajoelhar-se, só diante do Criador e mais ninguém!

Eu o abracei comovido com sua humildade, mas nem eu compreendia o que estava acontecendo. Quando nos separamos, os dois tínhamos lágrimas nos olhos. Olhamo-nos por um instante e ele me pediu:

— Poderia nos ensinar um pouco mais das coisas divinas, amigo Simas?

— Não creio que tenha algo a ensinar-lhe meu irmão.

— Pois eu penso que tem, não gostaria ao menos de tentar?

— Vou pensar nisto, e se achar que posso, direi depois. Até amanhã irmão!

— Até amanhã, irmão Simas. Que Deus o abençoe também!

Eu agradei suas palavras e chamei a jovem. Ela se despediu deles em sua língua.

— O que ela disse Simas?

— Ela falou: "Obrigado e que Deus os pague por serem tão bons. Até amanhã!".

## SURGE UM NOVO AMOR

Fui com a jovem até meu quarto e dei-lhe a roupa nova. Como era um quarto pequeno e sem divisões, eu saí para que ela se trocasse. Quando terminou, chamou-me.

— Está muito bonita agora, minha irmã. Nem se parece mais com aquela que vi quando entrei no alojamento.

— Eu lhe agradeço sr. Simas. Sou sua de agora em diante.

— Você não está mais no mundo material, irmã. Os seus antigos costumes nada valem aqui. Agora você é um espírito sem corpo e não um corpo sem alma, como era antes do desencarne.

Ela se assustou com minhas palavras.

Expliquei-lhe que tinha morrido há muito tempo e que já não pertencia mais ao mundo material mas sim ao espiritual. Como chorou a jovem!

Procurei transmitir a ela um pouco de calma e esclarecimentos. Algum tempo depois, ela já estava mais equilibrada.

— Conte-me como tudo começou, Soraya! — exclamei.

— Eu não sei há quanto tempo estava doente, mas lembro como tudo começou. Eu animava os homens de negócios que vinham à minha cidade. Ganhava bem por isto, e agi assim até que a lepra me contagiou. Fui levada a um leprosário e dali para frente só vim a tomar consciência de tudo agora que o sr. me curou.

— Deus a curou. Creio que Ele se apiedou de você e quer tê-la a Seu serviço. Ainda guarda lembranças do seu tempo de companhia de homens?

— Sim, não consigo esquecer daquele tempo que tanto me marcou.

— Pois terá que compreender e aceitar que este tempo ficou para trás e que é hora de se curar de todas as chagas do passado. Somente assim poderá servir a Deus com amor e pureza de alma.

— Ensinará a mim como conseguir isto?

— Sim, mas só se você se ajudar. Do contrário, voltará ao seu antigo estado, em que o desejo a dominava tal qual a lepra.

— Eu não sinto desejo algum, sinto apenas muita vontade de me limpar da imundície que carrego em minha consciência.

— A vergonha é o maior estímulo à nossa correção interior, e serve como um freio para novos erros, Soraya.

— Aceita-me como sua auxiliar? Eu o ajudarei em tudo o que for possível.

— Eu aceito sua ajuda. Agora é hora de agradecer ao Criador por Sua generosidade. Ore comigo, irmã!

— Sim mestre.

— Não sou seu mestre, apenas seu irmão.

— Sim irmão mestre.

— Diga só Simas, está bem? É o meu nome.

— Sim mestre Simas.

— Deixa pra lá! Vamos orar?

Após orarmos, mandei-a descansar na cama, que eu ficaria no chão.

— Deixa que eu me deito no chão, eu já estou acostumada a dormir no chão.

— Você dormia no chão porque não tinha uma cama, mas eu durmo no chão porque gosto. Vamos, deite-se.

Ela foi para a cama e eu me recordei dos tempos em que viajava com Jasmim, quando dormíamos no chão todas as noites.

— Jasmim, onde estará você agora, minha filha?

— Quem é Jasmim, mestre Simas?

— Não é ninguém, Soraya. Eu só pensei em voz alta. Durma e não ligue para o que falo para mim mesmo.

— Ela deve ser muito querida pelo senhor, não?

— Sim. Ela me guiou por muitos anos, quando era um cego e não tinha mais ninguém comigo. Jasmim era minha luz. Sinto tanto não poder tê-la comigo agora.

— Ela ainda está na carne, mestre Simas?

— Não Soraya. Desencarnou pouco antes de mim e sequer pude ver seu rosto quando morreu.

— Sinto muito. Deve sofrer muito por isto.

— Sim, eu sinto muitas saudades dela, sinto também de minhas esposas, dos filhos e dos amigos, mas não pude ver ninguém depois de minha morte. Onde estarão agora?

— O senhor não sabe?

— Não.

— Por que não lhe dizem?

— Acho que não sabem também. O mundo astral é muito grande, Soraya. Mas um dia eu os encontrarei, e também aos meus pais. Tudo é uma questão de tempo. Agora procure conciliar o sono. Boa noite Soraya!

— Boa noite, mestre Simas.

As horas passavam e eu não conseguia adormecer minha mente pensava em tantas coisas que ficaram sem explicação. E a minha sereia, onde estaria ela agora? Por que me pareceu tão real sua aparição na praia e agora não se mostrava mais a mim? Comecei a chorar baixinho. Não queria acordar Soraya.

— Por que chora, mestre Simas?

— Você não dormiu ainda?

— Não. Só estava em silêncio para não acordá-lo, mas não consigo dormir nesta cama. Acho que também me acostumei a dormir no chão. Posso me deitar a seu lado?

— Venha, acho que temos muito em comum Soraya.

Ela se deitou ao meu lado e encostou sua cabeça no meu ombro.



— Você parece Jasmim. Quando íamos dormir ela ficava sempre deste lado.

— Já que ela não está aqui, eu tomo o lugar dela. O senhor deixa mestre?

Entre soluços, eu consenti.

— Sim, você será outra Jasmim para mim.

— Eu nunca tive alguém bom para ficar ao meu lado e me dar boas palavras. Talvez, seja por isso que eu tenha sofrido tanto quando na carne. Gosto do senhor, mestre Simas.

— Eu também gosto de você Soraya. Acho que será uma boa auxiliar. Que Deus a abençoe por ter surgido em meu caminho.

— Que Ele o abençoe também por ser tão bom comigo. Acho que já não odeio mais os homens.

— Você os odiava?

— Sim.

— Pois saiba que o ódio é uma das piores coisas que podemos alimentar em nossa mente.

— Não vou odiar a mais ninguém de hoje em diante.

— Fico feliz por isto, agora vamos dormir, logo amanhecerá.

— Sim, mestre, mas não chore mais senão eu choro também.

— Sabe que eu vejo uma pequena luz azul envolvendo seu corpo?

— A sua também está azul mestre. Acho que está passando do senhor para mim.

— Não, é a sua luz começando a despertar de seu lado bom.

— É assim que isso acontece?

— Foi isto que aprendi com os mestres do saber sagrado.

—Fale-me deles, mestre Simas.

— Outro dia Soraya, esta é uma longa história e não poderia contá-la toda agora. Além do mais, já estou com sono, vou dormir um pouco.

E paramos de falar. Logo dormimos. Acordei com batidas na porta. Era o irmão João que me chamava.

— Soraya, acorde. Acho que perdemos a hora.

— Hã? Ah, bom dia mestre Simas! Estou com sono ainda.

— Então fique deitada que vou ver o que há para ser feito hoje.

Eu vou com o senhor. Não vou deixá-lo só nem um minuto.

Sáímos e o irmão João me pediu para ajudá-los na distribuição de um soro que servia de alimento aos enfermos, explicou-me ele. Era isto que os mantinha ali.

Eu apanhei um recipiente e uma caneca. Mandeí Soraya apanhar outro também, e começamos a distribuição.

Quando chegamos ao alojamento em que se encontrava o amigo que havia se curado, ele veio ao nosso encontro.

— Posso ajudá-los também?

— Sim, vá lá e apanhe um daqueles recipientes e vá distribuindo uma caneca a cada enfermo.

Logo éramos quatro a fazê-lo, e foi mais rápida a distribuição. Quando terminamos ali, fomos aos outros alojamentos auxiliar aos outros servidores na tarefa.

— Vejo que temos mais três auxiliares hoje, irmão João. Vai ser mais fácil o trabalho — falou uma senhora já idosa.

— Sim, irmã Maria. Este é Simas, aquele é um dos nossos antigos enfermos, chama-se Josué, e ela também era uma enferma, mas não sei o seu nome.

— Ela se chama Soraya. E apontando para eles fui falando para ela: irmão Josué, irmã Maria e irmão João.

Com dificuldades, ela os repetiu. Fiz com que dissesse os nomes várias vezes. Quando ela já os dizia com facilidade, fomos para outro pavilhão.

Logo o grupo de servidores aumentou e todos se ajudavam na tarefa. Havia uma alegria em todos nós que eu não saberia explicar.

À tarde a operação se repetiria novamente. Eu perguntei ao irmão João o que continha aqueles recipientes.

— É um preparado que os fortalece e os faz sentirem menos as dores. O que vai fazer esta noite, Simas?

— Gostaria de poder visitar todos os alojamentos e orar por eles.

— Posso acompanhá-lo?

— Como não? Eu ia mesmo convidá-lo.

— Ótimo. Eu irei com muito prazer.

E à noite eu comecei a visitar os pavilhões. Em cada um eu orava com fervor e falava com eles.

— Orem ao Pai Eterno e assim serão ouvidos. Não temam em orar e pedir perdão. Somente os que realmente sentem vergonha do passado têm coragem de admitir seus erros e clamarem pela bondade infinita de Deus.

E eles oravam comigo. Sim, como precisavam de um doutrinador para mostrar-lhes o caminho que os conduziria aos braços do Pai Eterno.

Quando terminei já era tarde. Sentia-me esgotado e falei disso com João.

— Estou me sentindo muito cansado amigo.

— Você se doou por eles amigo Simas, eu vi suas três cruzeiras iluminar a muitos. Não duvido se não foram curados de suas chagas quando iluminados.

— Não eram minhas três cruzes, mas sim as cruzes do calvário simbólico do Cristo Jesus, meu amigo! Vamos descansar agora?

— Vamos, já é tarde.

Fomos, cada qual para seu alojamento. Eu me deitei no chão.

— Mestre, se está cansado, por que não deita na cama que é mais macia? Lá descansará melhor.

— Está bem Soraya, mas e você?

Eu me deito ao seu lado, pois agora sou sua nova Jasmim.

- Está bem, mas você poderia orar hoje e eu acompanho em pensamento?

— Sim senhor. Deite-se que eu oro por nós dois.

Só ouvi o começo da oração e nada mais. Em instantes minha mente se apagou.

Acordei no dia seguinte com Soraya sentada ao meu lado, segurando minha mão.

— Já está acordada? Onde você dormiu?

— Ao seu lado, não senti minha cabeça em seu ombro?

Não. Acho que minha mente se apagou. Nem consegui ouvir sua oração, desculpe-me! Vamos ao trabalho?

— Sim, mestre. Sabe que estou gostando deste lugar?

— Como assim, Soraya?

— Lembro de quando aqui cheguei. Estava em desespero e pouco a pouco fui me acalmando, hoje estou curada e ainda tenho um mestre só meu.

— Já ouvi alguém falar assim antes.

— Quem?

— Raios de Lua e Jasmim. Eu era o Pajé Branco da primeira e o Mago Branco da segunda.

— Então, na terra o senhor era um mago?

— Acho que sim, mas não tenho muita certeza, porque após a minha morte eu não encontrei mais ninguém. Creio que não me consideravam de fato um mago.

— Pelo menos para mim é um mestre muito bom.

— E você é uma aprendiz em que eu deposito muita confiança. Espero que saiba guardar segredo, do contrário eu não lhe ensinarei muita coisa.

— Não faltarei com sua confiança, mestre Simas!

Vamos, estamos atrasados no auxílio aos enfermos.

Apressamo-nos e logo estávamos pegando os recipientes com o líquido a ser distribuído aos enfermos. Os outros já estavam fazendo a distribuição.

— Por que não me chamou, amigo João?

— Eu vi como você estava cansado ontem à noite e preferi deixá-lo descansar um pouco mais.

— Não é justo. Estou aqui para trabalhar e não quero ser tratado de outra forma.

— Pois saiba que mais alguns se curaram durante suas preces ontem à noite.

— Onde estão eles?

— Ajudando na distribuição do bálsamo aos enfermos.

— Foram muitos?

— Uns vinte mais ou menos, o que acha disto?

— Deus se mostra a nós em toda Sua grandeza. Devemos aproveitar a Sua bondade e transformar a estes que estão se curando, pois isto é do seu merecimento e devemos ajudá-los a se tornarem instrumentos do Criador.

— Você saberia como?

— Sim. Tudo tem uma função no universo e cada movimento deste universo é um sinal para o aperfeiçoamento ou expansão desta função. Poderia reuni-los à tarde para que eu conversasse com eles?

— Deixe isto comigo, mestre Simas.

— Mais um adepto?

— Sim, mais um adepto do seu modo de agir. Soraya vai ter de dividi-lo conosco, e olhe que não sou só eu. O irmão Jorge foi visitar os seus superiores para relatar o que você tem conseguido com sua fé.

- Isto não devia ter acontecido sem eu ser antes avisado, amigo João.

— Por que?

— Ele está sendo precipitado. Tudo o que está acontecendo é somente um gesto de bondade de Deus, talvez queira apenas nos testar. Por isto vamos devagar com nosso entusiasmo, meu amigo. Nunca credite a um simples espírito o que a Ele, o Criador, pertence. Cuidado com a vaidade, irmão João, porque quando estamos sendo testados por Ele, devemos nos acautelar mais ainda.

— Vou guardar esta lição em minha mente mestre Simas.

— Não guarde só para você, mas acha uma forma de, com suas palavras, passá-la adiante. Que valor ela terá se não for ensinada?

— Mais uma lição. Um dia serei um mestre como você, amigo Simas. Preciso apenas prestar atenção em suas palavras.

— Está certo amigo João, mas não se impressione comigo, pois ainda estou aprendendo com você. Tem muitas coisas que desconheço, e você é mestre nelas. Que tal me ensinar um pouco também?

— Vou tentar!

— Não tente, ensine, e verá que sabe muito mais que pensa. Olhe à sua volta e veja quantos precisam ser esclarecidos. Não lhes dê só o

bálsamo que alivia as dores. Dê também a fé e a esperança que cura as chagas do passado e os aproximam um pouco mais do Criador. Acho que eles não estão aqui apenas aguardando que alguém mais iluminado venha buscá-los para que ouçam estas verdades. Vamos ensiná-los, amigo João, e assim nossos superiores que não conhecemos, terão um pouco menos de trabalho quando vierem buscá-los. Pelo menos à verdade eterna eles já conhecerão, e assim dependerá de cada vivê-la ou não.

— Boas palavras, Simas de Almoeda.

Voltei-me e deparei com um homem muito alto e longa barba, igual à minha, mas a dele era negra, enquanto a minha era branca. Calei-me.

— Irmão Simas, este é o irmão Lair, meu superior.

— Muito prazer em conhecê-lo irmão Lair. Espero que desculpe meu modo de ser. Quando começo a falar das coisas divinas fico um pouco envolvido com o que digo.

— Fico feliz que seja assim, amigo Simas. Vejo que já temos um doutrinador neste que é um lugar de dor e sofrimento. Deus ouviu nossas preces e o enviou em auxílio a este que é um dos piores locais na crosta terrestre.

— Eu sou um espírito que desencarnou a pouco, e não sei quase nada das coisas deste mundo irmão Lair. Acho que não sou este enviado.

— Pode não saber das coisas deste lado, mas conhece profundamente as coisas divinas, e isto é o que importa. Vim aqui para conhecê-lo pessoalmente.

— Fico contente em conhecê-lo também, irmão Lair, mas acho que o irmão Jorge andou falando o que não devia a meu respeito, e isto me deixa triste.

— Ele não falou nada mais do que eu vi e ouvi a pouco. Quando na carne, foi um iniciado, não?

— Apenas procurei aprender o possível sobre as leis que nos regem, tanto na carne como no espírito.

— Então, é um iniciado. Gostaria de me auxiliar na sede de nossa organização? Lá poderia nos ser muito útil.

— Obrigado irmão Lair, mas se eu puder ser útil aqui, prefiro servi-los ao lado dos enfermos.

— Você é quem sabe. Precisamos de pessoas como o senhor em nossa organização espiritual, no dia que se cansar de ficar aqui é só me procurar.

— Eu fico muito honrado com suas palavras, mas se eu me cansar de socorrer aos sofredores é porque não estava preparado para tal tarefa. Se me sentir fraquejar, eu falarei com o irmão Jorge.

— Ele não vai estar aqui por muito tempo, porque já está na hora de transferi-lo para outro cargo.

— Com sua licença irmão Lair, mas eu gostaria de ficar um pouco mais por aqui, caso isto seja possível.

— Como quiser, Jorge. Avise-me quando achar que deve ir para seu novo cargo. Agora devo voltar ao meu local de trabalho. Vou providenciar os materiais que vocês me pediram.

— Obrigado, irmão Lair. Isto irá tornar mais confortável a estada destes infelizes em nosso retiro.

O irmão Lair partiu e Jorge procurou justificar-se:

— Fui eu quem pedi minha transferência há algum tempo atrás, mas acho que estava errado.

— Por que? — perguntei.

— Você falou algo que me mostrou como estava errado. Vou procurar aprender com você, amigo Simas.

— Não sei de que maneira eu mudei sua vontade de sair deste lugar.



— Sou útil aqui, e por que mudar se posso ajudar mais aqui do que lá na sede da organização?

— Fico feliz que tenha mudado de idéia. Acho que todos nós iríamos sentir sua falta.

— É isto mesmo, irmão Jorge. — falou o irmão João.

— Está decidido. Vamos tocar com muita fé e esforço nosso retiro de almas sofredoras. João, preciso falar com você, acompanhe-me!

Eles partiram, eu e Soraya voltamos aos nossos afazeres.

— Mestre, parece incrível, mas eu entendi o que falavam.

— Como conseguiu isso?

— Não sei, mas acho que foi a mo... (ela parou de falar).

— Continue Soraya, por que se calou de repente?

— Esqueci de algo. Volto logo mestre Simas!

Ela saiu correndo e pouco depois voltava. Eu estava distribuindo o bálsamo e ela apanhou um recipiente e fez o mesmo. Não tocou mais no assunto e eu também nem lhe perguntei, pois estava envolvido com o serviço.

À tarde nos reunimos com os que já se sentiam curados de seu sofrimento. Falei-lhes da bondade do Criador e de suas doutrinações nas coisas divinas. Ficou acertado que eu os ensinaria e eles nos auxiliariam.

A noite, as orações foram muito proveitosas, porque eu era acompanhado por um número crescente deles.

Com o passar do tempo, eles se mostraram ótimos auxiliares, e com a chegada de muitos materiais enviados pelo superior Lair, todos tinham onde se deitar.

— Eu estou muito contente com seu desempenho aqui, irmão Simas! Estamos mudando tudo por aqui e já não precisamos mais recrutar servidores. Temos até demais agora.

— Isto é bom irmão Jorge, assim temos mais tempo para melhorarmos o aspecto de nosso retiro. Logo isto aqui estará diferente e muito bonito.

— Graças à sua vinda para cá, Simas.

— Não! Graças ao seu esforço amigo Jorge. Se não tivesse uma visão tão ampla, não poderíamos fazer tudo isto. Divida os créditos dos louros da vitória que é sua, mas não os dê a um único, porque estará desmerecendo a si próprio.

— Esta noite irei à sede da organização, gostaria de me acompanhar?

— Será interessante conhecer algo fora deste retiro. Aceito o convite! Mais tarde comuniquei a Soraya que iria com o irmão Jorge a um lugar distante e que voltaria no dia seguinte.

— Leve-me com o senhor, mestre Simas?

— Não sei se poderá. Falarei com o irmão Jorge, e se for possível você irá conosco.

Fui falar com ele.

— Pode levá-la Simas. Vejo que ela se tornou inseparável, não?

— Sim. Creio que agora tenho uma filha, e ela não me deixa só um instante sequer.

— Ela o trata como um pai, Simas?

— Não sei se é assim que me vê. Mas penso que tomei o lugar do pai que não teve enquanto estive na carne.

— Duvido que seja isso, em todo caso ela é responsabilidade sua e deve saber melhor do que eu quais os sentimentos que ela nutre por você.

— Acha que ela tem algum outro sentimento em relação a mim?

— Eu não acho, tenho certeza.

— Mas ela é uma criança ainda. Tem a carência dos filhos maltratados.

- Na carne é possível entender isso, mas não no nosso

estado atual. Aqui não há crianças ou velhos, mas apenas espíritos mais ou menos evoluídos. Não foi isto que eu ouvi você falar um dia destes?

— Sim, mas quando falei não me referia a ela em especial, e sim a todos nós no geral. Esta é uma verdade eterna.

— Eu sei disso, e você também sabe!

— Vou procurar observá-la melhor.

— Não quero interferir em sua vida particular, mas cuidado, ela poderá vir a vê-lo como alguém mais que um pai.

— Vou dizer a ela que poderá ir conosco. Acho que assim verá que existem muitas pessoas boas neste mundo.

Fui ao encontro de Soraya e, ao dizer-lhe que poderia ir conosco, abraçou-me feliz. Lembrei-me das palavras do irmão Jorge e notei que ela realmente não me tratava como um pai. Fiquei preocupado com esta possibilidade.

— Não está se excedendo em sua alegria, Soraya?

— Por que? Não posso abraçá-lo se me sinto contente?

— Vejo que ficou muito animada com a notícia e acho que está se excedendo um pouco. Logo vão pensar algo que não existe entre nós.

— O que podem dizer sobre nós?

— Muitas coisas, penso eu.

— Só porque fico junto do senhor o tempo todo?

— Não. Este não é o problema, mas acho que deve vigiar melhor seus sentimentos, porque você não está mais na carne. Aqui é um pouco diferente.

— Sinto muito, mestre Simas, mas eu me sinto bem em estar ao seu lado. E tudo o que eu quero!

— Eu também gosto de sua companhia, é muito agradável conversar com você. Além do mais, está se revelando um espírito

muito elevado e tem sido uma das que mais trabalham por aqui, mas não deixe que o sentimento tome o lugar da razão.

— Desculpe-me se me excedi, vou vigiar mais meus atos. Já chega uma vez que eu me deixei levar por eles. Paguei muito caro por este erro.

Ao ver lágrimas em seus olhos, abracei-a com carinho.

— Não precisa chorar Soraya. Não é este o caso agora.

— Mas, eu não pude controlar um sentimento que nunca havia experimentado antes.

— Acho que você nunca recebeu um pouco de carinho e amor verdadeiro, por isso se sente tão ligada a mim.

— Vou me afastar do senhor, mestre Simas.

— Não precisa fazer isto, Soraya. Apenas não se deixe enganar novamente. Poderá sofrer por isto um dia.

Ela apertou-se a mim e falou:

— Nunca mais vou me enganar, mestre Simas, e com o senhor jamais sofrerei decepções.

— Pensa que não?

— Sim. Só de ficar ao seu lado já sou a criatura mais feliz do mundo.

— Um dia poderei encontrar minhas esposas e ir embora para sempre.

— Então, eu irei junto com o senhor.

— Acha que sou algum sheik do seu país de origem, para ter uma porção de mulheres me seguindo por onde eu vá?

— Não gosta da idéia? Eu não me incomodo de ver outras ao seu lado.

— Vejo que você é um caso muito difícil de ser solucionado.

— Enquanto não solucioná-lo, posso ficar junto do senhor? Afinal, eu sou a sua outra Jasmim!

— Está bem, mas lembre-se do que eu falei: vigie os seus atos e seus sentimentos, pois senão poderá vir a sofrer por causa deles.

— Mais do que já sofri?

— Sim, muito, mas muito mais. Não há nada pior do que sofrer por amor.

— Eu nunca sofri por amor. Só conheço como é sofrer pela ausência dele.

— Entenda uma coisa e evitaremos complicações futuras: eu gosto muito de você, Soraya, mas não como uma companheira, e sim como alguém que achei bom ajudar. Talvez seja como uma filha para mim. Eu a amo como um espírito que tem se esforçado para evoluir e esquecer do passado um tanto amargo.

— Eu sei que não vou substituir ninguém em seu coração, mas eu gosto de estar ao seu lado. Se isto é amor ou não, eu não sei, pois nunca achei alguém de quem eu gostasse tanto como do senhor, mestre. Mas uma coisa eu sei: sinto-me muito feliz ao seu lado!

— Acho que isto é amor, Soraya. Não o amor de uma mulher e um homem, mas sim de alguém que nunca amou e agora pensa que está amando, quando na realidade possui somente um sentimento de gratidão para comigo.

— Acredita que seja gratidão?

— Sim. O que um velho como eu, com estas longas barbas brancas, posso despertar em alguém jovem e bonita como você?

— Pode despertar o amor, ou isto é impossível?

— Não digo que seja impossível, mas não é certo, e além do mais existem muitos jovens que gostariam de tê-la como companheira neste lado do mundo. Creio eu, aqui o amor também existe.

— Eu não vi nenhum por aí que me agradasse.

— É lógico, você ainda não saiu daqui. Será bom ir conosco a outro lugar, quem sabe venha a ver outros homens e com o tempo tire estas tolices de sua mente.

— Não é tolice, e não está em minha mente. É no coração que eu sinto amor, e ele não pensa, só sente.

— Vejo que não adianta tentar esclarecer as nossas diferenças, você não abre sua mente para minhas palavras.

— O senhor não gosta quando eu me deito ao seu lado? Se é isto que quer dizer, eu me afasto do senhor.

— É isto Soraya, até que enfim você compreendeu. Eu a deixei ficar ao meu lado porque eu talvez quisesse sentir a presença de Jasmim, mas eu nunca imaginei Jasmim como uma mulher. Eu a tinha como meus olhos, pois eu não enxergava. Eu era um cego! Ela gostava de mim não como homem, mas, penso eu, como alguém que lhe transmitia a segurança e a confiança que havia perdido quando criança. Eu nunca notei em Jasmim um único gesto de desejo. Éramos dois seres incompletos, que se nutriam do amor mais puro que há, a comunhão dos espíritos. Eu errei ao pensar que encontraria outra Jasmim em você. Esqueci-me que não existem dois seres humanos iguais, e olhe que isto me foi bem ensinado pelos meus mestres na terra.

Esqueci-me de vigiar, não a mim, mas a você. E isto é muito grave. Estou criando em sua mente, não um sentimento de amizade fraterna, mas de dependência amorosa.

Enquanto eu a vejo como um espírito que pode evoluir até o infinito, você me vê como o companheiro ideal. Estes são sentimentos que não combinam. Um anula ao outro. Se eu deixar isto crescer, você sofrerá muito, porque poderá exigir de mim algo que não posso lhe dar e, ao mesmo tempo, irá se desviar do caminho que imaginei para você.

— Pode deixar mestre que eu me afastarei do senhor. Não o incomodarei mais com meus sentimentos.

— Não se magoe comigo. Eu só queria torná-la feliz. Acho que escolhi o pior dos caminhos.

— O senhor fez o que achou o mais certo, eu é que não compreendi o que queria. Mais uma vez, eu me enganei, mas que importância tem isso? Já sofri isto tantas vezes, que devia ter me acostumado. Mas no meu íntimo, eu sempre procurei alimentar uma chama para não deixar morrer o amor. Está na hora de apagá-la para sempre.

— Não faça isto. O pior que pode acontecer a alguém é matar a chama da esperança. Mantenha-a acesa, um dia ela arderá em toda sua força. Neste dia saberá o que é o amor.

— Eu já vi o amor, mas só de minha parte, mestre Simas. Enquanto descansava, depois de se esgotar pelos enfermos, eu ficava observando-o e dizia para mim: "Como não seria bom ter alguém assim lá na terra. Tudo teria sido tão diferente, mas ainda bem que o tenho agora". Acho que, mais uma vez, fui uma tola. Há aqueles que existem para amar e serem amados, e aqueles que não conhecem o amor. Eu sou um desses.

— Você tem apenas a lembrança dos anos que passou na carne, e nada mais. Esqueceu o seu passado milenar como espírito eterno, e não está dando tempo ao tempo para se reencontrá-lo. Continue evoluindo, e talvez mais à frente encontre alguém que a busca também, Soraya.

— Quem eu procurava, já encontrei. Agora não adianta mais procurar, será como no tempo em que eu vivia na carne: apenas um passatempo para os homens. Foi o que fui lá, e serei a mesma aqui. Comecei errando aqui também.

— Está confundindo tudo Soraya, apenas se apegou a mim. Isto é normal no nosso caso. Eu também errei com você, porque devia ter me lembrado da lição na terra. Pode comparar-me a qualquer um dos que se aproximaram de você na terra, porque há diferenças. No fundo, somos todos iguais.



Somos pessoas carentes de algo e pensamos que podemos encontramos isto a qualquer instante, e em função disso, pagamos um preço. A única diferença é que, na carne, alguém dá e alguém recebe algum dinheiro, e fica tudo acertado, mas no espírito o preço a ser pago é muito maior. Deve ser pago com lágrimas ou decepção, e é isto que estou tentando evitar que lhe aconteça. Não quero ter na minha consciência mais uma mulher que alimentou o amor por mim e veio a sofrer por isso.

— Mas já fez isto novamente, mestre. Eu já sofri!

— Como eu poderia imaginar que alguém jovem e bonita como você poderia sentir amor por alguém com minha aparência? O mais que eu imaginava, era uma boa amizade.

— Acho que não sabe como eu me sentia feliz ao seu lado. Eu via até nossa luz se misturar à noite. Era a fusão de nossas almas. Um só halo se formava à nossa volta, e eu pensava em suas palavras durante as palestras em que dizia que quando há amor, há a fusão das almas. Ou suas palavras eram falsas, ou eu é que não as compreendi direito. Vou voltar para junto dos enfermos e leprosos, parece que ainda não deixei de ser uma deles.

— Não faça isso, Soraya! Não destrua tudo o que sonhei poder fazer por você.

Já não tem mais sentido eu alimentar o sonho do que poderia fazer ao seu lado. Foi tudo ilusão de minha parte. Creio que o senhor tem medo de sentir amor por alguém. Sentia-se bem comigo ao seu lado, mas não queria me amar como eu sou.

— Está errada Soraya. Eu quero apenas que você cresça na espiritualidade!

— Como crescer sem o amor, mestre Simas? Disso eu conheço bem, pois foi o que me aconteceu na carne. Não encontrei o amor, e me anulei.

— Meu Deus, eu errei novamente! Por que isto, meu Pai? Até quando vou levar destruição aos meus semelhantes, quando quero apenas ajudá-los? Por que me fez assim?

— Não se culpe, mestre Simas, eu é que não sou uma boa discípula para o senhor. "Como pude pensar que uma mulher que vendia o corpo despertaria o amor em alguém tão sábio como o senhor? Vou voltar para o alojamento e assim ficará livre de mim!

— Não faça isso Soraya, não estou lhe pedindo isto!

Ela nada falou. Saiu e dirigiu-se ao seu antigo alojamento. Dos seus olhos brotaram duas lágrimas sentidas.

Como pude errar mais uma vez?

Fui até um canto do quarto e apanhei a espada que havia ganho. Como era bonita!

Eu já havia aprendido como me volatilizar no espaço. Era hora de me isolar de tudo e de todos.

Não havia adiantado eu escolher ao acaso um lugar para servir no Criador no mais absoluto silêncio. Até ali eu já me impunha às pessoas. Os mais antigos me achavam superior a eles, e até uma pobre mulher já sofria por minha causa, quando eu queria apenas ajudá-la.

Escrevi um bilhete ao irmão Jorge e, apanhando a espada, orei a Deus pára que abençoasse a todos naquele retiro. Era hora de mergulhar no esquecimento de todos. Prometia a mim mesmo que Simas de Almoeda e todos os outros nomes morreriam naquele instante. Já que ninguém havia aparecido à minha procura, jamais eu seria encontrado pelos conhecidos de agora.

E num piscar de olhos desapareci no espaço. Iria desaparecer no tempo e na memória também. Nada mais me importava. Não me incomodei com o preço a ser pago. Que sofresse quem quisesse, mas minha dor, eu a sofreria sozinho. Somente assim eu não faria falta a

quem quer que seja. Com o tempo, todos me esqueceriam, como os antigos conhecidos haviam feito.

## A FUGA

O mergulho no espaço foi longo, e quando parei, o lugar que havia imaginado atingir me era totalmente estranho: pessoas, costumes e vestes eram diferentes do que eu conhecia e isto era ótimo.

Eu era um estranho num lugar estranho. Orei a Deus para que todos me esquecessem.

Mentalizei as regras de conduta de um mago: "Um mago não pensa. Age, e ouve os outros pensarem."; "Um mago nada pede, apenas dá, se achar que assim deve fazer.". E eu ainda era um mago.

Enquanto isto, no alojamento, o irmão Jorge mandava alguém chamar Simas. Depois de bater várias vezes na porta do quarto, João entrou. Ao ver Simas não estava ali, saiu à sua procura e não viu o bilhete sobre a mezinha.

Procurou-o em todos os pavilhões, e nada de encontrá-lo. Perguntou por ele aos outros servidores, ninguém o tinha visto.

Voltou até o irmão Jorge e comunicou o desaparecimento de Simas.

— Não é possível, deve estar em algum lugar. Vamos até seu quarto.

— Já estive lá irmão Jorge e não o vi.

— Tenho um pressentimento, só espero estar errado!

Ao entrar no quarto, logo viu o bilhete deixado sobre a mesa.

Leu-o com atenção e, virando-se para Jogo, falou:  
- Perdemos o nosso amigo Simas de Almoeda.

— Como?

— Ainda não sei, mas quando eu voltar procurarei saber. Vá procurar Soraya e não a deixe sair caso ainda esteja aqui.

— Irei imediatamente irmão Jorge, não se preocupe!

— Volto logo João. Procurarei resolver tudo o mais rápido possível. Até a volta!

— Vá em paz meu amigo.

Jorge partiu rumo à sede de sua organização muito preocupado, porque além de não levar o amigo como lhe fora ordenado fazer, ainda tinha que explicar ao seu superior que havia perdido o contato com Simas.

Como explicar tudo a eles?

Quando chegou à sede do Sagrado Coração, Jorge estava nervoso e impaciente.

— Irmã, preciso ver com urgência o irmão Lair.

— Um instante, vou avisá-lo de sua chegada.

Ela entrou numa sala. Logo voltava acompanhada do superior Lair.

— O que aconteceu para estar com esta, aparência tão triste, irmão Jorge?

— Eu não pude trazer o mago.

— E por isto precisa ficar tão alterado?

— Não é só isso. Veja esta carta deixada por ele. Lair, após ler a carta de Simas, também ficou preocupado.

— Vamos falar com o Cavaleiro do Mar, ele poderá encontrá-lo.

Quando chegaram até o Cavaleiro do Mar entregaram-lhe a carta de Simas. Este a leu com atenção, depois comentou:

— Eu temia que isto viesse a acontecer. Simas ainda não se equilibrou. Quem é a jovem de quem ele fala aqui?

— O senhor a viu junto a ele. É aquela que o acompanhava por todos os lados no retiro, Soraya! Creio que é o motivo de sua fuga.

— Vou mandar chamar os pais dele, depois iremos até lá falar com ela. Talvez possamos saber o motivo do desequilíbrio.

O Cavaleiro do Mar enviou um auxiliar até os pais de Simas, que logo vieram até eles.

— O que houve grande mago?

— Simas desapareceu do retiro. Creio que é uma grande perda para todos. Leiam a sua carta de despedida.

A mãe de Simas começou a ler:

"Adeus amigos de luz. Parto para não mais voltar, pois Simas de Almoeda morreu em mim. Um ser tão desprezível como eu não merece a Luz.

Quando vim com vocês, queria apenas ser mais um auxiliar, e não ser considerado alguém especial. Não tenho culpa de ver meus pedidos a Deus serem atendidos pelo Divino Criador ao orar.

Se isto me transformou em alguém que eu não queria, é hora de matá-lo para sempre. Que outro assuma tal função, não quero ser alvo de atenção especial por parte de ninguém.

Por muito tempo esperei que alguém do meu passado viesse até mim, mas penso que Deus somente me ouve quando oro por meus semelhantes, pois por eles ele me responde, mas quando oro por mim, não me dá ouvidos.

Se de nada adiantou eu orar por meus pais, Raios de Lua ou Sarah, então é melhor não orar mais.

Se, quando quero ajudar alguém, trago-lhe a dor, é hora de não ajudar mais.

Se, quando quero ser apenas mais um, sou distinguido como alguém diferente, é hora de desaparecer para sempre.

Cuidem de Soraya, porque por trás do seu passado sofrido há uma alma bondosa e magoada. Quando vi isto, pensei em recuperar sua antiga luz, mas não me lembrei dos antigos ensinamentos dos mestres da luz que diziam que ao nos envolvermos com alguém corremos o risco de nos transformarmos em sua força positiva.

Eu já não posso mais ser isto para mulher alguma. Três perderam a alegria da vida por se tornarem dependentes de mim. Não quero que uma quarta venha a ter o mesmo destino.

Ajudem-na, ela é igual a mim, embora não saiba disso. Não deixem que ela volte às trevas da dor novamente.

Eu só conseguiria isto se deixasse que ela continuasse alimentando um sentimento que já não existe em mim.

Eu sou um ser vazio, e nada tenho a oferecer, nem mesmo a uma jovem tão carente como Soraya.

Se oro pelos outros e sou atendido, por que não consigo nada para mim?

Talvez o Criador não me julgue digno de Sua compaixão, e se isto está tomando conta do meu mental, é hora de mudar.

Hoje estou mergulhando no esquecimento, e assim quero permanecer. Não procurem por mim. Caso seja necessário, mergulharei nas trevas mais profundas somente para esquecer todas as lágrimas que já fiz tantos derramarem por mim.

A minha sereia curou minha visão, mas não minha alma imortal. Se nem ela que tanto amo consente em se mostrar a mim, então é hora de mergulhar nas trevas do esquecimento.

Assinado: Um espírito que foge do seu passado de dor e mágoas."

Eu disse que devíamos tê-lo procurado antes, querido!

— Ainda não era a hora. Ele não nos procurou, ainda sente vergonha e remorso do passado. Que adianta alguém orar a Deus e pedir perdão, se não tem coragem de encarar o seu passado de

frente? Um espírito só se cura quando volta ao passado e domina os pesadelos que o assustam e o incomodam.

— Mas, se ele precisava de nossa ajuda e nós o tivéssemos ajudado, acabaria se encontrando mais facilmente.

Nisto o Cavaleiro do Mar entrou na conversa.

— Para que discutir à toa? Não estão vendo que ele abandonou tudo só para não ter que se envolver com alguém? Conseguiu alterar a rotina de um dos piores retiros espirituais em poucos dias. Ainda conserva muito do seu poder, mas não se preocupou em abandonar tudo por causa de uma única jovem. Achá-lo não será uma tarefa fácil, mas eu o encontrarei. Curá-lo do passado já é mais difícil. Vamos falar com a jovem, talvez consigamos descobrir a raiz do problema.

Em poucos instantes, estavam todos no retiro. João estava com a jovem. Ela chorava muito. O Cavaleiro do Mar aproximou-se dela e falou:

— Acalme-se jovem, nós viemos para ajudá-la. Poderia nos contar o que houve de tão grave?

Ela olhou-o sem vê-lo. Os olhos tentavam enxergar à distância, mas não conseguiam, estava meio passada.

— Não houve nada, senhor.

— Algo deve ter acontecido para que chore tanto.

— Eu estou triste, porque sou culpada pela partida do mestre Simas. Se eu não tivesse insistido em ficar com ele, ainda estaria aqui.

— Preciso saber quais foram as palavras dele, é muito importante para nós. Acalme-se e nos conte.

E a jovem contou tudo. Quando terminou, Jorge falou:

— A culpa é minha, fui eu que insisti em adverti-lo do perigo do envolvimento com ela.

— Não é culpa sua. Eu é que sou a culpada por não ter compreendido suas palavras. Ele só queria me ver bem, e nada mais. Eu é que me iludi. Se me deixarem, eu também irei embora.

— Nós não vamos permitir isto, filha. Um já se foi e nada de bom resultou. Fique conosco e nós a ajudaremos.

Quem assim falou foi a mãe de Simas.

— A senhora é a mãe dele?

— Sim.

— Ele falava muito na senhora, e no pai também. O remorso é um fardo que ele não consegue abandonar. Acho que trabalhava tanto aqui somente para não lembrar do passado. Eu fazia o mesmo em relação ao meu passado.

— Gostaria de ir conosco?

— Para onde?

— Onde nós moramos. Irá gostar de lá, além do mais poderá aprender muito na escola.

— Não estará fazendo como o mestre Simas? Ele me queria por perto, mas quando viu que eu gostava dele, fugiu de mim. Talvez eu venha a amá-los, e aí fugirão também.

— Não creio que ele tenha fugido de você. Ele foge do passado.

— Eu fui com ele até os túmulos de suas esposas, acho que procurava por elas.

— Quando foi isto?

— Há pouco tempo atrás. Chegou a perguntar se a que se chamava Sarah costumava voltar ali, mas o homem que tomava conta do lugar informou que nunca a vira. Ficou triste, mas nada falou para mim.

No local onde havia sido enterrada a índia ele fez a mesma pergunta, e em razão de ter ouvido a mesma resposta, voltou mais triste ainda.



— Um dia ele voltará, não se preocupem! — falou o Cavaleiro do Mar.

— Você vem conosco Soraya?

— Vou, mas um dia voltarei aqui para ajudar no trabalho de auxílio a estes irmãos menos favorecidos.

— Primeiro estude um pouco sobre a ciência que envolve o mundo espiritual, depois terá tanto equilíbrio, que não mais lamentará seu passado.

Logo todos iam embora. O superior Lair ficou de voltar no dia seguinte para conversar melhor com o irmão Jorge.

Enquanto isto, em outro lugar muito distante, Simas caminhava estranho a tudo. Não pensava, só observava aquele lugar e os espíritos que o habitavam. Era uma gente estranha aquela.

Quando se viu no meio de um bosque, parou e ficou observando. Era um lugar tranquilo para se instalar.

Recostou-se a uma árvore e fechou os olhos. Sua mente havia se desligado do passado, mas este vinha até ele, pois conseguia sentir que falavam dele.

Isolou-se ainda mais, para voltar a ter o antigo domínio dos pensamentos. Precisava voltar a ser um mestre de verdade, senhor de sua vontade e de seus pensamentos.

Ficou alguns dias naquele no bosque. Exercitava-se no autodomínio. Quando achou que já conseguia ouvir o que diziam a seu respeito a uma distância tão grande, se deu por satisfeito. Agora iria se misturar àqueles espíritos e desaparecer.

Partiu para ver se achava um lugar onde pudesse se integrar sem ter o passado a persegui-lo.

## O EXÍLIO NO TEMPLO DOURADO

Caminhava despreocupado por uma estrada, quando vi um homem sendo atacado por diversos espíritos das trevas. Aproximei-me rapidamente e gritei para que parassem com aquilo. Eles viraram-se e, empunhando estranhas armas, investiram com cara de poucos amigos. Quando vi que iam me atingir, saquei a espada e sem ter prática alguma no seu manejo, levantei-a em guarda. Dela saiu um grande brilho que os atingiu como raios fulminantes.

Imediatamente fugiram apavorados. Eu também me assustei com o poder da espada. Olhei-a com atenção, e vi em sua lâmina diversos símbolos gravados. Era deles que havia partido os raios que fulminaram os espíritos das trevas.

Fui até o homem e levantei-o. Estava muito ferido. Perguntei para onde poderia levá-lo, mas ele não me compreendeu. Fui falando diversas línguas, até que me fiz compreender ao falar árabe.

Indicou-me o lugar e volatizei com ele até lá. Era um mosteiro enorme. Vários monges se aproximaram. Ainda em árabe, eu expliquei o que havia acontecido com o homem.

Um deles, que me pareceu o superior ali, conversou comigo. Logo o levaram ao interior do mosteiro, e fui convidado a acompanhá-los.

Eu os vi deitarem o pobre espírito ferido próximo a umas velas acesas e direcionarem sua luz astral para o corpo do homem. Lentamente, ele foi se curando. Em poucos instantes já não apresentava cicatriz alguma.

Devo dizer que o mosteiro era material, não astral. E que as velas também o eram. Ambos, espiritual e material, se complementavam. Devido à minha curiosidade, o velho monge indagou-me em árabe.

— Nunca havia visto algo assim?

— Não senhor. É a primeira vez que vejo isso. Como é possível?

— É uma ciência que manipulamos há milênios para melhor ajudarmos aos feridos.

— Muito interessante. Gostaria de poder estudar sua ciência.

— Como se chama, viajante?

— Saied é meu nome, senhor. E o seu?

— Mestre Han, amigo Saied. Gostaria de ficar algum tempo conosco?

— Com muito prazer. Creio que poderei aprender muito com os senhores, mas apenas se puder ser-lhes útil em algo eu ficarei aqui.

— Gostaria de ser um guardião do templo?

— Sim, isto me interessa. Eu quero aprender, mas também quero ser útil.

— Vejo que tem uma bela espada, sr. Saied.

— Eu a ganhei mestre Han. Alguns dias atrás, eu ajudei um homem muito infeliz e ele me presenteou com ela. Ainda não a tinha usado, até socorrer este seu amigo. Fiquei admirado com seu poder.

— Posso vê-la?

— Pois não. Mas cuidado, porque ainda não sei do que ela é capaz. Lentamente, mestre Han desembainhou a espada e ficou observando-a. Nada aconteceu com a espada.

— Muito estranha esta espada, guardião Saied. É toda marcada com símbolos. Sabe o que significam?

— Deixe-me ver!

Eu olhei com atenção. Era toda trabalhada e quem a preparou era um artista, seus símbolos eram muito bem feitos.

— Parece até que eles fazem parte da lâmina, mestre Han, e que não foram gravados.

— É isto que mais me intrigou. O que disse o homem quando lhe presenteou com a espada?

— Quase nada. Disse-me que o peso dela o incomodava e trazia muitos problemas, por isto não a queria mais. Mandou-me fazer bom uso, que ela se iluminaria ainda mais, e se fizesse mau uso ela voltaria a ser escura como o ferro.

— Esta espada deve ter pertencido a um grande mestre do Oriente que não quis mais usá-la. É uma espada encantada. Sabe como usá-la?

— Não senhor. Só vi seu poder quando eu a puxei para defender o pobre homem.

— Não teme usá-la?

— Aprenderei com o tempo. Talvez eu possa aumentar o seu brilho, se puder aprender com o senhor como usá-la de forma justa.

— Nós não usamos espadas aqui em nosso templo. Mas os guardiões as usam e não são como estas. Gostaria de trocá-la por uma mais simples?

— Não, mestre Han. Nós, árabes, temos um costume: quando damos algo não o aceitamos de volta, mas quando ganhamos algo, não nos desfazemos dele.

— Eu conheço este costume árabe. Espero que esta espada não venha a representar para você um peso muito grande, igual ao que fez o antigo dono desfazer-se dela.

— O que significam estes símbolos, mestre Han?

— São símbolos das Linhas de Lei do Grande Oriente.

— E o que é o Grande Oriente?

— Estude e aprenderá.

— Mas eu não sei ler ou falar em sua língua, mestre Han.

— Eu o levarei ao mestre Li. Ele primeiro o ensinará a nossa língua, e depois iniciará os seus estudos. Precisarás estudar muito para honrar esta espada.

— Agora eu estou mais curioso que nunca para decifrá-la. Esforçarei-me, Mestre Han. Espero poder saber usá-la um dia.

— Como veio parar aqui, amigo Saied?

— Eu vivo vagando pela terra. Não tenho raízes em lugar algum. Já estive em muitos lugares bonitos, mas nenhum como este. Acho que sou um andarilho.

— E acha que vai poder ficar atado à nossa disciplina?

— Caso eu não me adapte, posso pedir para me afastar do seu templo?

— Sim. Nós não impomos nada a ninguém. A luz se conquista com amor, não com imposições.

— Muitos tentaram isto comigo. Acho que é por isto que estou gostando daqui, tudo é muito diferente. Como não descobri este lugar antes?

— Nada é mostrado a alguém se ele não está preparado para isto. Para tudo tem que haver um motivo.

— Será que foi esta espada encantada que me conduziu até aqui?

— Se não foi ela, é por que há outro motivo. No futuro descobrirá qual foi o motivo.

— É, acho que está na hora de me modificar. Talvez seja este o motivo.

— É mais provável que seja este o motivo. Espero que possa aprender muito conosco, amigo Saied.

— Obrigado pela confiança, mestre Han.

— Venha meu amigo, vou apresentá-lo ao mestre Li. Eu o acompanhei até o mestre Li. Em sua língua, falou:

— Mestre Li, este é o amigo Saied que salvou um dos nossos. Ele gostaria de ser um guardião do nosso templo. Ensine-o a falar e escrever nossa língua para que possa vir a estudar com os sábios no futuro.

— Sim, mestre Han. Vou torná-lo um dos nossos guardiões.

E virando-se para mim, falou:

— O senhor é bem-vindo ao templo dourado, amigo Saied.

Eu olhei para o mestre Han pedindo o seu auxílio. Ele falou algo ao mestre Li, e este me falou a mesma frase em árabe.

— Obrigado, mestre Li. Ordene-me e obedecerei, ensine-me e aprenderei. A partir de agora, estou sob suas ordens.

— Siga-me, guardião Saied.

Eu me despedi do mestre Han e o acompanhei. Logo estávamos em um salão muito grande, onde havia muitos guardiões.

— Esta é a sala dos guardiões. O senhor terá que se vestir como eles. Venha até o vestiário e lhe daremos roupas adequadas. Precisa modificar um pouco sua barba e cabelo.

— Sim senhor. Como faço isto?

Mostrando um homem bem velhinho, ele me disse:

— Ling o preparará de acordo com as normas dos guardiões. Mais tarde eu voltarei e tornaremos a conversar. — saudou-me.

— Obrigado mestre Li. — eu o saudei da mesma forma. Estava começando a aprender seus modos.

Antes de sair, ele falou com Ling. Este me chamou com um sinal e pouco depois me dava roupas iguais às dos guardiões. Aparou-me o cabelo e fez um rabo trançado na nuca. Tosou minha longa barba branca bem rente. Eu não mais me parecia com Simas de Almoeda.

Sorri quando me vi num espelho. Ele viu meu sorriso, e sorriu também. Depois me levou até um pátio e deu-me uma espada sem ponta e sem fio. Eu entendi o seu desejo. Acompanhei-o nos movimentos e logo sabia como segurar corretamente uma espada. Treinou-me por umas duas horas. Eu estava gostando daquilo, e ele ficou feliz com minha boa vontade. Nisto entrou o mestre Li.

— Vejo que estão se dando muito bem, guardião Saied. É difícil alguém agradar ao mestre Ling, e você o agradou.

— Obrigado mestre Li. Vou me esforçar ao máximo para ser um bom guardião do templo dourado.

— Acompanhe-me. Eu o levarei até o professor que irá ensiná-lo o chinês.

Eu o acompanhei. Ao entrar numa sala abarrotada de pergaminhos, vi um ancião sobre uma mesa consultando uns papéis.

— Guardião Saied, este é o professor Cheng. Ele o instruirá em pouco tempo. Ficará sob orientação dele até que fale e escreva nossa língua.

— Muito prazer, professor Cheng, sou Saied e me coloco sob suas ordens. Fico agradecido em poder aprender com o senhor.

— Sente-se, Saied. Vamos começar já o seu estudo.

Mestre Li retirou-se e eu me sentei. Comecei a estudar com aquele grande gramático. Os dias passavam rápido. Eu estudava a maior parte do tempo e duas horas por dia eu treinava com mestre Ling. Já dominava bem o manejo da espada e começava a conversar com ele.

O estudo ia muito bem. Eu já mantinha uma conversação razoável. Com quatro meses, eu já lia, escrevia e falava o chinês. Mestre Cheng me ensinava um pouco de tudo a respeito dos costumes daqueles espíritos, e mestre Ling me ensinava sobre sua natureza e modo de agir.

Como já não tinha problemas de comunicação, comecei a estudar algumas matérias mais profundas com mestre Cheng. Devido à minha facilidade em aprender, ele me sobrecarregava com manuscritos cada vez mais complicados.

Quanto ao mestre Ling, testou-me numa luta marcial com um dos guardiões, e até me saí bem. Não era um grande espadachim, mas não fiz feio diante do meu mestre.

— Logo você será um bom guardião, amigo Saied.

— Obrigado mestre. Espero não tê-lo decepcionado como aprendiz.

— Até que se defendeu muito bem, mas precisa aprender a tomar a iniciativa do combate. Somente assim será um guardião de verdade. Vou prepará-lo mais um pouco e depois terá um teste final.

Eu continuei com os dois aprendizados. Quando se completaram seis meses de estudo e treino intensivo, eu estava pronto para ser testado nos dois.

Primeiro foi mestre Ling que me testou. Eu sabia que era decisivo, e por isto usei tudo o que havia me ensinado.

Eu tinha que vencer ou não seria aceito como um guardião.

Lutei com toda minha atenção voltada para a vitória. O meu oponente já era guardião há muito tempo. Tinha toda uma experiência que eu ainda não possuía. Mas ao final de meia hora de luta, mestre Ling ordenou que cessássemos o combate.

— Está aprovado, guardião Saied. Esta luta não terá um vencedor. Fico honrado com seu desempenho.

— Eu também fico honrado com suas palavras, mestre Ling. Espero ter honrado ao bom mestre que foi para mim.

— Muito me honrou, guardião Saied. A partir de amanhã tirará guarda junto com o guardião que combateu. Ele o instruirá sobre as funções dos guardiões. Este é o guardião Sin.

— Obrigado mestre Ling. Muito prazer, guardião Sin.

— Muito prazer, guardião Saied.

Quando recebemos ordens para nos retirarmos, fui ao encontro do mestre Cheng para o outro teste.

— Vejo que foi aprovado como guardião, amigo Saied.

— Fico honrado em ser um guardião, mestre Cheng. Espero honrá-lo também como seu aluno.

— Não vou poupá-lo. Terá que mostrar realmente se aprendeu nosso língua. Está pronto?

— Sim senhor.



E começou o segundo teste do dia. Ele realmente não me poupou. Tive que colocar todo o meu intelecto em ação para me sair bem. Ao final de quatro horas, ele me parabenizou pelo meu aprendizado.

— Foi o melhor aluno que tive até hoje, guardião Saied.

— Fiz apenas o que o melhor gramático me ensinou. Se fui um bom aluno, devo isto ao senhor. Continuarei me aperfeiçoando de agora em diante mestre Cheng.

— Se quiser estudar algo mais que a gramática chinesa, eu o apresentarei a um dos nossos muitos mestres. O que gostaria de estudar?

— Eu gostaria de aprender sobre as qualidades e imperfeições dos seres humanos.

— O que pretende com estes estudos, guardião Saied?

— Conhecer a mim mesmo mestre Cheng, e poder entender aos meus semelhantes.

— Venha guardião Saied, vou levá-lo ao mestre Li, ele dará sua opinião.

Quando chegamos até mestre Li, ele me parabenizou por ter passado nos dois exames.

— Saiu-se muito bem, guardião Saied. Estou feliz por você.

— Obrigado mestre Li.

Mestre Cheng falou-lhe a respeito de meu desejo de continuar os estudos e sobre a matéria escolhida.

— Muito bem guardião Saied. Escolheu o caminho certo para se aperfeiçoar.

— Vamos até o mestre Han para comunicar a ele sua aprovação e seu desejo em continuar os estudos.

Mestre Han parabenizou-me e aprovou meu desejo de estudar. Iria designar os mestres desta matéria e assim eu iria aprender um pouco mais.

Fui apresentado aos dois mestres. Estudaria no período em que estivesse de folga do posto de guardião.

Comecei a acompanhar o guardião Sin e fui aprendendo dia-a-dia como ser um guardião e como agir em caso de necessidade.

Um guardião tinha que visitar lares e expulsar espíritos que os perturbavam, ou proteger certos locais sagrados para os chineses. De vez em quando, entrávamos em combate, mas em geral, todos fugiam dos guardiões, que eram muito temidos.

Eu usava minha espada encantada somente em último caso, preferia uma espada igual à de Sin. Nos dávamos muito bem. Ele quase não falava e eu não gostava de falar mais que o necessário.

Aprendi tudo sobre os locais sagrados, sua força e poder e como cultuar aos deuses chineses. Tudo tinha harmonia com o cosmo. Tudo era filosofia da mais elevada pureza. Eu estava encantado com tudo, e meu companheiro de guarda procurava me ensinar sempre mais.

Enquanto isto eu aprendia sobre as qualidades e imperfeições do espírito humano. Lentamente, eu ia me conhecendo através dos ensinamentos ministrados pelos mestres.

Aprendia a conhecer os meus semelhantes e ao final de outros seis meses, fui aprovado no exame a que me submeteram. Nova parabenização de mestre Han.

— Você nos honra, guardião Saied. Aprende com o guardião Sin e com os mestres. O que vai fazer agora?

— Não sei o que escolher mestre Han. Poderia me sugerir um outro estudo?

— Com muito prazer. Vá procurar o mestre Rang e aprenda com ele sobre a ação da natureza em função da criação.

E eu estudei com afinco por mais seis meses. Aprendi muito sobre a natureza em função da criação. Tudo o que aprendi, deixou-me fascinado.

Quando não estava de serviço como guardião, eu estava no meio de livros e pergaminhos.

Novo exame e nova aprovação, e novo curso.

Iria estudar tudo sobre as cores e os sons. Eu já conhecia um pouco do tempo em que estive no templo dos magos. Foram-me muito fáceis estas matérias. Quando fui aprovado, meu professor me conduziu até mestre Han.

— Ele se saiu muito bem, mestre Han. Eu indicaria o estudo das doenças e suas curas.

— O que acha desta sugestão, guardião Saied?

— Um dia eu entrei aqui por acaso, mas hoje eu vejo que fui conduzido mestre Han. Farei o curso com prazer.

— Então siga em frente guardião Saied. Nos falaremos quando terminar o curso. Este é bastante longo.

Comecei a aprender tudo sobre as doenças e suas curas. Os primeiros dois anos foram sobre o corpo carnal do ser humano. Às vezes eu saía do templo com o meu mestre e visitávamos os doentes encarnados. Levávamos certas substâncias usadas por ele para apressar a cura dos enfermos.

Eu já sabia muito do que me era ensinado, pois aprendera um pouco com os magos persas quando estive na carne, com os negros e também com os índios. Era-me muito fácil diagnosticar as doenças e os remédios a serem aplicados.

O meu mestre me indicou um encarnado que atendia os enfermos, e eu passei a ficar dois dias por semana ao seu lado somente para intuí-lo no uso adequado dos remédios necessários às enfermidades mais difíceis de serem diagnosticadas. O trabalho me fascinava.

O meu amigo encarnado era ótimo intuitivo e eu gostava muito dele. Era um grande homem. Um dia meu mestre falou:

— Vejo que gosta de tal função, guardião Saied. Por que não deixa o posto de guardião?

— Eu prometi ao mestre Han que seria um guardião, e vou sê-lo enquanto permanecer no templo dourado. Ainda tenho muito que aprender como guardião. Mas também gosto muito deste trabalho.

— Não preciso fazer exame para ver se aprendeu, porque os resultados do nosso amigo encarnado é uma prova de que você já é um mestre no assunto.

— Obrigado mestre Reng. Muito me honra suas palavras.

— De agora em diante irá aprender como cuidar dos espíritos enfermos. Esta parte é muito importante, guardião Saied. Verá a que estado o espírito humano pode chegar. Terá que ser forte, caso se sair bem.

— Vou me esforçar mestre Reng.

E assim eu fui dedicando outros dois dias, intercalados com os do meu amigo encarnado, ao estudo dos espíritos doentes. Eu aprendia tudo com facilidade. Visitávamos abrigos dos mais variados tipos. Aprendi a penetrar na mente humana até seu mais profundo esconderijo, e nela buscar a origem das doenças da alma. Três anos depois, eu já era considerado um mestre no assunto.

Comecei a me dedicar a curar almas enfermas e obtive muito sucesso em tal atividade.

Recebi uma menção honrosa do mestre Han.

— Guardião Saied, você nos honra com seu esforço. Quase não tem descanso. Além de cumprir com suas funções de guardião ainda auxilia um encarnado dois dias por semana e está obtendo muito sucesso na cura dos enfermos da alma.

— Obrigado, mestre Han. Muito me honra suas palavras, mas ainda me restam mais alguns dias livres na semana. O que o senhor sugere que eu aprenda?

— Vai aprender como mover as forças que agem no cosmos.

— É sobre o uso da luz que eu vi quando aqui cheguei?

— Sim, e muito mais também. Quando aprender tudo sobre tal assunto, será um mestre.

— Obrigado mestre Han. Vou me aplicar nisto também.

E assim eu comecei a aprender tudo sobre certas forças mágicas que podem ser manipuladas por um espírito e pelos homens.

Era fascinante o que eu aprendia. Nada me foi ocultado. Eu tomava conhecimento das forças que podem agir tanto no mundo eterno, como no mundo material.

Já havia aprendido muito durante a passagem pela carne, mas não com tantos detalhes como agora. Aprendi como o ser humano é frágil em sua moral e como se atira no abismo por ódio ou inveja.

Os mestres me levavam a todos os cantos do globo terrestre e eu aprendia todos os tipos de magias. Nada me era estranho, ao final de outros três longos anos.

Nos dois dias que me restavam, passei a acompanhar um mestre que orientava um mestre encarnado no combate às magias negras, feitiços e encantos. Eu já não tinha mais tempo livre.

Seis longos anos após o último aprendizado, eu já era um mestre entre eles, mas não abdicava de minha função de guardião do templo dourado.

Com o que havia aprendido, eu tirava almas de suas doenças espirituais com muita facilidade. Tinha um dom especial para tal trabalho. Após tantos anos, já não sabia mais a quantas almas havia auxiliado, tão grande era seu número. Ajudava-as a se encontrarem consigo mesmas, e isto me deixava muito feliz.

Ao lado do curador, eu fazia uso de todo o meu saber e poder, sempre que se fizesse necessário. O meu mental adquiria a cada dia mais poder, e eu achava que finalmente havia me encontrado. Eu era o mais ativo membro daquele agrupamento de espíritos de luz. Um dia mestre Han convocou-me à sua sala.

Saudei-o à chegada e fui convidado a me sentar, coisa muito difícil de acontecer. Eu ainda era um guardião, e havia um superior que cuidava de todos os assuntos referentes a nós, por isso estranhei sua ordem.

— Pois não, mestre Han. Em que posso ser útil?

— Guardiã Saied, você um dia chegou até nós por acaso ou obra do destino?

— Não sei mestre. Por que me pergunta isto?

— Você chegou até nós por ter ajudado a um dos nossos, mas com o tempo eu comecei a pensar qual teria sido o motivo de sua vinda. Sua dedicação aos estudos, o esforço em dominar todos os graus que é possível à mente de um espírito, deixou-me curioso.

— Eu descobri que o templo poderia me oferecer tudo o que eu precisava, por isto tenho me dedicado ao máximo, mestre Han.

— Ainda assim, tudo é muito estranho, Saied. Há um motivo muito forte para tal procedimento de sua parte. Assiste enfermos, auxilia um médico, combate magias e encantamentos e ainda é um dos melhores guardiões. Tudo é muito louvável e só nos tem honrado com seu esforço, mas qual o seu objetivo.

— O senhor já me conhece há muito tempo e, creio eu, já sabe que não procuro posto ou grau maior que o de guardião. Tenho desenvolvido o meu mental para poder ser útil aos meus semelhantes. Se há o estudo e sua posterior aplicação em benefício deles, eu me esforço.

— Não é isto o que eu quero saber, Saied. Tento compreender porque você não age como os outros guardiões. Não procura

antigos amigos, ou parentes, nem ao menos busca a algum ancestral, apesar de conhecer tudo sobre a lei dos ancestrais.

— Os outros guardiões têm família na carne ou no mundo espiritual, mas eu não. Um dia achei por bem me isolar de todo o passado, e disse para mim mesmo: "Eu nasci hoje e assim agirei a partir de agora.". Logo, sem que me desse conta, estava auxiliando àquele seu servidor. Vi então, que podia ter deixado o passado para trás, mas não havia alterado meu modo de ser. Já que pertencia à Luz, poderia servi-la, mas não como fazia antes. Iria me anular por completo, e foi o que fiz.

— Você teria coragem de mentir para mim?

— Não mestre Han, já aprendi tanto aqui que seria estupidez e falta de caráter de minha parte, tentar tal coisa. Eu o respeito muito para ocultar-lhe algo. Por que me faz tal pergunta?

— Eu tenho tentado ouvir o seu mental e não consigo. Você o bloqueou totalmente para o passado, e não alimenta nenhuma vontade em relação ao seu futuro. Eu não vejo em você um passado ou um futuro, somente um espírito que vive o presente, e isto é impossível de se compreender.

— Como já lhe disse, eu me isolei do passado e o que anseio em relação ao futuro é servir aos meus semelhantes no presente, nada mais.

— Mas você não tem alguém que lhe cause saudades de sua última encarnação?

— Eu tinha e alimentava a esperança de reencontrá-los, mas após meu desencarne fui privado desta possibilidade, ao ser internado em um abrigo espiritual. Lá, ninguém me mostrou a porta que conduzia a este reencontro. A desilusão me levou à busca de um trabalho qualquer. Não importava o tipo de atividade, contanto que servisse à Luz. Mas tive nova desilusão e fugi do meu passado. Eu o matei em meu mental. Nele, nada mais me atrai, ou me exige, ou me oferece, é apenas passado. O que me atrai é o que faço no presente.

— Você deve ter parentes ou amigos que gostariam de revê-lo, não?

— É possível, mestre Han, mas eu não quero vê-los. Só dei ou colhi desilusão no passado. Por que reavivá-lo e com isto mexer nas feridas que atormentavam minha alma?

— Então, achou melhor esquecê-lo?

— Sim senhor. Só assim eu não causaria mais lágrimas ou a alguém. Para mim, isto é o que mais interessa.

— E não se incomoda com o que eles possam pensar ou sentir a seu respeito?

— Não. À medida que fui entrando em suas vidas, eu os magoava, e a tristeza se fazia presente. Foi assim com meus pais, minha primeira esposa e a segunda. Até meus filhos sentiram-se atingidos por mim. O que iria dizer-lhes caso viesse a encontrá-los? Diria: Perdoem-me por caridade? Ou, me perdoem pela misericórdia divina? Não, mestre Han. O meu passado deve ficar sepultado junto com meu corpo carnal. E ali que tudo deveria ter terminado, mas não!



Logo eu estava auxiliando, e sem que me desse conta, em pouco tempo já tinha alguém sofrendo por mim sem que eu tivesse culpa alguma por isso. Queria ajudá-la a se livrar do passado, mas o que consegui foi aumentar sua desilusão.

Se deveria ser assim, melhor seria morrer em espírito e desaparecer da mente de todos. Quando vim para este templo sagrado, não queria me envolver com mais ninguém. Apeguei-me a ele e vivo por ele. Aqui tenho tudo o que desejo e preciso. Estudo e trabalho.

— Mas você tem o amor?

— Sim, eu o amo muito, assim como aos outros mestres que passaram por minha vida. Amo o meu trabalho e o estudo. Amo as almas perdidas que consigo auxiliar e isto me satisfaz.

— Mas falta a você o amor do passado, Saied. Aqui nesta região da terra, o passado é cultuado tanto por espíritos no astral como no corpo físico. Você tem um passado que possa amar?

— Não, e o senhor sabe disso. O meu passado me envergonha, e prefiro mantê-lo assim.

— Por que alguém como você, que consegue esclarecer aos outros com tanta facilidade, não esclarece a si mesmo?

— Eu não quero mexer em feridas muito difíceis de serem curadas.

— Você sabe que eu apenas procuro auxiliar aos que aqui ingressam. Gostaria de ajudá-lo também, guardião Saied.

— O senhor já me auxiliou mais do que devia, e isto eu acho que nunca poderei lhe retribuir.

— O que você fez pelos caídos já é motivo para nada dever a alguém, mas ainda deve a si mesmo. Poderá passar toda a eternidade voltado para o auxílio do semelhante, e ainda assim não será um espírito completo.

— Eu sei disto, mestre Han, mas não procuro coisa alguma. Se sou incompleto, estou satisfeito como sou.

— Isto o impedirá de atingir o grau mais alto de nossa ordem, que é ser um mestre verdadeiramente. Diga-me: o que falta a você estudar aqui?

— Eu já estudei tudo o que estava aberto aos servidores menores, e também já li tudo o que há na biblioteca do templo. Atingi o máximo que eu poderia conseguir aqui.

— E ainda assim prefere ser um guardião, não?

— Sim, eu aceitei tal função como um ponto de honra, e vivo por ela. Só espero que meu trabalho como guardião não o desagrade, mestre Han.

— Não me desagrade, mas eu não posso deixar por tanto tempo alguém como você no posto de guardião.

— Por que, mestre Han?

— Já que conseguiu absorver tudo o que havia para ser ensinado, se eu não o qualificar para uma função mais elevada, não poderei elevar outros guardiões. Eu quebraria a cadeia natural da evolução.

— Mas eu não procuro ascender a outro grau, estou muito feliz no meu estágio atual.

— Você sabe que o médico que você auxilia junto com outros mestres logo irá desencarnar?

— Sim, já fui avisado.

— E sabe também que o mestre encarnado que você auxilia irá desencarnar em breve?

— Sim, também já fui avisado e estou triste por isto, porque ele é um ótimo equilibrador das pessoas na terra.

— E o que fará após a passagem deles para o nosso lado?

— Espero ser designado para novos trabalhos na crosta.

— Só almeja a isto?

— Sim, mestre Han.

— Não gostaria de se harmonizar com seu passado e assim ser designado para funções mais elevadas e de maior responsabilidade.

— Caso o senhor me ordene, eu as cumprirei com muito boa vontade e empenho.

— Não é possível a um guardião cumpri-las. Haveria quebra da hierarquia. Um espírito que está no primeiro grau não pode dar ordens a outros que estão no terceiro ou quarto grau de ascensão.

— Mas eu tenho qualificações para isto, não?

— Ainda não.

— Explique melhor o seu objetivo, mestre Han.

— Um animal de carga é muito forte e pode transportar uma grande carga, mas isto não significa que ele seja superior ao seu condutor, não é verdade?

— Sim, mestre Han. Já entendi onde quer chegar.

— Vai me ajudar um pouco guardião Saied.

— Por onde começo, mestre Han?

— Vamos deixá-lo livre de suas tarefas após o desencarne dos dois mestres que você e outros auxiliam, assim poderá se dedicar a uma nova etapa da evolução espiritual. Você conhecerá todo o seu passado milenar e irá descobrir porque não quis conhecer o antigo dono desta espada encantada.

— O senhor o conhece?

— Devo responder a esta pergunta?

— Não mestre. Desculpe-me por indagar-lhe tal coisa, não pretendia por em dúvida seu poder e conhecimento. Eu sei que o senhor conhece tanto o antigo dono, como a espada.

— Por que diz isto com tanta certeza?

— Eu já aprendi o bastante para saber que o senhor me é mil vezes superior em todos os sentidos, e que não precisa penetrar em meu mental para saber algo sobre mim. Peço apenas que não me julgue indigno de sua estima por não ter contado sobre o meu passado

quando ingressei no templo. Não menti, e agora continuo a dizer a verdade quando afirmo que não quero ser nada mais que um guardião.

— Eu sei que não mente. Apenas peço que me deixe ajudá-lo a se harmonizar com seu passado.

— Não perderei meu cargo de guardião?

— Por enquanto merece toda minha confiança, espero contar com a sua também.

— Não o decepcionarei, mestre Han.

— Então pode voltar aos seus afazeres, guardião Saied.

— Com licença, mestre Han.

## O RESGATE

Eu voltei aos meus afazeres e aguardava juntamente com os mestres superiores o desencarne dos dois amigos encarnados.

Quarenta dias depois, tudo havia terminado, e eu fiquei apenas com a função de guardião, auxiliando os espíritos mais fracos e menos evoluídos.

O tempo passava e mestre Han não me chamava. Achei melhor tomar uma iniciativa que poderia mudar um pouco o meu passado.

Convidei o guardião Sin para me acompanhar a um local que poderia dar-me uma pista do paradeiro de alguém.

— Quem você procura, guardião Saied.

— Um meio irmão meu. Eu só o vi uma vez, no segundo encontro, ele me cegou.

— Quando foi isto?

— Há muitos anos atrás, quando eu ainda animava um corpo físico na terra.

— E acredita poder encontrá-lo ainda com vida?

— Não. Já deve ter desencarnado há muito tempo.

— E como conseguirá encontrá-lo?

— Vamos e eu lhe mostrarei como.

Logo estávamos em uma aldeia turca. Procurei o lugar onde havia se dado nosso último encontro. Como naquela região nada mudava, não foi difícil localizar o lugar exato.

— Como pretende localizá-lo a partir de um fato que não deixou sinais visíveis, Saied?

— Vou usar um pouco o que aprendi com os magos persas, e outro tanto com os mestres do templo dourado.

— Acha que isto é possível?

— Sim meu amigo. Por isso eu o convidei para que me acompanhasse. Vou libertar meu mental e lançá-lo até o dia em que nos encontramos aqui, e depois seguirei sua caminhada até onde está agora. Não posso ser interrompido enquanto durar esta busca. Você me aguarda enquanto eu o procuro?

— Faça sua busca em paz, eu o defenderei de toda e qualquer perturbação.

— Obrigado amigo Sin, eu sabia que poderia contar com sua ajuda.

Sentei-me na posição mais adequada para tal exercício e fui liberando meu mental. Lentamente, fui conseguindo visualizar o passado. A cada instante ele se tornava mais nítido. Esforcei-me ao máximo até atingir uma visão o mais perfeita possível.

As cenas começaram a se desenrolar em minha mente. Eu vi meu irmão me jogar no chão e me cegar com o auxílio de uma adaga aquecida no fogo. Pareceu-me tão real, que cheguei a sentir um pouco de ardor nos olhos.

A partir dali, eu o segui a grande velocidade. Via toda a sua carreira como fora da Lei. Como havia cometido erros o meu meio irmão! Vi várias pessoas serem mortas pela sua adaga. Não viveu muito.

Oito anos após nosso encontro, ele foi assassinado por um daqueles que o ajudaram a me cegar. Triste sina havia tido ele.

Continuei com a busca visual. O que eu via me assustava, mas procurei manter a calma, porque senão quebraria a ligação visual. Por fim, consegui localizar o seu paradeiro atual: era mais um dos muitos habitantes das trevas. Fixei bem o local e chamei o guardião Sin.

— Localizei meu irmão e vou ao seu encontro nas Trevas.

— Isto é perigoso Saied. Não pode mergulhar nas trevas sozinho.

— Está insinuando que quer ir comigo?

— Não quero perdê-lo como companheiro, o que pode acontecer caso eu o deixe ir só. Se preferir, eu vou com você ao local onde está seu irmão. .

— Aceito sua oferta meu amigo. Não sei o que vou encontrar por lá, e você é o melhor espadachim que eu conheço. Vamos?

— Vamos meu amigo, mas cuidado com seu irmão. Nós nos lançamos a uma velocidade vertiginosa rumo às trevas. Num instante estávamos no meio de um agrupamento de espíritos perversos. O lugar tinha uma aparência horrível e os seus habitantes também.

Fomos cercados por muitos deles. Um vozerio tomou conta do lugar. Um deles, que me pareceu o chefe do lugar, encarou-nos e perguntou:

— O que vocês querem aqui espíritos de luz?

— Eu procuro o meu irmão, amigo. Não queremos causar mal algum a vocês.

— Vocês não poderiam nos fazer mal algum aqui, e caso eu não goste do seu irmão, vou fazer com vocês o mesmo que farei com ele:

colocarei grilhões em seus tornozelos e os mantereí presos aqui por muito tempo.

— Quer tentar fazer isto, amigo? — falei eu puxando minha espada de guardião. Sin fez o mesmo, e pôs-se em guarda. O homem recuou.

— Acho que não há motivos para lutarmos pelo seu irmão, servidor da luz. Quem é ele?

— Aquele que está naquela corrente. Vou chegar até ele, não tente interferir senão o meu primeiro golpe decepará sua cabeça amigo.

— Fique à vontade e fale com o lixo do seu irmão.

Eu me aproximei dele. Estava horrivelmente mutilado. O que havia feito a mim não era nada comparado ao seu estado atual.

— Como vai irmão? — falei eu à guisa de cumprimento.

— Quem é você que me chama de irmão? Eu não tenho irmão algum.

— Não se lembra de mim? Sou Simas de Almoeda, o mago que você achou por bem cegar. Recorda-se agora?

— Sim, como não me lembrei! Mas você está diferente, irmão delator. Cadê seu cajado de mestre da Luz?

— Eu o troquei pela espada da Lei, irmão.

— Grande mudança não? Cansou-se de ajudar os miseráveis?

— Não me cansei não, irmão. E tanto é verdade que estou aqui para ajudá-lo a sair deste lugar horrível.

— E quem lhe disse que eu quero sair daqui?

— Ninguém me disse, mas acho que tenho o dever de ajudá-lo a se erguer novamente.

— Ainda tem remorso do que fez, irmão bonzinho?

— Sim, eu sinto remorso e tristeza por vê-lo assim. Talvez eu tenha um pouco de culpa por seu estado atual.

— Um pouco? Ainda tem coragem de se eximir de toda a culpa?

— Não fui eu quem o mandou matar seus semelhantes, e tão pouco roubar os indefesos, nem violar as mulheres que despertavam seu desejo.

— Tudo isto poderia ter sido evitado se você não tivesse matado o nosso pai. Eu era um homem bem de vida, até você delatá-lo.

— Por que não continuou sendo um homem de bem após a morte dele?

— Eu me senti desamparado com sua morte, e por isso eu nunca vou perdoá-lo, irmão.

— Não está fugindo de sua parcela de culpa por ter cometido tantos erros?

— Eu não errei porque quis, fui levado a isto por sua ação covarde.

— Vejo que você não tem um mínimo de bom senso irmão. E o mesmo que falar com uma pedra. Não vê que seu estado atual é consequência de sua falta de sentimentos elevados?

— Ainda me pede para conservar sentimentos elevados depois do que fez ao nosso pai?

— Eu tento compreendê-lo, mas isto é impossível. Não vê que a sua situação atual tem muito a ver com o que fez a outras pessoas. Ou será que pensa que elas não tinham famílias para cuidar? Acha que pode sair pelo mundo tirando a vida de seus semelhantes e ficar impune diante da Lei Maior?

— Você não está impune até hoje?

— Não, porque você foi meu juiz e meu carrasco, ou já se esqueceu disso? Não me julgou e emitiu sua sentença?

Não me fez sofrer nas trevas da cegueira por longos anos? Ou esqueceu de suas últimas palavras antes de queimar meus olhos? Você me julgou e executou a sentença quando isso não cabia a você. Se tivesse deixado para o Criador, hoje não estaria aqui, assim como



se tivesse agido como um filho de Deus, agora você não estaria sendo castigado neste lugar de trevas.

— Você sabe se defender muito bem, irmão. Olhe como todos o estão ouvindo com atenção. Talvez queiram sua ajuda, irmão da Lei.

Eu olhei à nossa volta e vi que realmente todos estavam nos ouvindo com atenção. Falei-lhe, então, pesando bem as palavras:

— Talvez eles também estejam à espera de uma oportunidade para se redimirem dos erros do passado, irmão. Quem sabe um dia todos nós possamos nos redimir dos nossos erros e assim conseguirmos um pouco de paz para nossos espíritos cansados de tantos tormentos? Quantos deles não gostariam de ter uma mão amiga a levantá-los das trevas e dar-lhes uma oportunidade para poderem, com o tempo, resgatarem um pouco dos erros cometidos?

— Você fala como um sábio, mas não dispensa a espada, irmão. Por que não me dá a sua espada?

— O que você faria com ela, irmão?

— Eu o decapitaria com um só golpe. Assim saciaria toda minha sede de vingança por ter me lançado neste tormento.

— Acha que fazer isto a mim traria paz para sua mente? Ou está apenas procurando alguém para justificar a fraqueza do seu caráter?

— Vê! Você fala e fala, mas não tem um pinga de coragem. E um covarde, irmão.

— Se sou um covarde, isto só compete a mim, mas eu já sofri o bastante por um erro cometido por ignorância, e você não! E um covarde porque não reconhece que está nesta situação porque agiu em desacordo com a Lei Divina. Por que não reconhece que errou também?

— Eu errei no dia em que o ceguei, devia ter cortado seu pescoço já naquele tempo.

— Você teria coragem de fazer isto? Ainda não aprendeu sua lição?

— Que lição? Você não vê que estou aqui por sua causa? Dê-me a sua espada e aí sim, eu completarei a minha vingança.

— Eu pensei em ajudá-lo, porque sou responsável pelo seu desequilíbrio, mas me é impossível. Então prefiro ser destruído de uma vez por todas. Só assim terei o descanso que ainda não consegui. Pegue a minha espada e faça o que quiser irmão, mas lembre-se que não morremos duas vezes. O que vai conseguir com isto é o mesmo que conseguiu da primeira vez: enviar-me à escuridão, de onde não há saída para qualquer mental. Você tem coragem para fazer isto?

— E você tem coragem de me deixar decapitá-lo?

— Sim, eu tenho.

E tirando a minha espada da bainha, entreguei-a a ele.

— Não faça isso, guardião Saied. Ele está desequilibrado, não vê isto?

— Vejo, guardião Sin, mas ele não consegue ver que, se está nas Trevas é pelos atos que cometeu, e não pelo que eu fiz. Se minha destruição como espírito servir para tirá-lo do seu adormecimento como espírito eterno, eu aceito minha culpa.

E olhando nos seus olhos, finalmente falei:

— Vamos irmão, dê vazão ao seu ódio, se é isto que quer, mas pense bem, você apenas irá acrescentar mais um crime aos muitos que já cometeu.

Ele também ficou olhando fixamente para mim. Por fim, falou:

— Não vai fugir do meu golpe? Você é um covarde, não vai esperar o fio da espada tocá-lo.

— Está com medo de dar vazão ao seu ódio e depois não ter mais ninguém para justificar suas fraquezas, meu irmão?

— Acaso acha que sou tão covarde quanto você?

— Eu não o acho um covarde, mas sim alguém que precisa de ajuda para poder reparar parte dos erros que cometeu. Se nosso pai não

tivesse sido queimado, talvez ele viesse a ver você com muita tristeza no futuro, porque os instintos ruins fazem parte de seu mental. Você é meu inimigo, irmão, sempre o foi, e acho que já sabia disso muito antes de nosso pai vir a morrer. Você sentia ciúmes quando ele falava de mim, não irmão? Só que ele nunca me falou de você. Esta é a nossa diferença. Não?

— Sim, esta é a diferença irmão.

— Se me destruir vai confortá-lo, erga a espada e dê o golpe mortal que eu não fugirei. Lembra-se de como fazia suas vítimas ficarem ao matá-las? Volte a fazer isto agora que tem uma espada na mão irmão.

E abaixando-me, ordenei:

— Já estou na posição que tanto lhe agradava cometer seus crimes. Vamos irmão, faça-o mais uma vez!

Ele levantou a espada e armou o golpe. Eu o encarei mais uma vez nos olhos e vi um estranho brilho neles: era de dúvida. Tornei a ordenar:

— Vamos irmão, sacie toda a sua sede de vingança, mas não pelo nosso pai e sim por você mesmo. Faça-o de uma vez! — gritei.

Ele desferiu o golpe com violência, mas por obra do Divino Criador, o guardião Sin o aparou com sua espada, quando a lâmina já se aproximava do meu pescoço.

Meu irmão atirou-se de joelhos e começou a chorar. O guardião Sin levantou-me, pois eu estava lívido.

— Eu disse que ele estava desequilibrado guardião Saied. Por que se arriscou?

— Já estou cansado de sofrer pelo que não posso mudar, melhor desaparecer como espírito também.

— Está errado guardião Saied. Muitos podem ser ajudados por você, mas a quem ele ou qualquer outro destes espíritos que vivem fechados em seu pequeno mundo de erros que não se justificam,

podem ajudar? Vamos embora Saied, você nada tem a ver com isto aqui, não perca seu tempo.

Apanhei minha espada e guardei-a na bainha. Meu irmão continuava chorando.

— Adeus irmão, um dia você verá que está errado.

— Não me abandone irmão, não tenho mais ninguém além de você. Perdoe-me se eu o odiei por tanto tempo. Ajude-me, por favor, não agüento mais tanto sofrimento.

Eu me abaixei e abracei-o com ternura. Era meu irmão afinal de contas, e era meu dever ajudá-lo. Tirei a espada e cortei os grilhões que o prendiam. Ao olhar melhor para o seu corpo, vi o quanto já havia sofrido. Também dei vazão ao meu tormento e chorei abraçado a ele. O guardião Sin continuava com sua espada em punho.

— Abaixei sua espada meu amigo, não há motivos para a luta.

Virei-me para o espírito que parecia ser o chefe do lugar, e falei:

— Vai me deixar levá-lo em paz meu amigo?

— Sim guardião, ninguém o impedirá. Espero que um dia você volte para nos livrar dos nossos tormentos também. Hoje aprendi uma lição. Fiquei impressionado com sua coragem. Se um dia estender sua mão para nós, creio que muitos irão se agarrar a ela.

— Eu não vou me esquecer do seu pedido, meu amigo. Não o levo comigo porque não tenho ordem para agir de livre vontade, e o lugar onde vivo não está preparado para recebê-los no estado em que se encontram, mas posso voltar aqui e procurar esclarecê-los sobre seus ódios, mágoas e decepções se assim desejarem.

— Eu pessoalmente gostaria de ouvi-lo guardião, e acho que todos também ficaram impressionados com sua coragem e desprendimento. Não se esquecerá de nós?

— Não, meu amigo. Como se chama?

— Amehd Bin Farid é meu nome, e o seu?

- Guardião Saied. É assim que sou conhecido.
- Aguardaremos seu retorno, guardião Saied.
- Em poucos dias eu voltarei, e então veremos como ajudá-los. Até a vista amigos!

Partimos e em poucos instantes chegávamos ao templo dourado. Logo meu irmão era socorrido pelos mestres.

Alguns dias depois voltamos a nos ver.

- Como vai irmão?
  - Estou melhor irmão guardião, mas sinto muito remorso por ter agido mal por tanto tempo. Não sei o que fazer comigo mesmo.
  - Vou procurar ajudá-lo a reparar o seu passado e também o meu. Você precisa se ajudar também, pois é o seu futuro que tem que ser pensado. Vamos fazer uma prece a Deus e pedir seu auxílio, somente Ele poderá indicar o rumo a seguir.
  - Eu já blasfemei muitas vezes contra Deus, e acho que Ele não irá me ouvir.
  - Tenha certeza que Ele ouvirá, porque você não está oculto para Seus ouvidos.
- Fizemos várias preces ao Criador. Quando terminei com as orações, meu irmão chorava novamente.
- Não precisa se martirizar irmão, você vai poder reparar todos os erros do passado, é só ter fé em Deus.
  - Mas foram tantos os erros, que nem lembro de quantos eu cometi, e quase cometia mais um se o seu amigo não tivesse interferido naquela hora. Por que você não fugiu do golpe?
  - Eu confiei em Deus mais do que nunca. Sabia que algo modificaria nossas vidas. E por que você desferiu o golpe?
  - Pensava que você fugiria no instante que visse a lâmina indo em sua direção. Não devia ter se arriscado daquela forma.

— Eu não temia a destruição do meu corpo. Ou pacificaria os nossos corações, ou desaparecia para sempre.

— O que poderei fazer para me redimir do meu passado, irmão guardião?

— Doutrine-se na fé e no amor. Quando sentir que você já não é o seu centro de atenção, então estará preparado para iniciar seu resgate.

Ele voltou a chorar.

— Chore irmão, que isto o tornará mais fértil à boa sementeira. Dê vazão a toda sua dor e remorso. Chore por você e por todos os que foram atingidos por sua má conduta na carne. Chore um a um os seus atos ruins, só assim conseguirá ver que nunca devemos ser o centro das atenções, porque somos apenas uma peça de um imenso tabuleiro e nada justifica certos atos de nossa parte. Eu vou me retirar agora, pois tenho algo a fazer. Voltarei amanhã e então veremos o que poderei fazer por você.

Ele me olhou com tanta tristeza, que eu senti pena dele. Talvez se nosso pai não tivesse sido queimado, ele não estivesse agora em tal situação. Nosso pai saberia como livrá-lo das más companhias que o conduziram por caminho tão perverso.

## O MERGULHO NO PASSADO MILENAR

Fui falar com mestre Han. Precisava de seus conselhos.

—Pois não, guardião Saied?

— Mestre, gostaria que me aconselhasse em relação ao meu irmão. Não sei como ajudá-lo.

— Está despertando o passado mais dolorido, Saied?

— Ainda não, mestre. Creio que este é só o começo de um longo mergulho na dor escondida sob o manto de minha frieza.

— Pois eu acho que começou pelo elo certo da corrente. Seu irmão é o último elo de uma longa cadeia de almas em conflitos e sofrimentos. Os outros elos serão mais fáceis de serem desatados meu amigo.

— Como posso ajudar meu irmão a reerguer-se do estágio em que se encontra, mestre?

— Quer meu conselho, Saied?

— Sim mestre, ele não é como os outros que ajudei. Eu sabia como direcioná-los, mas agora, sinto-me inseguro.

— Não seja diferente com seu irmão. Se facilitar, estará atrapalhando-o mais ainda.

— Obrigado mestre Han. Com sua licença, tenho que mexer em uma ferida que não provoquei. Queria ajudar uma moça, e no fim fugi para não aumentar sua dor.

— Por acaso sua fuga eliminou o problema dela?

— Não sei, nunca mais voltei a vê-la. Isto aconteceu alguns dias antes de minha chegada ao templo dourado.

— Por que fugiu? Não seria mais fácil conviver com ela até conseguir uma solução?

— Eu não pensei assim mestre. Quando vivia na carne, duas mulheres passaram por minha vida. A primeira viveu comigo só um ano, e depois veio a falecer. Quanto à segunda, eu a amava muito, mas não pude ficar muito tempo ao seu lado, porque o passado me cobrava o seu preço. Foi neste tempo que conheci meu irmão e fiquei cego. Depois, uma criança me guiou por dez anos.

Quando eu voltei para casa, minha Jasmim faleceu. Não pude recompensá-la por tantos anos de dedicação. No dia seguinte, minha esposa faleceria também.

— Até aí, este é o drama que envolve a todos que têm uma vida agitada, guardião Saied.

— Eu encararia desta forma se uma outra mulher não tivesse entrado em minha vida sem que eu a convidasse. Eu era muito rico e estava casado com uma índia. Ia me casar com a mulher que amava, mas tinha esta outra que também queria isto. Eu creio que ela queria se casar comigo apenas pela minha fortuna. Resolvi me antecipar aos acontecimentos e forcei o seu casamento com um homem que a amava muito. Tornei-o muito rico, mas ela não se esqueceu de mim e vingou-se em meus filhos e numa negra que cuidava de minhas fazendas.

Eu estava nos momentos finais de minha existência, mas ainda descobri que ela havia mandado matar a negra, pois sem ela nas fazendas seria muito fácil arruinar minha família. Vê o porque da minha fuga?

— Teve medo do amor de uma mulher, guardião?

— Sim mestre. Eu não permitiria a nenhuma mulher que viesse a sofrer ou cometer algum erro por minha causa.

— Fugiu, mas não solucionou o problema.

— Não tinha solução. Ela se apegou a mim sem que eu pudesse convencê-la do erro que estava cometendo.

— Diga-me guardião, amar é pecado ou é errado?

— Não mestre. Ela não estava errada, nem cometia pecado algum. Eu é quem não queria continuar me comprometendo com mulheres apaixonadas. Queria um pouco de paz, não envolvimento que eu sabia, iriam nos prejudicar.

— De qualquer forma a dor aconteceu novamente, não?



— Isto eu não sei, mestre. Talvez minha fuga tenha feito com que veja que era ilusão o que sentia.

— Era ilusão o seu amor por Sarah, Saied?

— Não. Mas ela também me amava.

— Você sabia disso até se declarar a ela?

— Não mestre. Só soube quando já haviam se passado muitos anos.

— Mas seu amor não morreu, não é verdade?

— Sim, é verdade. Amo-a até hoje, mas não tenho coragem de procurá-la. Já chega o que sofreu depois que se casou comigo.

— Mas ela também era infeliz antes de se casar com você. Então, qual o problema?

— Como o senhor sabe de tudo isto?

— Vejo que você ainda não descobriu tudo sobre mim, Saied.

— Eu nunca fiz a menor indagação a seu respeito, mestre Han. Não tenho este direito.

— Pois saiba que eu o estudei a fundo guardião. Vou ensiná-lo a ver o seu passado milenar, então verá porque tantas mulheres gostam de estar ao seu lado.

Eu fiquei aguardando suas instruções. Convidou-me a uma outra sala, e quando já estávamos sentados frente a frente, ele me preparou para um mergulho em meu passado milenar.

Eu já havia experimentado pequenos retornos ao passado, nunca ultrapassando cem anos. Hoje eu iria provar minha força mental e quais eram os meus limites de imersão no passado. Teria que trazê-lo de uma só vez à tona. Só assim eu me compreenderia e poderia direcionar meu mental para o futuro. Caso eu fraquejasse, seria prisioneiro do passado.

Lentamente, fui me auto-sugestionando para a longa jornada rumo ao passado milenar.

Eu não o vi, mas o guardião Sin, meu inseparável companheiro, entrou na sala logo após o início de minha concentração, e estava

acompanhado de uma mulher que não me era estranha, mas eu nada percebi. O mestre falou comigo:

— Guardiã Saied, você está preparado para sua experiência?

— Sim, mestre Han.

— Então atenderá às minhas ordens sem demora ou hesitações, comece a voltar ao passado lentamente e vá me descrevendo suas visões.

— Eu já me vejo, mestre. Estou vendo rapidamente minha última encarnação. Neste momento sou José de Macedo. Vejo toda ela de forma inversa. Estou vendo Raios de Lua, ela é muito jovem e bonita.

— Não pare Saied, avance mais rápido.

— Estou tentando, mas não consigo, sua visão me fascina.

— Volte um pouco e ela desaparecerá. Lembre que ela não é mais Raios de Lua. Vamos, retroceda mais um pouco.

— Estou voltando mestre, estou vendo a sereia encantada ao meu lado. Como é bela sua aparência.

— Não se detenha, são apenas visões, nada mais. Lembre-se que você já viveu isto.

— Estou me afastando dela, mestre Han. Vejo-me chorando. Estou vendo o meu pai na fogueira, eu ao lado de minha mãe.

— Não pare agora Saied, você precisa vencer todos os seus traumas.

— Eu chorava com a visão de seu martírio.

— Desligue-se dele guardião. Onde está o seu autodomínio?

— Estou tentando, mas não consigo.

— Quem o aguarda mais atrás?

— Sarah! — exclamei eu.

— Sim. Olhe bem para ela.

— Estou vendo-a junto à fonte.

— Marque bem seu semblante, pois irá vê-la muitas vezes no seu passado. Retroceda mais rápido agora, você já venceu sua última encarnação.

— Estou acelerando o quanto me é possível. Vejo-me agora em espírito novamente.

— Onde está agora?

— Entre os hindus. Habito um templo na Índia.

— Diminua um pouco a velocidade da regressão e presta atenção nos acontecimentos mais importantes.

— Estou me vendo um pouco diferente, mestre Han.

— Mas é você ainda. Não importa que mude a aparência, concentre-se no semblante das pessoas que o marcaram na última encarnação e localize-as em sua visão.

— Estou vendo Sarah novamente. Sim é ela, não tenho dúvidas.

— Quem é ela?

— Uma princesa hindu, e mora num belo palácio. Tem aproximadamente 40 anos.

— Volte mais um pouco e se localize de novo, não se detenha novamente em Sarah.

— Estou me vendo matar um homem. É uma visão horrível.

— Quem é o homem? Você não consegue ver seu inimigo?

— Sim, eu vejo seu rosto, e transmite muito ódio. É o meu irmão que eu trouxe para o templo.

— Volte um pouco mais e procure a causa da discórdia.

— Já estou vendo. É uma mulher. Ela nos coloca um contra outro, em disputa pelo direito de desposá-la.

— Quem é a mulher?

— Não a conheço pelos semblantes conhecidos.

— Então não retroceda, mas acompanhe o desenrolar dos acontecimentos.

— Eu me recuso a participar de tal disputa. Ela insiste em se casar com aquele que vencer. Estou me retirando do salão de reuniões. Ela diz ao meu irmão que somente se casará com ele se ele der a ela o meu reino como presente de casamento. Ele aceita o seu jogo.

— O que acontece a seguir, Saied?

— Ele faz guerra contra mim e eu o mato em combate.

— Casa-se com ela?

— Não, eu me recuso a aceitá-la como esposa. Ela insiste em casar-se comigo.

— Olhe bem para ela e tente ver quem é. Você a reconhecerá se prestar atenção. Neste momento, para você não há passado ou presente. Tudo é uma sucessão dos seus envolvimento.

— Eu a associo a alguém em minha última encarnação.

— Confirme acompanhando-a através dos séculos. Faça isto com rapidez.

— Estou seguindo-a, mestre Han. É ela mesmo!

— Volte agora, tão rápido quanto avançou.

— Já ultrapassei toda esta encarnação. Estou me vendo negro.

— Diminua a velocidade agora.

— Estou me vendo no corpo de um feiticeiro africano.

— Continue retrocedendo e localize o início desta encarnação.

— Já o localizei.

— Avance e descubra as ligações pessoais.

— Tenho duas filhas.

— Acompanhe-as até a última encarnação. Já sabe como fazê-lo.

— Eu acompanho uma delas, e é Raios de Lua.

— Volte e acompanhe a outra.

— Já estou fazendo isto. Ela reaparece na encarnação seguinte como filha de Sarah. Agora eu a vejo como Ruth, a escrava que dirigia as fazendas.

— Volte agora.

— Vou acompanhar a mulher que mandou matar Ruth.

— Quem é ela?

— Filha de um governador. Eu estou seguindo-a, é a mesma princesa hindu que me jogou contra meu irmão.

— Consegue segui-la mais ainda?

— Sim.

— Então, mergulhe profundamente no passado e nada tema.

— Eu estou retrocedendo, mestre Han. Eu a localizo próxima de mim por um breve período, e vejo Soraya ao seu lado. São muito amigas, vivem juntas.

— Continue voltando, Saied.

— Eu já ultrapasso seis milênios e torno a localizá-la na carne.

— Quem é ela?

— Minha irmã.

— Continue.

— Estou a mais de sete milênios e a vejo na carne novamente.

— Quem é ela?

— Uma sacerdotisa.

— Localize o lugar.

— É um templo na Grécia.

— Qual o envolvimento?

— Amantes, nada mais, chora com a minha partida. Eu já vou longe, mas ela ainda continua em prantos. Vejo outra mulher agora.

— Observe-a mais um pouco, Saied.

— Já estou avançando e seguindo através dos séculos suas encarnações, mestre Han. Eu já estou em sua última reencarnação.

— Quem é ela?

— Soraya, a mulher que eu quis auxiliar e apaixonou-se por mim. Vou localizar os seus pais. Já os veio. Sua mãe é uma jovem e foi seduzida por um mercador. Eu conheço o homem, é o espírito que está nas trevas e mantinha meu irmão aprisionado. Ele simpatizou comigo, devemos ter alguma ligação. Vou retroceder nos séculos e localizá-lo quando cruzou o meu caminho.

— Cuidado Saied, está forçando muito o seu poder mental.

— Não se preocupe, mestre Han. Eu estou conseguindo fazer os avanços e retrocessos sem despender muito esforço. Já consigo vê-lo próximo a mim.

— Quem é ele?

— Um filho meu. Eu estou ensinando-o nos segredos e mistérios.

— Procure fixar este período como um limite para sua regressão e comece a avançar a partir daí, Saied. Fixe um pouco mais este período e busque enfeixar todos os fios que o têm conduzido até hoje. Volte à infância Saied.

— Sim mestre Han. Já me localizei e vejo minha mãe, é a mesma da última encarnação. O pai também é o mesmo.

— Como você reconhece isto?

— Eu apenas sei que é ela, senti quando a vi. Estou me acompanhando. Agora eu vejo Sarah. Como é linda mestre Han! Tem uma beleza incomparável.

— Não se fixe em detalhes, guardião. Lembre-se que é apenas o passado que não volta mais.

— Sim senhor. Vejo-me sendo preparado num templo. Eu o localizei mestre Han. E um dos que me preparam. Agora já me vejo envolvido em estranhas vestes e acompanhado de várias mulheres. Sarah está entre elas, e continua bela. As outras também são bonitas

e têm algo em comum. São todas iniciadas nos mistérios sagrados, cada uma serve a um

— Como são eles?

— Iguais aos da espada que ganhei do desconhecido. Elas têm vários filhos, e eu os inicio a todos. Cada uma parte para uma região da terra.

— Quem é você Saied?

— Um guardião dos mistérios dos símbolos sagrados. Elas também o são. Eu localizei Raios de Lua, é mais uma esposa nesta encarnação longínqua.

Eu parei de falar por algum tempo, e o mestre ficou preocupado.

— Saied, o que houve?

— Nada, mestre Han. Só estou acompanhando esta encarnação com mais detalhes.

— Por que?

— Tive muitos envolvimento durante a passagem pela carne e isto pode esclarecer muitos pontos obscuros.

— Quais, por exemplo?

— Por que o homem que eu tanto confiava, matou meu pai ao invés de me ajudar como eu havia pedido?

— E o que mais?

— Quem são estas mulheres todas que tiveram suas vidas cruzadas com a minha?

Eu continuei em silêncio por mais algum tempo. Quando dos meus olhos começaram a brotar lágrimas, o mestre interferiu novamente.

— Guardiã Saied, volte a ter o controle sobre o que vê em seu mental.

— Quanto sofrimento, mestre. Várias encarnações lutando por um único objetivo. Nada muda além do local, época, raça ou religião. O objetivo é sempre o mesmo.

— Qual é o objetivo?

— A defesa das coisas divinas.

— Então é uma sucessão de encarnações muito nobres.

— Nem tanto. Muitos erros foram cometidos e ainda estou em dívida com o Criador.

— Não há dívida pelo que não soubemos fazer corretamente.

— Mas há pelo que fiz de errado.

— É apenas o passado, Saied. Isto já aconteceu há muito tempo.

— Eu sei mestre, mas as conseqüências pesam no meu carma até hoje. Vivo encarnações sucessivas sempre envolto no mesmo dever. Deve haver uma explicação.

— Isto pertence ao passado inescrutável. Você não deve penetrá-lo senão poderá se perder nele.

— Devo sim, mestre Han, basta eu querer!

— Você não deve tentar. Já tem muito campo aberto para meditar e agir em função dele. Sabe até que foi um iniciado nos mistérios dos símbolos. Agora só precisa desenvolver esta preparação que já tem gravada em seu subconsciente. Com isto poderá corrigir muitas falhas.

— Eu preciso encontrar a minha razão de ser e existir. Só assim encontrarei a paz interior que procuro há milênios.

— Conte-se com o que já sabe, Saied.

— Não mestre Han, retrocederei até onde meu mental conseguir abranger, assim poderei saber de tudo.

— Saied, se você regredir muito, poderá anular-se.



— Eu não vou seguir a mim, mas a Sarah. Eu partirei de um ponto e retrocederei o quanto me for possível. Através dela, eu me encontro. Já estou vendo-a como minha mãe.

Agora é minha discípula e novamente minha mãe. Até onde iremos?

— Cuidado, Saied.

— Não se preocupe mestre, tenho pleno domínio do meu mental. Eu já me sinto a quinze mil anos atrás, e volto a encontrá-la ainda mais bonita que da última encarnação.

— Quem é ela?

— Um ser muito luminoso. O corpo físico não contém sua luz cristalina. É um anjo na carne.

— Consegue se ver?

— Não, mas ainda que isto aconteça, eu me sinto triste, porque estamos separados. Não estou no corpo físico. Vou retroceder mais um pouco e me localizar.

— Cuidado Saied.

— Estou mergulhando mais dois milênios. Já me localizei, mestre Han. Ainda sou um iniciado nos mistérios. Vejo-me num templo imenso, mestre! Nunca vi nada igual, è todo feito de rochas cristalinas. Não há luz em seu interior. Sua luminosidade vem da luz do sol e das estrelas, através do jogo de cristais. E lindo! As vestes são incomparavelmente superiores a tudo que possa existir atualmente na terra, e o grau de civilização é infinitamente superior. Porque a queda?

— Isto não interessa, Saied. Já chega de buscar o passado.

— Ainda não, mestre, localizei o motivo da queda.

— Qual foi o motivo, Saied?

— Um cataclismo que abalou todo o planeta. Vejo o templo se esfacelar em milhões de pedaços. Vejo também continentes

submergirem sob as águas e outros surgirem ao mesmo tempo. Devem ter morrido quase todos os habitantes da terra, tudo foi abalado. Vou retroceder um pouco mais.

— Volte Saied, é uma ordem.

— Já não consigo precisar a data, mestre Han. Torno a encontrar Sarah. Ainda está linda como sempre. Não a vejo na carne, mas em espírito. Continuo seguindo rumo ao passado, e já posso precisar o seu local de origem. Estou sem condições de dizer se isto é a milhares ou milhões de anos. Ela é uma iniciada também, vejo os símbolos sagrados em sua alma.

— De onde ela é guardiã?

— Dos mistérios da água e do ar. É uma guardiã dos mistérios destes elementos! Eu vejo um símbolo em seu peito.

— Como é este símbolo?

— Igual ao segundo da espada encantada.

— Consegue decifrá-lo?

— Não. Vou retroceder mais um pouco e poderei ver algo mais.

— Você está se aproximando da origem se Sarah, cuidado.

— Vou retroceder mais devagar. Já estou fazendo. Vejo-a num local muito lindo, e me localizo novamente.

— Como está você agora?

— Também marcado por um símbolo no peito, e vejo uma terceira mulher.

— Sabe quem é?

— Vou tentar, ainda não tem as marcas do corpo físico.

— Porque ficou em silêncio, Saied?

— Estou retrocedendo, mestre Han. Elas continuam juntas por muito tempo. Ainda retrocedo e localizo um imenso santuário. Como é lindo! Nem se parece com a nossa terra atual. Há uma harmonia em tudo.

— Expanda sua visão Saied e procure ver o todo.

— Eu já estou fazendo isto, mestre Han. Os seres encarnados cultuam aos símbolos sagrados como refletores dos poderes da criação. Eu vou voltar mais um pouco, acho que localizarei brevemente o que procuro, pois ainda me vejo ao lado de Sarah. Somos inseparáveis, acho que possuímos uma parcela dos mistérios e velamos por eles como guardiões.

— Qual seu campo de ação?

— Não consigo vê-lo. Vou dar mais um mergulho no passado, mas mantendo Sarah e o santuário como referência.

— Cuidado Saied, não vá ultrapassar os seus limites.

— Não se preocupe, mestre Han. Tudo está sob controle do meu mental. Já estou me aproximando de um tempo em que a natureza comandava tudo. O ser humano vivia unicamente por ela. O pouco que consigo ver é muito lindo, não consigo descrevê-lo. Estou ainda em contato com o santuário. Sarah está passando por uma experiência na carne neste momento.

— O que pode dizer desta experiência?

— O corpo é muito sutil. Creio que esta é sua origem como espírito encarnado.

— Onde você está neste momento?

— Ao lado dela. Sou seu protetor, creio eu.

— E a outra mulher?

— Está ao meu lado, e vejo-a com um símbolo no peito também.

— Qual é o símbolo?

— O quarto símbolo da espada. Vou retroceder um pouco mais. Vou até a origem de Sarah.

Cuidado. Saied! Está indo longe demais. Ela pode

— Não creio, já me vejo como espírito mais sólido que a outra mulher, creio que já passei pela experiência da carne. Estou retrocedendo rapidamente, perdi as duas mulheres.

— Pare Saied. Volte à época atual.

— Não consigo, mestre Han. Minha mente está sendo comandada por outro mental superior ao meu. É muito mais poderoso e me guia sem que eu possa interferir.

— Não consegue saber quem é ele?

— Não. Sei apenas que já não me vejo como espírito na forma que conheço. Não tenho as feições definidas. Sou somente uma forma luminosa sem contornos.

— Procure ver quem o conduz, e assim deter esta regressão. Caso contrário não voltará mais ao controle do seu mental.

— Ele parou de me conduzir, mestre Han. Estou no santuário ainda, mas tudo é muito diferente!

— O que você está vendo, Saied?

— Eu me vejo um tanto diferente. Sou um espírito de cor azul celeste, mas não possuo a minha forma atual, nem tenho símbolo algum impresso em meu corpo espiritual.

— Seria um ser do reino elementar?

— Não. Eu sou diferente deles. Eles possuem apenas uma qualidade que os forma, ou seja, vibram somente o seu princípio, seja ele água, terra, fogo ou ar. Conosco isto não acontece. Nós possuímos duas destas qualidades formadoras, que se equilibram e se antagonizam.

— Consegue ver as suas?

— Sim, possuo o ar e a terra como elementos formadores. O ar no positivo e a terra no negativo.

— Como consegue distinguir isto?

— Pelas correntes vibratórias que são facilmente visíveis.

— Como são estas correntes, Saied?

— As que partem do ponto de força localizado no mental se derramam para o solo, e dos pontos nos pés sobem outras correntes.

— Qual é a do ar?

— A que desce. isto quer dizer que o ar me guia e a terra me equilibra.

— Como pode saber disso tudo?

— Eu ouço no ar estas coisas.

— Alguém fala sobre isto, Saied?

— Não, mestre Han. Eu ouço no som que penetra meus ouvidos através dos milênios incontáveis.

— Fale-me mais sobre o que vê, guardião.

— Estou sendo guiado novamente. O meu mental volta mais um pouco e já me vejo bem próximo a um símbolo.

— Como é ele?

— Estrelado.

— Consegue decifrá-lo?

— Não o decifro, apenas o ouço. Seus mistérios são emanados como melodias sonoras e se irradiam através do ar.

— Não são palavras?

— Não existem palavras, apenas sons harmônicos e eu os ouço como uma melodia encantadora!

— Fale mais sobre esta melodia, Saied.

— Eu não sei como defini-la mestre. Vou ouvi-la mais um pouco e depois falo. Não me pergunte nada.

- Eu me calo, Saied.

— Sinto a melodia e já compreendo. Isto é o verso divino, mestre Han. Como é linda, maravilhosa! Ela encanta a todos os meus sentidos. Vejo Sarah se aproximar de mim agora, tem a mesma forma que eu. Entre nós, só há a diferença de formação. O símbolo fala conosco e nós o entendemos claramente. Ele nos ordena, e nós assentimos que sim. O símbolo é a manifestação do Divino Criador que nos marca com seu poder irradiante. Há uma identificação

entre nós, e isto é a origem de nossa ligação ancestral. O símbolo emite um fogo cor de laranja e nós somos envolvidos por ele. O quarto elemento já nos impregnou com seu poder. Deixamos de ser espíritos amorfos e adquirimos qualidades mais sólidas. Creio que descobri a chave do mistério que envolve a todos os espíritos neste planeta. Nós já habitamos outros planetas mais sutis que este, mestre Han. Neles tínhamos apenas dois elementos a nos alimentar, mas aqui precisamos de quatro. Um predomina e guia, outro equilibra e solidifica, um terceiro nos harmoniza com este planeta, e o quarto nos vivifica, ou seja, permite encarnarmos em corpos sólidos. Esta é a chave mestre Han! Sarah e eu somos indivisíveis, porque fomos vivificados por uma mesma chama. Não importa o tempo e o lugar, sentiremos falta um do outro, pois aquela era a nossa chama divina. Somos o positivo e o negativo se buscando para se harmonizarem. Eis aí o porquê de nem raça, cor, religião ou diferenças de classe conseguirem matar o amor entre um homem e uma mulher. Esta é a chave, mestre Han. Finalmente eu a encontrei!

Agora somos conduzidos até outro símbolo e recebemos, através de sua melodia harmônica, todos os seus mistérios e vibrações. Mestre Han isto é maravilhoso. Estamos sendo conduzidos diante de todos os símbolos e recebemos através de suas melodias harmônicas todos os seus mistérios.

Nós somos preparados para sermos guardiões dos seus mistérios, nós já nos iniciamos e partimos rumo a um dos pontos de força da natureza.

Novamente o mental superior se apossa do meu e o conduz. Apesar de ser muito rápido, eu vejo tudo.

Nós nos tornamos responsáveis por muitos outros espíritos no nosso ponto de força, e os preparamos para a experiência da vida na carne.

Somos guardiões dos mistérios da criação.

Vejo muitos erros cometidos quando na carne, e temos por dever conduzi-los sempre aos mistérios. Muitos se refazem da experiência da carne e são como nós atualmente. Outros se deformam e sofrem por isto. Absorvem muitas forças negativas. Acho que esta é a chave para tantos espíritos desequilibrados. Eu vejo os problemas que nos afligem hoje já naqueles tempos, e também não podíamos saná-los, assim como não podemos fazê-lo hoje.

Eu vejo também sermos preparados para a encarnação. Somos marcados com o primeiro símbolo.

A outra mulher já aparece também. Enquanto nós vivemos na carne, ela vela por nós. O tempo de vida na carne é maior que o de hoje, mas não muito. Eu retorno ao estado espiritual mais sólido que Sarah.

Agora avançamos rapidamente. Vejo os espíritos de espalharem por toda a terra, mas vejo também as grandes transformações ocorrerem.

Agora são poucos os guardiões e muitos os servidores dos símbolos. Ainda voltamos ao nosso lugar de origem após as encarnações.

Vejo um grande cataclismo. Não é o mesmo que vi antes. Este é anterior àquele. Creio que tudo o que existia sobre a terra foi abalado. O corpo físico sofreu uma queda de qualidade. Tornou-se mais grosseiro e também menor. E já distingo colorações de tez diferentes. São isolados uns dos outros. Já não conseguem se manter em comunicação com os guardiões dos mistérios contidos nos símbolos

O corpo grosseiro não permite que nos comuniquemos com os desencarnados. Há muita confusão e ignorância no seio dos encarnados. Creio que isto é a tal da pré-história.

Avanço novamente conduzido pelo mental superior, e vejo nossa primeira separação. Eu na carne e ela em espírito.

Sofro minha primeira queda, sua ausência me marcou muito.

A outra mulher entra novamente em meu caminho e me leva à materialidade. Tento me livrar de sua influência, mas isto já não é possível pois me solidifiquei demais.

Sarah vem em meu auxílio e consigo me restabelecer. Voltamos ao equilíbrio harmônico. Passa muito tempo até nova reencarnação. Voltamos juntos, e a segunda mulher vêm como nossa filha. Outras são colocadas sob nossa responsabilidade. São sete iniciadas que reencarnam sob o mesmo teto. Haviam se ligado demais às coisas materiais e temos por obrigação desligá-las destas coisas. Nenhuma delas se casa, são todas consagradas aos mistérios e vivem por eles na carne. Obtivemos uma grande vitória.

Agora não somos só nós dois, mas sim que um grupo de espíritos afins, todos ligados aos mistérios sagrados.

Novamente estou sendo levado pelo mental superior. Vejo cultos impuros brotarem por toda a terra. São os mistérios das trevas que são adorados. Temos muito trabalho para nos equilibrarmos em tal confusão.

Agora eu torno a ver o cataclismo que já havia visto antes, mas agora sei qual a sua causa. É a desarmonia da natureza. Os elementos entram em desequilíbrio e o planeta é totalmente modificado. Negros, vermelhos, brancos e amarelos se contactam e se dominam uns aos outros.

Vejo-me junto às sete filhas e Sarah diante dos símbolos no grande santuário espiritual. Somos marcados pelo primeiro dos símbolos. Torno a ouvir o som harmônico e melodioso. É estonteante sua beleza. Vamos entrar no ciclo de sucessivas encarnações, eu ouço isto na melodia. O símbolo é impresso em nosso peito. Estamos marcados pelo primeiro símbolo.

Milhares e milhares são marcados. Cada símbolo possui os seus guardiões, e todos vão passar pelo mesmo ciclo. É o maior derrame de iniciados que vejo de uma só vez. Vários rituais religiosos vão surgindo. Cada um dirigido por um dos símbolos sagrados. Todos



são bons em seu princípio, mas vão se desvirtuando com o passar dos séculos. O corpo grosseiro não permite uma comunicação com a fonte original que nos marcou, e vamos perdendo o contato com ela. Conseguimos manter o símbolo no peito por muitos milênios, mas até isto vai se apagando lentamente. A humanidade afastou-se muito do Criador. A mistura dos mistérios dos símbolos sagrados e os mistérios das trevas é muito grande, ninguém mais distingue a diferença entre eles.

O nosso pequeno grupo já está separado por reencarnações acontecidas em épocas diferentes. Um sempre tenta reunir os outros, mas isto muitas vezes é impossível.

Sarah volta à carne sob o poder do seu ancestral místico e é direcionada para o dom do oráculo. Resiste a ele, é privada da elevação ao nosso nível espiritual, e eu vou em seu auxílio. Consigo elevá-la à condição de guardiã dos mistérios do oráculo, como uma de suas sacerdotisas, em uma encarnação posterior. Meu esforço livrou-a de uma queda maior, mas já sou envolto pelo ancestral místico e devo servi-lo no meio de tanta confusão. Sou um guardião de um ponto de força do ancestral místico no dom do oráculo.

Numa outra encarnação, já não é companheira, mas minha mãe. Eu já estou servindo ao ancestral místico da luz do saber por sete milênios como guardião de um dos seus pontos de força na natureza. Sou envolvido pelo ancestral místico. Eu ouço sua melodia harmônica. Vibro com seu poder. Ele me marca com seus símbolos sagrados. O ancestral místico da luz do saber é o primeiro dos símbolos. Ele confunde a mim e a Sarah, e nos envolve na dor do sétimo símbolo. Recebo em meu peito as três cruzes. Sarah também é marcada, mas com o sinal do primeiro símbolo. A estrela reaparece em seu peito.

Estamos isolados. Já não voltaremos ao mesmo lugar após o desencarne. Eu choro a separação, ela também a chora.

O ancestral místico nos separou. Teremos que absorver os símbolos vivos e propagá-los entre os encarnados.

Torno a vê-lo mestre Han. Está em um templo muito bonito e harmonioso. É um dos remanescentes e sou iniciado nos mistérios dos sete símbolos. Volto a ser um guardião e tenho que lutar por eles.

Encontro-me novamente com Sarah e mais seis das moças. A sétima aparece logo.

Excedo-me no meu dever, e me antagonizo com as trevas. Fui tão cruel na Luz quanto os das trevas o são em seu reino. Afasto-me do meu ancestral místico. Sarah se eleva ao máximo e com isto estamos separados novamente.

Sarah reencarna e eu consigo me reerguer do abismo, mas sou perseguido pelas trevas, que não me esquecem. Ainda estou sob o símbolo da dor e não posso ajudar Sarah em sua reencarnação. Ela se perde mais que eu, porque sente minha ausência. Eu choro em desespero e ela também. O dom do oráculo nos marcou profundamente. Qual é o intuito do ancestral místico com isto? Nós sempre procuramos servilo com amor, mas ele nos aniquila um pouco mais a cada encarnação. Por que isto? Qual o propósito? Tirou-nos a alegria dos reencontros felizes. Já não tenho Sarah e nem as outras sete mulheres.

Vejo a passagem dos séculos e milênios e parece-me que os vivi há instantes atrás, tal é a dor que carrego em meu mental. O por que disto? Qual o propósito? Esforço-me ao máximo nos trabalhos árduos em prol do meu ancestral místico e ainda assim ele não se satisfaz com todo o meu esforço e me lança mais ainda ao encontro da dor.

Deus, eu o vejo! Ele existe e é real.

O próprio guardião do dom da fé vem à carne, sob o símbolo da dor, para redimir aos servidores das três cruzes.

Como é belo o guardião do dom da fé! Ele é o próprio oráculo do ancestral místico do ar. Até ele chora sob o símbolo da dor! Meu Deus eu o vejo e ele não é diferente de nós quando na carne, apenas trás em si o seu dom. O dom da fé no Criador, que ele tanto fez para manter vivo nos corações dos espíritos encarnados.

Até a ele o ancestral místico da luz do saber lançou à carne em mais uma tentativa de redimir o ser humano. Se até o guardião do dom da fé veio à carne e chorou, quem sou eu para reclamar do ancestral místico? Nada mais me interessa ou comove. Então, torno-me um instrumento dócil do ancestral místico. Vivo sob o símbolo da dor, e não vou mais reclamar.

Mas onde está Sarah? Por que não a vejo? Por que tem que ser assim? Para que lutar ou propagar os mistérios do meu ancestral místico? Para que buscar a quem me foi tomada por outro dos dons ancestrais místicos? Já não há motivo para esta busca sem fim. São sete mil anos de dor e mágoas, e ainda sob o símbolo das três cruzes.

Neste instante, eu anulei o meu mental e comecei a chorar. Como eu chorava! Vertia sete mil anos de dor porque assim o quis meu ancestral místico, o ancestral da luz do saber.

Tornei a lançar meu mental de regresso ao passado.

Busquei o tempo em que era feliz ao lado de Sarah.

Comecei a falar da beleza de Sarah. Era um monólogo que só eu compreendia. Não falava mais com mestre Han. Não iria sair mais daquela época. Lá eu a via bela e radiante, não um ser sofrido ou magoado como eu.

Mestre Han percebeu minha intenção, e começou a chamar-me de volta ao tempo real.

— Volte Saied, você não pode viver da visão do passado. Com isto está se anulando. Vamos guardião Saied, você não é um fraco nem um covarde. Tudo o que fez foi por desígnio do seu ancestral

místico. E ele que o conduz, volte a servi-lo com amor. Somente ele poderá devolver-lhe a alegria da companhia de Sarah. Em algum lugar, ela o aguarda. Talvez esteja precisando de seu auxílio.

## O REGRESSO

Eu o ouvia muito distante. Era como um sussurro ao vento. Não me importava com suas palavras. A visão de Sarah era muito linda. Eu a via sorrir e me fixei nesta imagem.

— Saied, você não me ouve? Responda-me, por favor. Vamos, fale comigo, sou seu mestre. Está me ouvindo?

— Sim, eu o ouço muito distante. Está quase inaudível, mas ainda o ouço. Está muito longe, mestre.

— O que está acontecendo com você?

— Eu estou próximo de Sarah, deixe-me, por favor.

— Não Saied, isto é apenas o seu mental que vibra o passado com muita força e você foge do presente porque tem que vivê-lo.

— E o que importa? O que vejo me satisfaz plenamente. Para que a realidade, se neste estado não sinto mais as marcas do símbolo da dor?

Alguém entrou na conversa.

— Simas, volte para mim, por favor.

— Quem é você que me envia sua voz. Eu a conheço?

— Sim, sou sua mãe.

— Minha mãe morreu de desgosto pelo erro que cometi. Não iria me procurar agora!

— Por que diz isto meu filho?

— Ela nunca me perdoaria. Por que ela, que foi tão atingida por meu erro, iria me perdoar se nem eu me perdôo?

— Mas sou eu Simas. Volte e veja com seus próprios olhos. Venha para mim meu filho, eu lhe peço.

— Eu não tenho mãe, pois a matei faz muito tempo.

— Simas, não se lembra de quando cantávamos juntos no coral da igreja do sagrado coração?

— Como sabe disso?

— Porque sou sua mãe, e estou na sua frente. Abra os olhos e me verá. Vamos, abra os olhos!

— Não vou abri-los.

— Por que não?

— Minha mãe morreu há muito tempo, não mais existe.

Outra voz chegou até mim como um sussurro. Eu me anulava cada vez mais.

— Saied, abra os olhos. Sou eu, seu pai.

— Mentira, meu pai está morto.

— Não filho, sou eu, volte para mim. Estou na sua frente.

— Meu pai foi queimado por mim. Eu ainda o ouço gritar de dor ao ser consumido pelas chamas.

— Isto foi na carne, agora sou um espírito como você.

— Mentira, meu pai não ouviu minhas preces pedindo o seu perdão. Orei por muitos anos, e nunca o encontrei. Perdi-o fazer muitos anos.

— Não Saied, eu nunca o abandonei.

— Está tentando me afastar de Sarah novamente.

— Não, e vou provar que sou seu pai.

— Como?

— Quem o chamava de Saied quando criança?

— Era meu pai.

— Sim, era eu que o chamava assim e ninguém mais. Por que não deu outro nome ao mestre Han?

— Porque só meu pai conhecia este nome, e caso ele realmente me amasse ainda, viria ao meu encontro.

— E por que você não me procurou?

— Eu tinha vergonha e remorso, não tive coragem.

— Mas eu o perdoei filho. Eu o conduzi até o templo dos magos na Pérsia e o acompanhei e protegi durante todo o tempo em que caminhou na escuridão.

— Eu nunca o vi, como não o vejo agora.

— Então, abra os olhos e me verá.

— Não. Meu pai está queimado. Nunca mais o verei.

— Eu estive todos estes anos ao seu lado Saied. Eu sou o guardião Sin. Pedi ao mestre Han que me deixasse ficar ao seu lado até que você resolvesse me procurar.

— Não, o guardião Sin é diferente do meu pai. Ele quase não fala.

— E você é diferente do meu filho Simas, porque durante todos estes anos nunca pensou. Por que mudou tanto?

— Simas morreu. Eu o matei assim como ao meu pai. Se Simas era um assassino, deveria ser morto também. Foi o castigo mais justo que eu encontrei para ele. Simas não existe mais, assim como meu pai.

— Então abra os olhos e verá que sou real e que estou à sua frente.

— Você não é meu pai, ele está morto. Agora me deixe, quero voltar a ver Sarah, Ela está tão bonita. Com ela eu não sinto dor ou tristeza.

— Isto é apenas uma ilusão do seu mental que quer fugir de sua responsabilidade para com o seu ancestral místico da luz do saber.

— Não é verdade. Eu estou vendo Sarah bem à minha frente, ela sorri.

Nisto uma voz me interrompeu.

— Vamos Cavaleiro, onde está minha espada encantada?

— Quem é você?

— Eu sou o dono da espada que a doutora lhe entregou.

— Por que quer a espada?

— Quando eu a dei a você, era para que o Cavaleiro da Estrela da Guia a usasse em prol da justiça, e com isto libertasse Sarah do encanto do oráculo.

— Eu a vejo livre e sorrindo agora.

— Esta que você vê é uma imagem do passado. A verdadeira Sarah está chorando neste momento.

— Como sabe disso?

— Porque ela é uma guardiã da sereia encantada e a serve à minha esquerda.

— Por que ela está à sua esquerda?

— Quando um está à direita, o outro está à esquerda, ou já se esqueceu disso?

— Não me esqueci.

— Então, abra os olhos e se desligue da imagem do passado, que eu o levarei até a verdadeira Sarah.

— Onde ela está?

— No ponto de força da rainha do mar.

— Impossível.

— Então, mova o seu mental a partir de onde você está e acompanhe-a até o momento atual. Caso eu esteja mentindo, poderá voltar novamente até aí.

— Sim, eu sei como fazer isto. Mas terei que abandonar esta Sarah.

— Faça isto a uma velocidade muito grande, e localizará a Sarah dos seus sonhos chorando sua ausência. Será que até dela você quer fugir agora?

— Eu nunca fugi de Sarah. O ancestral místico foi quem nos separou.

— Então volte ao presente e a verá tão bela como a vê agora, mas não será uma Sarah que não pode ser tocada e sim a sua esposa, servindo à sereia encantada.

— Vou avançar, mas se for mentira eu voltarei novamente.

— Estou esperando que faça isso, Cavaleiro.

— Já estou avançando. Eu a vejo, e ela está muito triste. Por que isto?

— É que ela não pode vir à sua procura e pensa que você a esqueceu. Por isso é tão triste.

— Eu não gosto de vê-la triste.

— Quer que eu o leve até ela, Cavaleiro?

— Eu devolverei a ela o sorriso que a torna tão bela?

— Sim, somente você poderá fazê-lo.

— Como posso fazer isto?

— Abra os olhos e se desligue da regressão, eu o conduzirei até ela. Sarah precisa de você!

Eu abri os olhos lentamente e saí do estado de introversão mental regressiva. Assustei-me com as pessoas à minha frente.

— Mamãe, papai, o que fazem aqui!

Eu comecei a chorar, à medida que minha mente voltava ao equilíbrio.

— Nós viemos buscar o nosso filho amado.

— Sinto tanta vergonha de mim mesmo. Vocês me perdoam pelo meu crime?

— Que crime, filho?



— O de tê-lo matado da forma mais cruel papai.

— Tudo foi obra do destino, filho meu. Isto foi há muito tempo, e nós já o perdoamos.

— Mas eu não consigo me perdoar. Jamais me permitirei o perdão.

— Vamos filho, abrace-me com força. Como eu tive vontade de fazer isto todos estes anos que fiquei ao seu lado.

— Guardião Sin, era o senhor?

— Foi mestre Han quem me permitiu ficar ao seu lado.

Eu o abracei e chorei como uma criança que reencontra o pai perdido. Como eu chorava! Era toda a dor de muitas décadas de um remorso tão grande, que eu não a desejaria ao mais abjeto dos seres humanos.

— Por que não se mostrou antes para mim?

— Eu esperava que você se perdoasse também. Só assim eu teria meu filho de volta. Vamos, sua mãe também quer abraçá-lo.

Eu larguei meu pai e abracei minha mãe com tanta força, que quase a sufoquei.

Como ela chorava. Sentia a dor com tanta intensidade quanto eu. Uma mãe é sempre uma mãe. Não importa quão grande seja o erro do filho, ela sempre o ama.

— Perdoe-me por tê-la feito sofrer tanto mamãe.

— Eu nunca o condenei por nada Simas. Sempre soube que você foi traído por alguém em quem muito confiava. Por que fugiu do abrigo quando nós estávamos para visitá-lo?

— Eu estava perturbado pelo remorso. Talvez tenha sido melhor assim. Perdoe-me mamãe, nunca mais vou lhe dar desgosto de espécie alguma.

— Seja você mesmo e eu serei a mais feliz das mães de todo o mundo. Nós temos cuidado de alguém em seu lugar e está na hora de você devolver-lhe um pouco de alegria.

— Quem é?

— Soraya. Ela ainda está à sua espera. Nós a convencemos a esperá-lo.

— Pobre Soraya. Por que eu não compreendi o quanto ela precisava de mim por perto? Como ela está?

— Tão triste quanto Sarah, ou Raios de Lua, ou Jasmim. Todas esperam que você torne a ressuscitar Simas e volte ao campo de lutas novamente.

— Antes eu tenho que devolver a espada encantada ao seu verdadeiro dono.

Virando-me para o Cavaleiro do Mar eu indaguei:

— Esta espada lhe pertence, senhor. Acho que não soube como usá-la em benefício dos meus semelhantes.

— Quantas vezes a desembainhou Cavaleiro da Estrela da Guia?

— Duas, senhor. Fiz muito pouco com ela.

— Esta não é uma espada comum, Cavaleiro. Quanto menos o seu guardião precisar usá-la, mais ela se ilumina. Desembainhe-a e veremos qual o seu brilho agora. Somente assim saberei se soube usá-la com justiça.

Eu tirei a espada de sua bainha e vi que seu brilho era tão intenso, que tornou o ambiente todo dourado.

— Foi o cavaleiro que melhor usou-a até hoje, guardião. Eu o presenteio pessoalmente com ela. Por toda a eternidade, ela será sua. Ninguém irá tirá-la de você.

— Obrigado Cavaleiro do Mar. Poderia levar-me até Sarah agora?

— Sim, eu o levarei até ela. Creio que ela se tornará uma de minhas melhores auxiliares na guarda do ponto de força da natureza dirigido por Inaê, a sereia encantada. Mestre Han, o senhor nos acompanha?

— Sim, Mestre da Luz Cristalina. Será um prazer ir até seu ponto de força!

## SEPARADOS PELA SEREIA ENCANTADA

E fomos até onde estava Sarah. Ao chegarmos, ela estava deitada. Dormia, mas chorava ao mesmo tempo.

— Sarah, acorde! Sou eu, Simas. — falei carinhosamente (havia plasmado minha aparência antiga).

— Simas, onde está você agora?

— Aqui ao seu lado. Vamos desperte, quero abraçá-la.

Ela abriu os olhos e ao ver-me chorou alto. Eu a levantei e a envolvi nos braços. Como era bom reencontrá-la após tantos anos!

— Como é bom tê-lo ao meu lado novamente, Simas.

— Eu também estou feliz por poder vê-la e abraçá-la, Sarah.

— Por que se demorou tanto?

— Não posso explicar em poucas palavras. Melhor o silêncio dos que não conseguem viver distantes.

— Nunca mais vou deixá-lo partir, ninguém mais irá separá-lo de mim. Chega de chorar sua ausência.

— Eu também chorei sua ausência. Perdoe-me por tê-la feito chorar por mim.

— Isto apenas torna este momento mais emocionante. Sabia que eu tive um sonho muito estranho?

— Primeiro vou apresentá-la aos meus pais e ao mestre Han, depois você me conta seu sonho.

Ao virar-me, não os vi mais ao meu lado.

— Foram embora, Sarah. Não importa. Acho que quiseram nos deixar a sós.

— Eu acho bom mesmo, tenho muito a conversar com você, Simas. Vamos nos sentar juntos como fazíamos antes?

— Sim, acho que é a melhor das recordações que guardei do nosso último encontro.

— Você já sabe do nosso passado milenar?

— Sim, é por isto que vim ao seu encontro. Você já o conhece também?

— Acabei de sonhar com ele.

Eu fiquei olhando para seu rosto, que não mais era o de uma mulher velha ou sofrida.

— Você está tão bela quanto quando ia apanhar água na fonte, Sarah.

— Você também está muito bem. Por que tem que haver estas separações tão tristes Simas?

— É o encanto do oráculo lançado pelo ancestral místico. Acharemos uma forma de quebrá-lo!

— Ajudará a me libertar dele?

— Não terei paz em meu espírito até que o consiga.

— Prometa-me isto, então!

— Aceita minha jura?

— Sim. Só assim saberei que nenhuma das outras o tomará de mim.

— Ninguém mais irá me tirar de você. Em meu coração não haverá lugar para mais ninguém, Sarah.

— Se o que eu sonhei for verdadeiro, ainda terá que se dividir tanto quanto eu me dividi uma vez no passado.

— E isto a preocupa?

— Sim. Será que, tendo que se desdobrar em tantas partes, irá lutar por mim?

— Você viu há quanto tempo nós já estamos juntos?

— Somente consegui ir até sete mil anos. Foi tudo o que sonhei e que foi mostrado a mim.

— Pois eu quase me perdi quando regredi a épocas imemoriais.

— Foi tão longe assim?

— Menos não me satisfaria, e mais me era impossível. Atingi meu limite.

— Como foi essa regressão?

— Eu nos vi ainda como espíritos não evoluídos através dos ciclos reencarna tórios. Lentamente fomos nos envolvendo e cada vez assumindo maiores responsabilidades perante o Criador.

— Mas por quê a atração tão forte?

— O quarto elemento que nos atingiu, foi o fogo alaranjado do Divino. Nós temos o mesmo fogo formador. Eu vi muitos serem atingidos em grandes grupos, e outros o serem a sós. Nós, não, fomos atingidos ao mesmo tempo por uma única chama.

— E por que as outras que nos acompanham?

— Ainda não sei, mas com o tempo descobrirei isto também.

— Irá me dizer quando o souber?

— Sim. Agora me diga, o que tem feito?

— Seguido uma orientação do Cavaleiro do Mar. Tenho procurado aprender tudo sobre o mar e o elemento água. E por aqui que devo desenvolver meu dever com a Lei.

— Como tem se saído?

— Mais ou menos, mas agora que eu o vejo tão bem, me multiplicarei em milhares.

— Não entendi suas palavras.

— Eu devo arregimentar o maior número possível de espíritos caídos e colocá-los a serviço dos mistérios do símbolo que rege a água.

— Poderei ajudá-la de alguma forma?

— Não sei, mas não dispenso sua oferta. Com isso, eu poderei tê-lo por mais tempo ao meu lado.

— Não tinha tanto ciúme quando estávamos no corpo físico.

— Não tenho ciúme, apenas quero para mim o que me pertence.

— Se for possível, nunca mais a deixarei. Talvez já tenha terminado a tarefa que nos foi dada pelo nosso ancestral místico.

— Há alguma forma de sabermos?

— Eu descobrirei.

— E você, o que tem feito estes anos todos?

— Quase nada. Tenho ajudado os mestres do templo dourado.

— Não foi isso o que me contou o Cavaleiro do Mar. Disse-me que você se tornou um dos guardiões do templo e que tem feito tanto bem aos encarnados e aos desencarnados, que não é possível contar o número de beneficiados pelo seu esforço.

— Agora que posso ficar ao seu lado, vamos nos unir e fazer mil vezes mais. Agora já não temos motivos para perder tempo com lembranças amargas.

Ficamos conversando sobre tudo que tínhamos vontade. Creio que renascíamos para o amor a cada instante.

De fato, juntos nada mais pesava. Não havia dor que pudesse nos incomodar ou desanimar. O que importava o passado, quando tínhamos o futuro à nossa frente e sabíamos que ele era eterno?

É estranho. Os espíritos que se amam podem sofrer as maiores dores ou mágoas, mas quando estão unidos, nada tem importância. A dor deixa de existir e as mágoas desaparecem por encanto. A única coisa que se sobrepõe a tudo é o amor. E o amor no mundo

espiritual não é igual ao amor que sentimos quando estamos no corpo carnal. Não! Em espírito ele, se é realmente amor, prescinde do desejo. A união não se faz por meios iguais aos terrenos. Ali o que reina soberana é a felicidade pela presença do espírito amado. O envolvimento amoroso se dá através da troca do emocional. Um transmite ao outro uma alegria que me é impossível descrever com palavras. Tal alegria e felicidade só são comparáveis aos que amam a música.

Sim! Talvez este exemplo seja o que mais se aproxime do amor entre dois espíritos afins. Ao apreciador de uma bela canção, não é necessário mais que uma boa audição para que vibre com ela. Não a vê e nem pode apalpá-la, mas ainda assim, a absorve e vibra com sua harmonia.

Os espíritos afins também são assim. Uma simples aproximação já é o suficiente, não havendo necessidade de mais nada, além disso. Isto é a perfeição do nosso Criador, o Deus eterno e perfeito.

Ainda nos falamos por muito tempo, até que alguém começou a surgir da água, vindo em nossa direção.

Sua luminosidade tornava aquela parte do mar muito brilhante. Nós também fomos atingidos pela sua luz azul, cristalina. Estávamos paralisados por tanta beleza que ela nos irradiava.

Nada falamos e nada nos foi perguntado.

Ouvi novamente o som divino. Era um ser de um reino mais elevado falando conosco. Não usava palavras como nós. Não! O que tinha a nos dizer, fazia-o com uma voz melodiosa e agradável, e nós a compreendíamos tão bem, que nos integramos a ela. A melodia que emanava de si nos ultrapassava e vibrávamos com ela.

Eu me vi diante da guardiã que havia nos marcado com o símbolo no peito. Eu recordei a regressão feita a pouco, e me senti o mais feliz dos seres sobre a face da terra, ou do mundo espiritual.

Como era bom voltar a encontrar o gênio das águas!

Ela emitia uma canção harmônica que falava ao espírito. Olhei para Sarah e vi como ela estava emocionada, sentia o mesmo que eu.

Ouvia sua mensagem através do canto. Estávamos diante de uma das emanções do Criador para dirigir o planeta que habitávamos. Sim, era o gênio das águas, a rainha do mar, a mãe universal.

Se as pessoas pudessem entender, saberiam porque o Cristo foi chamado de "O Pescador" e decifrariam a passagem em que ele caminhou sobre as águas.

Estávamos diante da mãe geradora da vida neste planeta. Somos mais água que qualquer outro elemento químico. Somos gerados na águas, quando saímos dela após o período de gestação, recebemos o sopro divino que anima nosso corpo físico, já animado então pelo espírito eterno. Este "sopro" invade nossos pequenos pulmões e emitimos os primeiros sons no corpo físico.

O Criador é uno na origem, mas dual nas manifestações visíveis. E nós estávamos diante da sua manifestação feminina, maternal e geradora da vida.

Se o Criador Divino emana os espíritos na forma de centelhas luminosas, ela os absorve a todos em seu ventre maternal e os vivifica, dando assim seqüência ao ciclo evolutivo e solidificador dos espíritos humanos.

Ela entoava a mais bela canção, e nós entendíamos todas as suas notas musicais. Não eram palavras, mas sons harmônicos. Ouvíamos sua mensagem e nada falávamos ou perguntávamos. Como da outra vez em que nos vira diante do símbolo, agora eu nos via diante do gênio que o anima e o vivifica, e acatávamos suas ordens. Sim, era a mãe que ordenava a seus filhos uma nova missão em prol do símbolo gerador.

Como era bom estar diante dela após tantos milênios. Nada se compara a este momento. Ainda éramos os mesmos guardiões dos mistérios dos símbolos sagrados. Apenas havíamos nos esquecido disso por um breve período. Mas o que é um breve período para



espíritos tão antigos como nós dois? Estávamos despertos para a luta maior que teríamos que travar a partir daí.

Acatávamos a todas as suas ordens melodiosas. O canto sagrado encanta a quem o ouve, e nós o ouvíamos de sua emitente original. A mais bela sinfonia não transmitiria tanta emoção como a melodia que ela nos cantava. E nós a compreendíamos, até nas mínimas notas musicais. Tudo na criação divina é perfeito, e ela trazia em si a perfeição da água.

Sim, a água!

O Criador emana o espírito na forma de uma centelha e ele inicia sua evolução no ventre da mãe água. O Fogo Divino o cria e o expelle. A água o absorve, gerando um corpo para ele. Novamente o sopro divino, através do ar, o trás à carne, e a terra o solidifica.

É na união dos quatro elementos que podemos viver na carne, e solidificar, assim, o espírito eterno.

Quem foi que disse que o ser humano foi feito do barro? Talvez aqueles que adoravam a montanha e seu símbolo da Lei. Quem sabe o por que de afirmarem isto? Estão errados! A terra é somente o solidificador, nada mais. Ela alimenta, mas não vivifica.

O fogo emana, mas não vivifica; a água cria, mas não vivifica. Mas a água e o ar vivificam a criação do Fogo Divino, e a terra solidifica tal criação. É por isto que o nosso planeta se chama terra e não água.

Tudo é perfeito na criação divina, e nós estávamos diante do nosso elemento gerador.

Por isso havíamos entrado no ciclo das encarnações sucessivas. Assim havia ordenado a Lei Maior, e nós obedecíamos ao nosso ancestral místico como emanações obedientes do Criador.

Neste instante, o ancestral místico nos entregava de volta à mãe planetária. Os africanos a chamavam de Inaê, os gregos de Afrodite, os egípcios de Isis, os cristãos de A Virgem Imaculada da Concepção.

Tudo isto eu já sabia enquanto um iniciado nos mistérios. Que cada um a denomine como quiser, mas que ninguém a menospreze, porque um dia poderá se sentir órfão dela. E como todo órfão, serão seres incompletos, pois lhes faltará o amor que só a mãe pode lhes transmitir.

Talvez seja por isso que as religiões que só adotam o pai, e desprezam a mãe, sejam tão difíceis de serem compreendidas, e por mais que cresçam, são incompletas, difíceis mesmo de serem seguidas, porque nos tiram muito do amor da mãe planetária e do fator gerador feminino universal. No fundo, tais religiões negam o duplo princípio de tudo no universo. Aceitam a luz e as trevas, o dia e a noite, o alto e o embaixo, o positivo e o negativo, mas negam à mãe a geração do corpo astral da centelha divina emanada pelo Divino Criador.

Não sabem, mas negam o amor universal que a mãe transmite e por isso amam apenas os adeptos do mesmo ritual religioso. Acham que os outros seres estão eivados de qualidades inferiores. Em algumas das religiões atuais, as mulheres praticamente não tem valor quando no corpo físico. Em umas, servem apenas para gerar filhos, e nada mais. Em outras, além de procriarem, ajudam os homens a acumularem riquezas. Como são estéreis no amor e cáusticos em relação ao princípio dual do Divino Criador.

Talvez seja por isto que dão tanto valor aos bens materiais, e só saibam reverenciar aos poderosos na terra. A mãe planetária lhes nega o amor universal, que não vê diferença alguma em toda a criação. Eles sim, estão eivados de coisas negativas!

Tudo o que foi dito linhas atrás, era o que a melodia da regente das águas nos transmitia. Hoje já não consigo descrever exatamente o que ouvimos em sua melodia encantada. Mas ainda me recordo de quase tudo, e tento resumir em poucas linhas o que ela nos transmitiu naquele momento.

Sim, nossas vidas seriam direcionadas novamente ao culto à natureza como forma de adoração do Divino Criador. Não mais o amaríamos por partes, mas em todas as suas formas de se manifestar aos espíritos que habitam este planeta.

Por que ela fazia isto conosco? Porque nós, apesar dos erros e falhas cometidas, comuns a todos que têm o seu mental adormecido, nunca nos afastamos do que nos foi ordenado pelo nosso ancestral místico. Ajudaríamos a reviver o culto à natureza como manifestação do Divino Criador, e serviríamos novamente ao dom ancestral místico oracular como um dos mistérios da luz do saber.

Nós aceitamos o que ela nos ordenou e tivemos o prazer de ter conhecimento dos mistérios do oráculo. Iríamos ser preparados como integrantes de tal empreitada junto a milhões de espíritos que buscavam algo mais que um Deus impossível de ser tocado, visto ou compreendido.

Não! Nós já não nos satisfazíamos com isto. Sabíamos que, ao tocar na água tocávamos em Deus. Sabíamos que, ao ficar em pé ou deitado sobre a terra, estávamos em contato com Ele. Sabíamos também que, ao respirarmos o ar, absorvíamos Seu sopro vivificante, e que quando nos aquecíamos ao fogo, estávamos nos aquecendo em Sua chama imortal. Sabíamos também que, quando comíamos algo, estávamos sendo alimentados pelos frutos da árvore da vida. Tudo isto nós sabíamos, e as coisas simples já não nos satisfaziam mais.

Éramos iniciados nas coisas divinas e sabíamos disto. As coisas comuns já não satisfariam mais, pois éramos espíritos já solidificados na sua formação. Iríamos ser direcionados para novas funções e as aceitávamos com prazer. A uma nota musical da sereia encantada, nós já tínhamos um rumo a seguir, e acataríamos suas ordens com reverência e amor, com fé e respeito, e lutaríamos por isto com todas as nossas forças mentais.

Ela voltou para o fundo do mar. Assim como veio, foi embora, mas não nos virou as costas. Não! Ela se retirou olhando para nós, até desaparecer. Acredito com a mais pura fé, que ainda hoje nos olha de frente, pois muito temos feito para honrá-la, apesar de termos que estar separados por um breve período.

Mas o que é um breve período comparado a uma melodia tão bela e harmônica como a que ainda espero ouvir outra vez? Somente quem se lembra de como é belo e agradável ouvir um som original na forma de uma melodia harmônica pode entender o que eu digo. Aos que ainda não sabem disto, prestem atenção nos sons que a natureza emite e lentamente irão doutrinando os seus ouvidos para ouvir a melodia harmônica que preenche a todo o universo.

Uma parte da natureza emite o seu som característico: o uivar dos ventos, o mergulhar das águas, o farfalhar das folhas ou o som das pedras quando tocam-se umas às outras. O barulho tonitruante dos trovões, ou o som cadenciado da chuva. Também a corrente de água produz um som agradável, ou o estalido seco de um galho ao ser quebrado. O canto de uma ave canora, ou o uivo de um animal selvagem. O choro de uma criança ao nascer, ou o gemido e o último suspiro do que parte para o mundo maior. Também o pranto de quem ama, ou o lamento de quem sofre. Tudo é som, tudo vibra neste planeta tão pequeno, e ainda assim tão importante para nós e para o Divino Criador deste universo infinito.

Todos estes sons juntos, e mais os outros que não foram citados aqui, criam a melodia harmônica do planeta terra que, nada mais é que uma pequena, mas não dissonante, nota da grande sinfonia que anima o universo regido pelo Maestro Divino.

Sim, Deus rege o universo através do som harmônico e melodioso. E nós precisamos ser ouvintes atentos desta melodia universal. Que mais e mais pessoas a ouçam, e que também possam sentir como o Criador está próximo de nós.

Quando ficamos a sós novamente eu indaguei a Sarah como agiríamos daquele momento em diante.

— Como ela nos ordenou, Simas.

— Não vai se arrepender?

— Se eu fizer isto, você me chamará à razão novamente.

— Você me ouvirá caso isto realmente aconteça?

Ela abraçou-me carinhosamente. Eu também a envolvi com os meus braços.

— Quando foi que deixei de ouvi-lo?

— Nunca.

— Então eu o ouvirei se achar que deve me advertir sobre algum erro que eu venha a cometer.

— Peço que faça o mesmo comigo. Não quero falhar desta vez e ter que me separar de você novamente. Voltaremos a caminhar juntos por todo o sempre.

— Sabe que não sinto vontade de soltá-lo dos meus braços?

— Eu não estou pedindo para que faça isto, e também não vou soltá-la facilmente.

— Não vai me esquecer?

— De jeito nenhum. Nem pense nisso, eu sempre voltarei para vê-la e matar a saudade.

— Mas estaremos em campos opostos, pode ser que sinta vergonha de ficar um pouco comigo.

— Algum dia eu senti isto em relação a você?

— Não, nem nos piores momentos você fez isto.

— Então, por que fala estas coisas tão tolas?

— Sinto medo do que tenho que fazer.

— Lembre-se de quem nos guiará em nossa tarefa, e sempre terá forças para não esmorecer.

— Tenho medo de perdê-lo novamente.

— A sereia encantada tomará conta de nós. Acredita agora que era verdade quando eu dizia sobre a beleza dela?

— Sim, mas eu nunca duvidei de suas visões.

— Um dia, não sei quando, não mais estaremos em campos opostos. Então não mais sentirá este medo que eu também sinto.

— Vamos ficar assim para sempre?

— Acha que é possível?

— Quem poderá nos separar?

— Ela poderá! — exclamei olhando para o mar.

— Eu acho que ela não teria coragem de nos separar, se soubesse o quanto nos amamos.

— Mas ela sabe disso! É por causa do amor que sentimos que ela confia em nós. Se não houvesse amor, ela não confiaria. Ela não confia em quem não conhece o amor.

Eu acariciei os seus longos cabelos crespos. Como estava radiante a minha Sarah. Não seria fácil deixá-la. Fiquei olhando seu rosto por longo tempo.

— Por que me olha tanto, Simas?

— Quero levar comigo a melhor das lembranças: a visão da mais bela das mulheres que pode existir.

— Sou tão bonita assim? Ou está dizendo isso apenas para me agradar?

— Você nunca deixará de ser o que é.

— E o que sou?

— Uma mulher! Uma mulher completa. Até mesmo no ciúme, demonstra que é uma mulher.

— E você nunca deixará de ser o que é?

— E o que sou eu no seu modo de ver?

— Um apaixonado por mim. Muitas poderão tirá-lo de mim, poderão até possuí-lo por algum tempo, mas será sempre meu. Nenhuma poderá tomá-lo de mim, porque sempre que amar a outra, sentirá minha falta. Somente comigo não ansiará por mais ninguém. Longe de mim, se sentirá incompleto. Por mais que elas se esforcem, não o terão por inteiro, pois seu coração é meu e de mais ninguém.

— Quem vai soltar o outro primeiro?

— Eu não o farei. Sei que quando soltá-lo terá que buscar às outras. Por que eu faria isto?

— Está na hora de nos despedirmos, Sarah.

— Então, tome a iniciativa. Eu não o farei.

— Por que faz isto?

— Quero que se lembre sempre que eu só o deixei partir porque você quis, e não por eu ter deixado.

— Não seja egoísta Sarah.

— Eu não sou egoísta, apenas um pouco possessiva, nada mais. Além do mais, caso vá atrás das outras que estão à sua espera, não diga quem sou eu ou onde estou, porque não quero que elas sintam ciúmes de mim.

Eu sorri com suas palavras. Ela, além de encantadora, era muito generosa, ou estaria apenas sendo irônica com o próprio destino? Só pelo que teria que fazer, eu já a amaria por toda a eternidade.

Sim, somente um espírito corajoso aceitaria fazer o que ela aceitou: enquanto ela iria cuidar do ponto de força negativo do mar, eu iria agir na Luz.

Estranho destino o nosso. O que mais queríamos tinha que aguardar mais alguns séculos.

Mas que importância tinham alguns séculos, quando após esta tarefa voltaríamos a nos unir no mesmo lado por outros sete mil anos? Pelo menos foi isso que ela deu a entender quando disse que

"iria nos separar por um curto período". Isto ficou implícito nesta frase.

— Sarah, temos que nos separar agora, já está amanhecendo. Olhe o astro rei despontando no horizonte. Ele anuncia um novo dia radiante após uma noite escura!

— Para mim foi a noite mais radiante após tanto tempo na escuridão da alma. Fique mais um pouco, Simas.

— Está bem, mas só o tempo de poder olhá-la mais uma vez.

— Tão pouco assim?

Eu nada respondi. Já havia dito tudo o que poderia dizer. Dei-lhe um beijo carinhoso.

— Por que me beijou, Simas?

— Quero que guarde uma lembrança minha e nunca se esqueça que eu voltarei um dia para que me devolva do mesmo modo que lhe dei.

— Pois também vou lhe dar uma lembrança minha. Quando vier para buscar a que sua, eu vou querer a minha de volta. Lembra-se de um dia quando eu fugia de você e me alcançou numa estrada perdida no meio do campo?

— Sim. Ainda tenho aquele momento como uma das minhas lembranças inesquecíveis.

— Pois vou lhe dar outra lembrança tão intensa quanto aquela. Ainda que se passem mil anos, não a esquecerá.

E deu-me o beijo que só a mulher amada poderia dar. Quando afastou seu rosto do meu, tinha lágrimas nos olhos. Achei-a ainda mais bela. Minha Sarah era a criatura mais terna do universo. Nenhuma outra se compararia a ela, como eu a via naquele instante.

— Por que chora, Sarah querida?



— Não consigo conter minhas lágrimas. Gostaria que partisse com um sorriso, mas isto é impossível. Terá que se lembrar de mim com lágrimas nos olhos.

— Isto não tem importância, minha querida Sarah. Assim eu jamais deixarei de esquecer que, ainda que separados, estamos unidos. Até a vista Sarah.

— Até a vista, Simas. Não me esqueça, está bem?

— Não esquecerei, e voltarei para ver qual será seu novo trabalho junto à sereia encantada. Até nisto tenho sorte.

— Por que?

— Quem vai vigiar você até nossa reunião definitiva será minha sereia encantada.

— Você a ama não?

— Sim. Ela é a fonte do amor e eu sou movido pelos dois símbolos que melhor caracteriza um espírito humano: a dor e o amor.

— Eu não disse a pouco que você é um apaixonado? Não vá se apaixonar por todas as mulheres que cruzarem por seu caminho.

— Por que diz isso?

— É que o amor que você possui suplanta sua capacidade de suportar as dores. E isto que o torna tão caro para mim.

— Vou partir Sarah. Tenho o que fazer e eles não podem esperar, não entenderiam que um pouco de sofrimento somente faz em aumentar nossa vontade de amar e sermos amados.

— Você é maravilhoso Simas.

— O que posso dizer de você, Sarah?

— Não diga nada. Apenas não me esqueça e não diga adeus, quero vê-lo logo que tiver tempo para me visitar.

— Não digo adeus, mas até nosso próximo encontro Sarah.

— Até lá, Simas.

Eu tomei a iniciativa de soltá-la dos meus braços, e lentamente fui me soltando dos seus. Ela relutava em me deixar partir. Quando comecei a me afastar, ouvi seu soluço que soou muito dolorido aos meus ouvidos. Eu também chorava, mas em silêncio.

## EM BUSCA DA HARMONIA SORAYA

Voltei ao templo dourado e procurei o mestre Han.

— Como se sente, guardião Saied?

— Melhor impossível mestre Han. Venho agradecer a ajuda que me deu.

— Eu não fiz nada mais que meu dever, Saied. Afinal, você acumulou tantos créditos que eu tinha que lhe dar algo em troca de tanto esforço.

— O senhor sempre soube quem era eu, não mestre Han?

— Sim Saied. Fui eu quem o guiou até aqui quando resolveu abandonar o passado.

— Obrigado por ter me auxiliado, mestre Han. Sem seu auxílio eu poderia ter caído para sempre.

— Duvido que viesse a cair, Saied. O seu mental foi fortalecido pela dor e pelo amor através de milênios incontáveis. Não seria uma pequena dor momentânea que iria derrubá-lo.

— Ainda bem que o senhor lembrou-se de mim e soube o momento certo de me amparar. Eu o vi muitas vezes em minha regressão, mestre Han. Não quis falar para não parecer óbvio demais. Posso apenas dizer muito obrigado meu amigo!

— Agradeço suas palavras, amigo Saied. Um amigo que podemos ter, confiar ou ajudar é a maior gratificação para quem nada mais anseia além de ser útil ao Criador.

— Agora peço sua licença mestre Han. Tenho meus amigos enfermos d'alma para cuidar.

— Eu já designei alguém para seu serviço. Creio que, de agora em diante, vai precisar de muito tempo livre, não?

— Sim, tenho que me harmonizar com todo o meu passado.

— Você saberá como fazer isto sozinho, mas caso precise de um amigo para ajudá-lo, conte com todos os servidores do templo dourado.

— Não vou me afastar do templo, mestre Han. Tenho tantos amigos aqui que sentiria a separação.

— Nos momentos em que estiver livre, anote nestes livros a sua experiência de regressão.

— Para que, mestre Han?

— Sempre que alguém consegue alcançar com seu mental o estado de espírito não encarnado, nós pedimos que descreva sua experiência, e depois a enviamos para biblioteca do Grande Oriente Luminoso. Lá, os mestres da luz a comparam com outras experiências e podem, com isto, ir desvendando o grande enigma do Princípio Original da Criação.

— Devo descrever tudo o que consegui despertar em meu mental adormecido?

— O mais claro possível e com o maior detalhamento que conseguir.

— Isto pode levar muito tempo, mestre Han.

— Não tem importância, nós somos eternos. No dia que terminar esta tarefa, eu o levarei até o Grande Oriente Luminoso.

— Obrigado, mestre Han. O senhor é muito generoso para comigo.

— Não poderia ser de outra forma, você também é um espírito generoso.

Peço sua licença para me retirar agora, mestre Han.

Vou pacificar o coração de alguém que também é generosa para comigo.

Desejo-lhe boa sorte, meu filho.

— Obrigado meu pai. Obrigado por um dia no passado longínquo ter me acolhido como filho seu e me educado dentro dos princípios que regem a todos os filhos da Luz.

— Você só me honrou com sua curta passagem ao meu lado, filho Lasserin.

— Obrigado, meu pai Lagonizê. Até a vista, papai!

— Até a vista, filho inesquecível.

Eu parti ao encontro dos meus pais. Eles também gostariam de ter-me ao seu lado agora que havíamos nos pacificados.

Quando cheguei ao local onde eles viviam, admirei-me com a beleza.

Um homem que cuidava da entrada ao local indagou-me quem eu desejava ver e quem era eu.

Dei o nome de meus pais e o meu. Logo vieram ao meu encontro.

Fui levado ao interior do lugar. Como era bonito. Eu nunca havia visto nenhum lugar que fosse comparável àquele.

Entre nós já não havia mágoas, remorsos ou tristeza.

— Como foi seu encontro com Sarah, meu filho? — perguntou mamãe.

— O mais belo possível.

— Só isto? Não tem nada a contar para sua mãe?

— Vou contar tudo o que nos aconteceu mamãe.

E eu passei um longo tempo falando do nosso encontro. Quando terminei, ela me olhou e perguntou:

— Não teme o que possa acontecer a ela?

— Temo, mas não vou me afastar muito. Irei visitá-la sempre.

Meu pai, que ouvira a tudo em silêncio, finalmente falou:

— Como vai fazer com as outras mulheres do mesmo grupo.

— Ainda não sei, mas creio que no momento certo todas me ajudarão a encontrar a solução.

— Por quem irá começar?

— Com Soraya. Depois vou procurar meus filhos e ver se ainda estão no corpo físico, ou se estão somente em espírito. Devo muito a eles e preciso saldar um pouco do meu débito.

— Quer que eu o ajude? Já não tenho mais o meu amigo guardião Saied para acompanhar. O que poderei fazer de agora em diante?

— Então teremos muito que fazer juntos. Tenho muito a resgatar, pois deixei muitos sem o meu amparo. Onde está Soraya?

— No mesmo lugar em que você a deixou. Nós a trouxemos até aqui e, depois de algum tempo de preparação, ela voltou ao abrigo para cuidar dos que sofrem e padecem.

Fiquei com eles por um dia e uma noite. Meu pai e eu traçamos uma forma de ajudarmos aos que quisessem o nosso auxílio. Agiríamos sempre em harmonia, porque assim havia sido enquanto éramos guardiões do templo dourado.

Minha mãe era instrutora naquele lugar já há muitos anos.

Nós a deixamos e fomos até onde estava Soraya. Eu estava como um guardião do tempo dourado. Não iria me mostrar de uma vez. Quando chegamos ao abrigo, ela estava cuidando de um enfermo e não notou nossa chegada. Depois de terminar com seu trabalho, nos aproximamos dela.

— Como está Soraya? — era meu pai quem falava.

— Que bom que o senhor veio me visitar, mestre Tanyara. Estava com saudades suas.

— Eu também senti saudades, filha. Minha esposa mandou lembranças e quer que você vá visitá-la um dia desses.

— Assim que achar um tempo livre irei vê-la. Quem é o seu amigo?

— Vou apresentá-los. Este é o guardião Saied, Soraya. Ele veio comigo somente para conhecer o seu trabalho.

— Muito prazer em conhecê-lo, guardião Saied.

— Também tenho muito prazer em conhecê-la, Soraya. O guardião Sin tem me falado muito sobre o seu trabalho e isso despertou minha curiosidade. Espero não estar incomodando ou interferindo em sua rotina.

— Fico feliz que tenha vindo, guardião Saied. Mestre Tanyara já havia me falado sobre o seu trabalho. Do jeito que ele o elogiava, eu também queria conhecê-lo, mas ele disse que você nunca tinha um momento de folga.

— Agora estou um pouco mais livre e tenho tempo para visitar aqueles que despertam minha atenção.

— Venham até meu aposento. Lá falarei sobre o nosso trabalho aqui neste abrigo.

— Se me dão licença, agora que já se conhecem, vou visitar outros amigos.

— Não vá embora sem se despedir de mim, mestre Tanyara.

— Partirei quando o guardião Saied me chamar.

Fomos até o alojamento de Soraya. Tudo ali havia melhorado. Ela era a diretora do centro de abrigo às almas que precisavam dos primeiros socorros.

— Não sabia que era a diretora deste abrigo. O amigo Sin nada me falou sobre isto.

— Bondade dele. Não gosto que me promovam sem que eu mereça.

— Não é promoção alguma. É o seu cargo, não?

— É provisório. Algum dia virá alguém e voltarei às minhas tarefas habituais, às quais não consegui abandonar por completo.

— Há quanto tempo é diretora?

— Há quase dez anos.

— E diz que é provisório?

— Sim. Eu não quis ser diretora efetiva, e então me pediram para que cuidasse de tudo até que tivessem alguém para o lugar.

— Pelo que sei, ficar num abrigo como este por tanto tempo, é mais que ser efetivo. Somente por amor ao que faz alguém permanece tanto tempo num lugar como este.

— O senhor conhece outros lugares iguais a este?

— Sim. Como guardiões nós encaminhamos muitos espíritos que querem se regenerar, e são abrigos como este aqui que os recebem.

— Já trabalhou em algum?

— Sim. No primeiro, eu fiquei pouco tempo, mas no segundo já estou há muitos anos. Mas não fico lá em tempo integral vou apenas dois dias por semana

— Então não é estranho ao nosso trabalho.

— Não, Soraya. Eu o conheço muito bem, e tenho muito respeito por quem se sujeita a ficar por tanto tempo num lugar como este. Faz muito tempo que está aqui?

— Acho que uns vinte anos. Eu vim para cá como uma enferma. Depois comecei a auxiliar um amigo, e fui ficando. Acabei pegando amor por este trabalho.

— Muito nobre de sua parte Sarah. A maioria quer se afastar destes lugares e você ama a caridade que se faz aos que sofrem e padecem. Só um espírito muito elevado teria a sua dedicação e coragem.

— Sou dedicada, mas não elevada, guardião Saied.

— Chame-me de Saied, prefiro assim. Quanto ao seu grau, não se menospreze Soraya, está negando a si própria e isto não é bom.

— Gostaria de visitar os nossos alojamentos?

— Sim. Acho que sempre aprendemos algo nestas visitas.

Ela me conduziu por todos os lugares do alojamento, que havia crescido muito desde os tempos em que passei por ele.

— Este é o lugar onde fui alojada quando me trouxeram.

— É muito organizado.

— Não era assim quando vim para cá. Muitos se deitavam no solo por não termos cama. Eu mesma fiquei no chão por algum tempo.

— Deve ter sido horrível, não?

— Nem gosto de pensar naquele tempo. Ainda bem que fui socorrida por um mestre, senão teria sido pior.

— Foi o mestre Tanyara?

— Não, outro mestre. Pena que ele partiu e nunca mais voltou. Sinto saudades dele.

— Penso eu que ele deve ter tido motivos para partir e não voltar mais.

— Eu sou o motivo. Não soube compreender sua natureza e modo de pensar, e precipitei sua partida.

— Quem era ele?

— Filho do mestre Tanyara. Creio que fugiu de mim.



— Que tolo! Como poderia deixar uma jovem tão bonita como você?

— Deve ter tido um motivo, não?

— É, vai entender o ser humano. Quando procura, não encontra quem o quer, quando encontra, não quer ser querido.

— Isto eu entendo, guardião Saied.

— Você não tem família Soraya?

— Creio que não. Minha mãe faleceu quando eu tinha quinze anos, e meu pai eu nunca conheci.

— Sua mãe nunca lhe falou nada sobre ele?

— Falou, mas como eu iria procurá-lo? Nunca me viu nem ajudou a me criar. Eu nem saberia a quem procurar.

— Diga-me tudo o que sabe sobre os seus pais, talvez eu consiga localizá-los para você.

— E de que adiantaria isso?

— Talvez precisem de sua ajuda. Quem sabe você possa fazer algo de bom por eles.

— Aqui, neste lugar? Duvido!

— Não se menospreze Soraya. Você é uma moça muito valorosa. Além do mais, já tem muitos créditos a seu favor. Poderá usar um pouco deste crédito em benefício deles, e ainda aumentará o seu crédito perante o Criador Divino.

— Vou lhe dizer tudo o que sei sobre eles.

E Soraya me contou quem eram seus pais. Eu já sabia quem eram eles, mas preferi primeiro ter o seu consentimento para poder ajudá-los. Após me dizer quem eram, perguntou:

— Acha que poderá achá-los?

— Sim. Este é o trabalho que faço com a maior satisfação: pacificar onde há mágoas, rancores ou remorsos. Vou procurá-los, e quando tiver tudo pronto, eu os trarei aqui ou levarei você até eles.

— Obrigado, guardião Saied. Talvez você consiga com que eu me sinta menos infeliz.

— Vejo que você tem muita tristeza em seu peito. Vou ajudar a diminuí-la, Soraya.

— Por que quer me ajudar, Saied?

— Talvez porque eu não goste de ver ninguém sofrer.

— Então você já sofreu também.

— Sim, mas com a ajuda de amigos eu consegui tirar um pouco da dor que trazia em meu peito. Vamos procurar o guardião Sin, pois agora tenho de voltar ao templo dourado.

Fomos até onde estava meu pai e nos despedimos.

— Volte logo, guardião Saied.

— Espero que não demore muito para encontrá-los.

— Caso demore muito, antes venha me visitar. Eu sempre estou aqui.

— Gostei de conversar com você, Soraya. É muito mais encantadora do que havia dito o guardião Sin.

— Bondade sua, guardião Saied.

— Até a vista, Soraya.

— Até sua volta, Saied.

Fomos até onde estava o pai de Soraya. Antes, meu pai comentou:

— Se eu não soubesse o porquê, diria que você é um bom conquistador da simpatia das mulheres.

— Por que diz isso?

— Não viu como ela gostou de você?

— Não reparei. Apenas tenho muita vontade de ajudá-la. Vamos parar de falar, porque já estamos chegando ao local.

Quando chegamos, Amehd Bin Farid nos saudou:

— Bem vindo guardiões. O que os trás de volta?

— Você é o motivo, Amhed.

— O que fiz desta vez?

— Não é o que fez agora, mas o que deixou de fazer no passado.

— E o que eu deixei de fazer?

— Lembra-se de Sheila?

— Sim, como poderia me esquecer dela?

— Não gostaria de conversar sobre isso?

— Para que? O que é passado não pode ser modificado.

— Você viu o meu irmão, não? Pois ele se modificou. Está num reformatório e espero que, com o passar do tempo, possa ser-nos muito útil.

— Eu nem sei como começar guardião,

— Tudo tem um princípio, Amehd. Comece por ele.

Amehd contou-nos sobre seu relacionamento com sua amante Sheila. Fomos procurá-la e quando ela viu Amehd, começou a ofendê-lo. Quando esgotou todo o seu vocabulário chulo, perguntou o que queríamos.

— Viemos tentar ajudar a senhora.

— Ajudar-me? Ninguém quer me ajudar, na certa estão querendo algo mais. O que querem de mim?

— Pelo visto, ela não está preparada para se encontrar com sua filha, guardião Saied.

— Tem razão amigo Sin, vamos embora. Vem conosco Amehd?

— Sim, eu vou tentar me consertar.

Sheila se desesperou ao nos ver indo embora.

— Esperem, não me deixem aqui.

— Para que levá-la? Você nada tem a oferecer à sua filha.

Comecei um dos meus sermões tradicionais. Atingia aos dois ao mesmo tempo. Eu não era cruel com as palavras, mas sabia como atingir o alvo certo. Quando vi que havia os transformado apenas em espíritos sofredores que não sabiam como conter o pranto do remorso e da vergonha, convidei-os a irem a um dos nossos reformatórios. Ali receberiam os devidos esclarecimentos. Lá,

seriam bem tratados, mas teriam que reconhecer todos os seus erros e pecados. Principalmente os pecados que afrontam às leis divinas. Receberiam os esclarecimentos a respeito do estado em que se encontravam. Em poucos meses estariam mudados, se reconhecessem seus erros e pecados. Os métodos usados dificilmente falhavam.

## RAIOS DE LUA E LUIZ

Neste meio tempo, eu procurei os meus filhos e os encontrei-os todos no corpo físico. Mas também encontrei Raios de Lua e o velho Pajé Anhanguera. Para mim foi um momento muito difícil. Quando os vi, não soube o que dizer e fiquei estático. Raios de Lua olhava para mim sem nada dizer também. Era muito constrangedora a minha situação. Eu havia fugido do passado, e dela também. Como me justificar?

O velho pajé tomou a iniciativa do diálogo:

— Vejo que está muito bem, Pajé Branco. Pensei que havia nos esquecido para sempre.

— Eu não os esqueci em momento algum. Apenas não tinha condições emocionais de procurá-los. Sinto vergonha por isso, mas é a mais pura verdade.

— Eu acredito em você Pajé Branco, nunca foi chegado à mentira.

— Raios de Lua, senti muitas saudades de você.

— Acho que não Pajé Branco, só está tentando se desculpar, mas não é preciso fazer isto. Eu compreendo o quanto foi difícil voltar até nós.

— Não é nada disso Raios de Lua! Acredite-me, eu estava muito confuso e não sabia como agir. Hoje eu estou equilibrado mentalmente e posso refazer todo o meu passado.

— Não é melhor nós esquecermos o passado, Pajé Branco?

— É este o seu desejo?

— Sim. Você fugiu de nós como só os guerreiros covarde o fazem.

— Raios de Lua, eu não sou um covarde, apenas estava desequilibrado.

— Precisou de tanto tempo para se equilibrar?

— Sim. Só há pouco tempo eu consegui romper o passado. Agora estou em condições mentais e emocionais para auxiliar aos nossos filhos, e gostaria de ajudá-los nesta tarefa.

— Nós temos feito muito bem sem sua ajuda. Volte para junto de Sarah. Talvez ela o aceite de volta agora que já se encontrou.

— Sarah também estava desequilibrada, mas agora já está bem. Acho que eu não fui a melhor companhia, nem para você e nem para ela, e talvez tenha sido um péssimo pai.

— Quanto a mim, não tenho reparos enquanto marido, mas quanto ao dever de pai, foi muito falho o seu desempenho.

^ — Reconheço tudo isso, Raios de Lua, e espero poder reparar em parte esta falha.

— Caso não se incomode, nós gostaríamos de continuar sem sua presença.

— Não me perdoa mesmo, não?

— Nada tenho a perdoar, Pajé Branco. Fez o que achou melhor e não o condeno por isso. Logo, não há o que perdoar.

— Espero que não se importe caso eu venha visitar meus filhos, Raios de Lua.

— Faça como achar melhor, Pagé Branco. Creio que é livre para tanto.

— Sabe, Raios de Lua, eu não compreendo sua mudança em relação a mim. Está hostil. Nem se parece com a mulher que eu conheci no passado.

— Todos mudamos com o tempo, Pagé Branco!

— Eu sei disso. Mas alguns mudam para melhor e outros para pior.

— Insinua que eu tenha piorado?

— Não insinuo, afirmo. Não estou reconhecendo a minha tão meiga Raios de Lua.

— Eu fui apenas um pedaço de sua vida. Esqueça-o e será melhor para nós dois.

— Outro dia eu volto para ver se melhorou o seu humor, Raios de Lua. Adeus Pajé Anhanguera.

Parti num picar de olhos e fui ao encontro dos meus filhos.

O primeiro que fui ver foi o que se chamava Luiz. Aproximei-me dele e me assustei com seu estado. Não se parecia com um homem de bem. A escuridão o envolvia. Algo de ruim estava acontecendo com ele.

Quando me encostei para ouvir o seu mental, alguém me advertiu:

— Não interfira ou pagará caro pela intromissão.

— Quem é você, amigo?

— Não sou seu amigo.

— Mas eu sou seu amigo e isto é o que importa para mim. Por que o envolveram assim?

— Isto não interessa. O melhor que tem a fazer é ir-se daqui.

— Pois saiba que ele é meu filho e vou procurar saber o porquê deste envolvimento, amigo.

— Já disse que não sou seu amigo.

— O que há com você? Não gosta de ninguém?

— Não. Eu só gosto de mim mesmo.

— Pois está errado, amigo. Um dia eu pensei como você pensa agora, e só perdi. Quando mudei o meu modo de pensar, descobri o quanto estava errado.

Mentalmente, ele chamou uma infinidade de auxiliares. Eu me vi cercado por todos os lados.

— O que pretende fazer, amigo? Acaso acha que vai me intimidar?

— Se você não for embora, nós o atacaremos e eu o acorrentarei, intrometido.

— Duvido que faça isso, mas antes de tentar, por que não me diz o porquê dessa perseguição? Talvez possamos evitar uma luta inútil.

— Talvez você tenha medo da luta, intrometido.

Puxei minhas duas espadas: uma era a que todos os guardiões do templo dourado usavam, a outra era a que ganhara do Cavaleiro do Mar, que eu puxei com a mão direita.

Ao tirá-las, elas brilharam no quarto escuro.

Ele recuou e eu encostei a longa espada em sua garganta.

— Mova-se e eu o degolo, ser das trevas.

— Você não teria coragem.

Forcei um pouco mais a lâmina ao seu encontro, a luz da espada começou a queimá-lo.

- — Duvida? Então mande os seus auxiliares se moverem. Vamos homem, tente emitir o menor sinal!

— Sua espada está me machucando, afaste-a e conversaremos.

— Assim é melhor, amigo. Mas não vou guardá-la. Se tentar algo, com um só golpe eu o destruo.

— Não quero lutar com você, sua espada é muito poderosa.

— Isso é verdade, e também eu sou um guardião. Já combati muitos seres iguais a você em outros lugares. Não pense que sou um tolo. Agora, comece a contar o porquê da perseguição contra meu filho.

— Siga-me guardião, e eu lhe mostrarei o porquê.

Eu o segui até uma casa humilde. Ao entrar em seu interior, fiquei chocado com a miserabilidade do lugar.

— Vê esta mulher encarnada, guardião? Ela foi minha filha em outra encarnação. Nesta teve outros pais, mas eu sempre a protegi, até que seu filho a seduziu. Com boas palavras e muitas promessas, possuiu-a por um longo tempo. Eu fiz tudo o que me foi possível para impedir, mas não obtive sucesso. Eis o resultado: ela tem um casal de filhos que o seu filho não honrou como pai.

— Aguarde um pouco, amigo. Vou olhar um pouco sua filha e depois voltaremos a conversar.

Eu liguei meu mental ao dela e busquei o seu passado milenar. Em pouco tempo, localizei o que me interessava.

— Você não foi muito clemente em sua última encarnação, meu amigo.

— Como sabe disso?

— Eu vi isto no mental adormecido de sua filha. Creio que temos muito que fazer por aqui.

— O que tem a fazer é deixar que me vingue guardião.

— Não é assim que sanamos um problema meu amigo. Temos que buscar suas raízes no passado, para então podermos solucioná-lo. Você sabe quem foi meu filho?

— Isto não me interessa, mas quem foi ele?



— Vamos voltar até ele. Lá eu o ensinarei como ver o passado de alguém através do seu mental.

Fomos até meu filho Luiz e, após algumas tentativas, ele penetrou em seu mental. Eu também fiz o mesmo, mas em instantes eu já sabia de tudo, enquanto ele demorou um pouco mais. Quando voltou de sua imersão indagou-me:

— O senhor sabia disso?

— Não, é a primeira vez que olho o mental adormecido de meu filho.

— Como explicar isso tudo?

— Olhe-se homem! Será que ainda não despertou após tantos séculos nas trevas? Você não pode viver eternamente de lembranças do passado.

— Como posso ajudá-lo guardião?

— Mande seus auxiliares tirarem toda a irradiação pesada sobre meu filho, e depois corrigiremos um erro seu que os atrapalha até hoje.

Em poucos instantes, Luiz voltou a ter sua aura limpa. Eu pude ver como respirava com mais facilidade.

— Vamos deixá-lo dormir, depois retirarei seu espírito do corpo e começaremos a reparar nossos erros.

— Quer dizer, meu erro, não?

— Nossos erros, meu amigo. Você errou no passado e eu no presente. Nós dois temos culpa por nossos filhos serem infelizes.

Já era tarde quando Luiz dormiu. Eu iniciei a retirada do seu espírito do corpo. Após fazê-lo sem perturbar seu mental, eu o despertei.

— Luiz, lembra-se de mim?

Sim, como poderia me esquecer do senhor? Por acaso eu morri?

- Não, apenas está fora do seu corpo. Olhe-o na cama.

- Eu estou tendo um sonho então?

— Também não. Eu quero ajudá-lo filho, por isto o despertei em espírito durante o sono. Conhece este homem?

— Não, mas eu já o vi em meus pesadelos muitas vezes. Vive a me perseguir.

— Venha conosco e começará a entender o motivo de seus pesadelos.

Eu o transportei até o casebre em que vivia Ana, sua antiga amante.

— Reconhece-a?

— Sim, mas está muito sofrida.

— Olhe ali e me diga o que você vê.

— Duas crianças também sofridas.

— Não são apenas duas crianças sofridas. São dois filhos seus abandonados à própria sorte.

— Eu não tenho responsabilidade alguma por isso.

— Será que não? Por que se envolveu com ela?

— Era muito bonita, por isso eu me envolvi com ela.

— Você a amava?

— Sim, mas não podia me casar com ela.

— Por que não?

— Ela é de classe social muito baixa, e eu um nobre.

— Isto é motivo para deixá-la jogada à própria sorte?

— Eu não quis me envolver com ela quando nasceu o segundo filho e dei-lhe uma polpuda soma em dinheiro para que não mais me procurasse.

— Acaso não lhe ocorreu que estas duas crianças são seus filhos? Não percebe o quanto está errado?

— O senhor também nos abandonou. Como pode me acusar agora?

— Eu não os abandonei. Sarah cuidou muito bem de vocês. Enquanto eu estive ao seu lado, eduquei-o muito bem. Você pode

estudar e ter a melhor das vidas, graças à fortuna que deixei. Você pode ter razão quando diz que eu o abandonei, mas já era um moço e podia seguir seu próprio caminho porque tinha meios materiais para tal fim. Mas, e quanto aos seus dois filhos ali naquela cama? Se você, apesar de tudo o que fiz ou deixei para você, ainda acha que não foi o suficiente, que dirão eles no futuro sobre você? No mínimo irão odiá-lo com tanta intensidade, que não terá paz nem daqui a mil anos. Reflita um pouco, filho. Será que não percebe o erro que está cometendo perante Deus, por abandonar ao tempo suas próprias sementes?

Neste instante ele já estava totalmente abatido. Lágrimas corriam de seus olhos.

— O que posso fazer para reparar meu erro. Devo dar a eles mais algum dinheiro?

— Dinheiro não resgata uma infração às leis do Criador. Somente um ato de amor poderá reparar tal falha. Faça-o enquanto é tempo.

— O que devo fazer?

— Case-se com ela. Já é viúvo há muito tempo e nada o impede de contrair novo matrimônio.

— Mas, o que dirão meus amigos?

— O que dirão os executores das leis divinas quando você for julgado por eles, após a morte de seu corpo?

— Ela não possui a mínima instrução para ser minha esposa. Sou um nobre e tenho um título a conservar.

— Mas ainda gosta dela?

- Já não é tão bonita como antes, mas ainda gosto.

— Pois a instrução ela poderá obter, e a beleza ela a recuperará assim que tiver uma vida tranqüila e se sentir amada e amparada.

— Será que ela ainda me aceitaria?

— Gostaria de falar com ela?

— Sim, mas como é possível se está dormindo.

— Vou tirar seu espírito do corpo e veremos o que acontece.

Eu, lentamente, tirei seu espírito do corpo. Ela possuía uma luz muito forte, apesar do sofrimento por que passava. A princípio não compreendeu o que se passava. Pouco a pouco, reconheceu Luiz e assustou-se com nossa presença.

— Não se assuste, Ana. Estamos aqui para ajudá-la. Luiz quer reparar o erro cometido no passado, e quer corrigi-lo agora.

— Como é possível? Eu não possuo título de nobreza nem sou rica para tornar isto possível.

— Não é nobre materialmente, mas espiritualmente é muito superior à maioria dos nobres titulados.

— Também não sei se ele me aceitaria como esposa.

— Vou mostrar-lhes algo que fará com que, ao despertarem, tenham seu amor multiplicado numa intensidade tal, que irão se procurar rapidamente.

E usando o meu poder, levei-os ao período que me interessava. Mostrei-lhes uma encarnação passada em que se amaram muito, mas não puderam se unir por causa do pai dela. Mostrei como foram separados de forma violenta.

Quando os despertei do transe espiritual, eles já se olhavam como dois apaixonados.

— Por que tudo isso pai?

— Coisas que acontecem em uma encarnação, Luiz. Não deixe que novo drama inicie nesta encarnação.

— Mas como vou me lembrar de tudo isso ao despertar e tomar a iniciativa de nos casarmos?

— Não deixarei que esqueçam do que viram, e ainda o guiarei para que realize logo sua união com ela. Agora, vamos recolocá-la em seu corpo.

Eu a recoloquei no corpo, e tendo adormecido um pouco o seu mental, despertei-a. Ela acordou toda arrepiada e começou a chorar convulsivamente. Os filhos acordaram com o seu choro.

— O que foi mamãe? Por que chora tanto?

— Não é nada filhos. Foi só um sonho incrível, mas parecia tão real. Sonhei com seu pai.

— Ele não gosta de nós mamãe, por que ainda sonha com ele?

— Não sei filho.

Eu achei que já era o suficiente para ela. Toquei-a na cabeça e falei-lhe mentalmente.

— Ana, não foi apenas um sonho, foi real. Ore a Deus e peça sua ajuda que terá sua vida mudada brevemente.

Instantaneamente ela orou a Deus com muita fé. Quando terminou sua prece, falou para os filhos:

— Deus irá nos ajudar, filhos. Sinto que finalmente ele ouviu meus pedidos de ajuda.

Virando-me para meu filho, falei:

— Por hoje está bom. Voltemos à sua casa.

— Mas, se o senhor fizer o mesmo comigo, como vou saber se foi real ou só um sonho?

— Eu cuidarei para que você saiba que não foi só um sonho.

Voltamos à casa dele e pouco depois o coloquei no corpo. Com um leve toque, eu o acordei. Luiz deu um grito. Estava muito agitado após tudo que viu e ouviu. Procurou acalmar-se um pouco. Eu comecei a influenciar o seu mental com mensagens precisas. Isto o inquietou mais ainda.

— Papai, o senhor está aqui? Vamos mostre-me caso tudo seja verdade e não apenas um sonho.

Eu dei um jeito de provar-lhe que era verdade. Ele começou a soluçar. O medo tomou conta dele. Chamou os criados e mandou que atrelassem os cavalos à sua carruagem.

— Onde o senhor vai há esta hora, amo?

— Não interessa. Faça o que ordenei!

Após vestir uma roupa adequada, ordenou ao criado que o levasse até a casa de Ana.

— Eu não sei onde é amo.

— Eu digo onde é. Toque em frente!

Meia hora depois, ele chegava diante da casa de Ana. Desceu apressado e bateu ruidosamente na porta.

— Ana, abra a porta. Sou eu, Luiz de Macedo.

Ela abriu a porta devagar. Mesmo envolta na penumbra da noite, ele viu os seus olhos brilhantes.

— Você estava chorando, Ana?

— Sim. Há pouco eu tive um sonho muito estranho.

— Como foi seu sonho?

— Sonhei com você e seu pai.

— Como era meu pai?

— Um senhor de meia idade, alto e de longas barbas brancas. O cabelo também era longo e branco. Era também um pouco calvo. Tinha duas espadas penduradas no cinto. Uma longa e outra mais curta.

— Era meu pai mesmo. Foi assim que eu o vi há pouco em meu quarto.

— Você o viu?

— Foi uma aparição rápida, mas suficiente para que eu soubesse que era ele. Onde estão as crianças?

— Aqui dentro. Entre, por favor.

Ele entrou rápido e ao vê-los, abraçou-os com carinho.

— Meus filhos. Perdoem-me por tê-los renegado.

Se não fosse eu o causador daquela transformação tão repentina em Luiz, não acreditaria no que estava vendo.

Quando deixei Luiz, ele tinha a idade de dezesseis anos, mais ou menos. Passei dez anos fora e quando voltei, já era homem formado. Já fazia vinte anos que eu deixara o corpo físico e ele contava agora com aproximadamente 46 anos de idade. Para um homem dessa idade, e criado no luxo, chorar era de comover a qualquer um.

— Vamos para minha casa Ana. Você e os nossos filhos não vão mais viver neste casebre.

— Não precisa fazer isso, Luiz. Eu jurei que não o incomodaria nunca mais.

— Pois agora sou eu que peço: venha comigo, Ana!

— Não vai me expulsar novamente?

— Eu fui um canalha uma vez, não vou sê-lo novamente. Você ainda gosta de mim?

— Apesar de ter me magoado muito, nunca aceitei outro homem em minha vida.

— É capaz de me perdoar?

— Por que pede perdão a mim, sua ex-empregada?

— Caso você aceite, quero desposá-la o mais breve possível.

— Jura que é verdade, Luiz? Não está falando isso só para me iludir novamente?

— Juro por Deus todo poderoso que é a mais pura verdade.

— Como irão aceitar nosso casamento? Sou uma mulher da plebe, e você um nobre com vários títulos.

— Tudo conseguido graças à minha riqueza. E em razão dela, todos se calarão, pois quem ousar falar-lhe algo irá se arrepender.

— Mas falarão às suas costas.

— Já falaram quando souberam que seus dois filhos eram meus também. Então, que falem de como eu reparei um erro diante de Deus.

— Será que falarão isto?

— E o que importa o que venham a falar? O casamento não lhe agrada?

Ela começou a chorar novamente. Ele a abraçou e eu vi lágrimas em seus olhos.

— Vamos Ana. Vamos filhos, vocês agora têm um pai que os honrará e um lar decente onde possam viver.

— Vou apanhar algumas roupas, Luiz.

— Apanhe somente o necessário para chegar até minha casa. Amanhã terão roupas novas.

Ana não sabia se chorava ou sorria, tão emocionada que estava. Logo partiam. Ela ainda olhou para o casebre e num último adeus falou:

— Obrigado bom Deus, por ouvir minhas preces. Devo dizer que eu me emocionei com suas palavras.

Ana havia remoçado vários anos em poucos minutos. Como a alegria rejuvenesce o ser humano! Se todos soubessem disso, evitariam as situações que conduzem à dor.

Pouco tempo depois, Luiz instalava os filhos num belo e enorme quarto. Uma criada ajudou-os a se deitarem. O menino tinha mais ou menos sete anos e a menina seis anos de idade. Luiz foi até o quarto, acariciou-lhes a cabeça e disse:

— Perdoem-me por tê-los feito sofrer tantas agruras em tão pouco tempo, meus filhos. Prometo que não sofrerão mais por minhas falhas.

Ana beijou os filhos e se afastou com Luiz. Quando estavam na sala, ela perguntou:



— Onde eu vou ficar? Você não me mostrou o meu quarto.

— Já dormimos juntos durante algumas noites, não?

— Sim, por que?

— Pois você vai se deitar ao meu lado, de agora em diante. Vou comunicar aos empregados que você é a nova senhora Luiz de Macedo.

— Mas ainda não nos casamos.

— E o que importa? Ao amanhecer faremos isso. Agora, vamos conversar um pouco, pois estou sem sono.

Luiz serviu um cálice de um licor a ela e começaram a conversar. Eu fiz mais um esforço e me mostrei sorrindo aos dois. Havia me esgotado muito, e o máximo que consegui foi algo muito rápido, mas suficiente para que pudessem me ver.

— Você também o viu Ana?

— Sim, estava sorrindo.

— Creio que agora ele terá descanso. Fiz algo que já devia ter feito há muito tempo.

— Tudo tem sua hora, a nossa chegou finalmente.

— Eu sinto muito pelo mal que causei, Ana. Diga que me perdoa.

— Eu o perdôo Luiz. Agora, diga que me ama.

— Eu a amo muito. Não devia ter dado ouvidos aos conselhos de quem não tem moral para aconselhar a ninguém. Vou educar nossos filhos de modo diferente. Não quero que, quando forem adultos, venham a pedir conselhos a gente inferior a eles.

Eles se abraçaram e foram para o quarto. Eu, como não gosto de bisbilhotar a vida alheia, convidei o amigo que observava tudo em silêncio a nos retirarmos.

— Para onde vai agora guardião da luz?

— Voltar ao templo dourado.

— Depois de ter conseguido fazer em tão pouco tempo o que venho tentando a sete longos anos, gostaria de aprender um pouco com o senhor.

— Acho que posso ensinar-lhe alguma coisa, meu amigo. Existem momentos em que devemos usar as armas, e outros em que a melhor arma é o amor. Este é um desses casos. Nunca fará com que alguém ame a outro, se for movido pelo ódio.

— Hoje aprendi uma lição que jamais esquecerei guardião da Luz. Posso acompanhá-lo?

— Sim, mas traga o seu pequeno exército amigo, pois o amor guardará sua filha e meu filho de agora em diante. Além do mais, os mestres do templo sempre acolhem muito bem aos que querem regenerar-se na luz do saber divino.

— Como poderei pagar o que nos fez hoje?

— Lembrando-se da forma que agi com nossos filhos, e procurando agir da mesma forma com todos os semelhantes, porque todos são filhos do mesmo pai, o Deus todo poderoso, tão generoso para conosco, criações Sua.

— Procurarei me inspirar no senhor, guardião da Luz.

— Chame-me de guardião Saied, meu amigo.

— Eu me chamo Ariel, guardião Saied.

Foram todos conduzidos ao templo dourado. Com o tempo, viriam a se transformar em ótimos guardiões, pois já estavam cansados das trevas.

## PEDRO E OS VELHOS AMIGOS

Eu procurei descansar um pouco. Estava um pouco cansado e me sentia-me pesado devido ao esforço despendido junto aos meus filhos, Luiz e Ana. Afinal, valera a pena. Eles seriam muito felizes casando-se, e eu evitara que viessem a se odiar mais tarde.

Realmente, tudo tem sua hora! Mas só Deus sabe quando é a hora certa. Então intervém através de nós, Seus humildes servos. Abençoados sejam todos os servos fiéis ao bom Deus. Ainda que não o saibam, são sempre instrumentos d'Ele.

Absorvido por esses pensamentos, adormeci meu mental. Acordei pouco depois e vi uma chuva brilhante sobre mim. Penso que era Ele, o Todo Poderoso, me mandando um pouco de Sua energia cósmica.

Levantei e agradei, comovido, Sua generosidade. Como era bom saber que sempre que usamos a arma do amor em nossas lutas, Ele nos abençoa pessoalmente.

Foi pensando nisso que parti à procura do meu filho Pedro.

Quando o encontrei, vi como estava abatido. Pareceu-me muito doente. Procurei a causa, e logo descobri. Ele era vítima de uma terrível magia negra.

Procurei a origem e descobri que ele não tratava muito bem aos escravos de sua fazenda. Alguém devia ter se vingado do mau trato recebido.

Nada havia mudado: cada um reagia com o que tinha à mão quando magoado ou ferido. Isto é comum a toda a humanidade.

Usei dos meus conhecimentos e poderes e cortei a magia em pouco tempo. Agora vinha a parte mais difícil: transformar meu filho.

Procurei descobrir a causa de seu comportamento. Por que tratava tão mal os escravos, quando eu havia pedido a todos que tratassem bem aos negros?

Demorei uma semana para modificá-lo. Tive que tirá-lo do corpo durante o sono por quatro noites seguidas. Na quinta, ele já sabia que eu estava ao seu lado. Na sexta já modificava seu comportamento, e no sétimo dia deu liberdade a todos os negros para cultuarem os seus orixás, seus deuses africanos.

Eu me dividia em muitos lugares, mas estava compensando. Logo, na grande fazenda de Pedro, havia alegria no rosto dos negros. Todos louvavam a mudança ocorrida com seu amo.

Um velho negro iniciado nos mistérios falou-lhes que o espírito do Cavaleiro da Estrela da Guia estava entre eles novamente.

Sim, ele tinha o dom da vidência e eu me mostrei a ele. Os muito velhos ainda se recordavam de mim, e isto os deixou muito felizes. "O Cavaleiro voltou para nos ajudar!", era o que diziam. Até recebi uma oferenda do velho iniciado. Era sua forma de agradecer uma ajuda dos espíritos. Aceitei com alegria, pois para quem nada tinha, dar algo a um espírito amigo em sinal de gratidão, era a maior honraria. Abençoei-o pelo seu gesto e ele sorriu para mim ao me ver feliz. Não pude conter as lágrimas que insistiam em brotar dos meus olhos.

Ele afastou-se reverentemente. Eu fiquei a observá-lo, e quando já estava distante, olhou para trás. Eu levantei minha mão direita e enviei a ele um fecho de luz que o alcançou. Ainda que à distância, eu ouvi seu choro de alegria. Ajoelhei-me e orei a Deus por ter servos tão humildes e sofridos espalhados por todos os povos. Orei também pelos negros que um dia foram o motivo para que eu lutasse.

Ainda não havia terminado minha oração, quando notei que não estava sozinho. Olhei para trás e os vi, todos ajoelhados também. Oravam em silêncio. A alegria de vê-los ao meu lado foi tão grande, que lágrimas caíam em profusão dos meus olhos. Eles também choravam. Abraçamo-nos ternamente.

Quando conseguimos nos acalmar, todos queriam falar ao mesmo tempo.

O meu velho amigo João de Mina foi o primeiro a se impor em meio ao vozerio.

— Eu saúdo o seu retorno, Cavaleiro da Estrela da Guia. Fico muito feliz em vê-lo de volta para junto dos que tanto o amam.

— Eu o saúdo também meu amigo João de Mina. Que bom vê-los todos juntos. Ruth, como vai, minha princesa?

— Estou muito feliz em vê-lo Cavaleiro. Bem-vindo ao seu povo.

Conversamos muito. Ali estavam os velhos babalaôs africanos que tanto haviam me ajudado quando no corpo carnal. Outros chegaram pouco depois. Havia centenas deles.

Eu não mentiria se dissesse que vi chegarem os Orixás do Panteão Africano. No templo dourado, eu estudara tudo sobre eles. Agora eu os via e, acredite-me, fui abençoado ali, no campo, por todos eles.

Um Orixá africano jamais esquece um benfeitor dos seus seguidores, por isso fui abençoado por todos. No tempo em que vivi na carne, só não fiz mais pelos negros porque mais eles não quiseram. E também me abençoaram por ter mudado o meu filho em tão pouco tempo.

Eu prometi ali, no campo aberto, que cuidaria para que ele honrasse o juramento de proteger os negros escravos.

Ouvimos o som dos tambores e fomos até onde estavam tocando. Ao chegar no local, vi o velho iniciado que me dera uma oferenda dirigindo o batuque para sua gente.

— Ele se parece muito com o senhor, meu amigo João de Mina.

— Fui eu que o iniciei no culto quando ainda era um menino, Cavaleiro da Estrela da Guia. Ele sabe honrar os Orixás.

Eu fiquei a observá-los por algum tempo, depois saí e fui até a casa grande. Vi meu filho sentado. Estava pensativo.

Após ouvir seus pensamentos, comecei a agir sobre o seu mental e o conduzi até a senzala, para assistir ao culto dos negros escravos. Meio relutante, ele seguiu até lá. Quando entrou na senzala, os negros não sabiam como reagir. Transmisti ao velho iniciado uma mensagem e ele saudou ao meu filho com uma salva de palmas. Meio sem jeito, ele agradeceu. Foi convidado a sentar-se ao lado do sacerdote negro. Aceitou o convite e logo o batuque recomeçou. Como um dia eu fui, ele também foi saudado pelos Orixás incorporados em seus filhos de fé.

— Ele se parece com você, Pescador. — falou o velho João de Mina.

— Eu o preparei quando ainda era um menino, meu amigo. Pena que eu tenha partido. Isto fez com que se esquecesse do que ensinei.

— Ele não se esqueceu, Pescador. Apenas que, quando se viu sozinho, não soube como agir. Mas eu o vejo sorrir agora. Creio que o passado adormecido está despertando.

— A alegria voltará a esta região meu amigo.

— Que Oxalá o abençoe, Cavaleiro, pois por onde você passa as lágrimas cessam e os sorrisos brotam como as flores na primavera.

Eu nada respondi. A alegria entre os humildes negros era tão grande, que não conseguia falar mais nada.

O velho iniciado me observava do seu lugar. Fui até ele e o abracei. Chorando de alegria, ele falou ao meu filho que seu pai estava ali entre eles, e que estava muito feliz.

— Eu sei, velho José. Sonhei com ele todas as últimas sete noites e o sentia perto de mim durante o dia. Diga a todos os negros que meu pai voltou para me ajudar a entendê-los melhor.

O velho iniciado José fez o comunicado a todos os escravos, e eu fui saudado por um canto dos negros. Sim, o Cavaleiro da Estrela da Guia estava de volta e não se afastaria mais dali. Somente em casos extremos eu sairia de perto dos meus filhos.

Quando encerraram o ritual, eu me despedi dos meus amigos prometendo voltar mais vezes. Ia à procura do filho que se parecia muito com Raios de Lua.

Ao chegar à aldeia, vi que havia muitas coisas haviam mudado por ali. O contato com os brancos era maior e isto alterara um pouco o modo de vida do índios. Muitos já se cobriam com algum tipo de tecido.

Procurei por meu filho Cobra Coral e vi que ele não estava feliz. Ao seu lado, como para protegê-lo, encontrei o velho cacique, pai de Raios de Lua. Saudei-o e ele sorriu ao me ver.

— Como vai, Pajé Branco?

— Feliz em vê-lo, Cacique. E o senhor, como tem passado estes anos todos?

— Sempre aqui Pajé Branco, ainda luto por meu povo. Pena que já não tenha um corpo de carne para conduzi-lo a um lugar mais distante dos brancos. Vê o que o contato com eles tem feito ao meu povo?

— Sim, meu amigo. Não estão preparados para a miscigenação. Sempre serão os perdedores.

— Os brancos estão invadindo nossas terras. Não adiantou muito você tê-las comprado para nós.

— E o que tem feito meu filho para defendê-las?

— Tem se esforçado muito, mas não é ouvido pelos brancos.

— Vim para ajudá-los, meu amigo, e vou fazer isto. Primeiro vou dar uma olhada por aí, depois verei como agir.

Dei uma volta por toda a aldeia e revi muitos índios que eu conhecera quando na carne. Foi outro momento de alegria para todos nós.

Assim como os negros, eles não abandonavam os seus após o desencarne. Continuavam a viver nas florestas ou à volta das aldeias.

Passei o dia vendo tudo e ouvindo os pensamentos de meu filho. Ele de fato, era um chefe índio e honrava seu avô.

Afastei-me da aldeia somente o tempo necessário para ver os outros dois filhos. O que vivia no engenho, havia se transformado. Nem se parecia com o mesmo de oito dias atrás. E Luiz já havia se casado com Ana, e eu pude ver que a alegria fazia morada em sua casa. Decidi que, enquanto auxiliasse Cobra Coral, iria à procura dos outros filhos que tive com Sarah.

À noite, voltei para a aldeia. Iria tentar convencê-los a se mudarem mais para o interior. Havia até descoberto um lugar muito bonito, farto em alimentos e caça, ainda não habitado por tribos de índios ou sequer imaginado por brancos.

Vi Raios de Lua ao lado de seu pai. Já não estava tão hostil à minha presença. Saudei-a com um sorriso. Ela, timidamente, correspondeu.

— Fico feliz em vê-la sorrir Raios de Lua. É um bom sinal.

— Você é mesmo diferente Pajé Branco.

— Por que diz isso?

— Em poucos dias você ajudou e transformou dois dos nossos filhos. O que fará pelo terceiro?

— O mesmo que fiz pelos outros dois: vou ajudá-lo a ser feliz também.

— Como pretende fazer isto?

— Conduzindo, a ele e seu povo, para um lugar distante daqui. Lá os brancos vão demorar séculos para chegar.

— Onde fica tal lugar?

— Gostaria de ir até lá?

— Não está mais zangado por eu tê-lo expulsado?

— Eu não fiquei zangado. Em parte, você tinha razão. Eu realmente estava sem condições de ajudá-los. Na verdade, eu nunca tive condições porque já estava doente quando cheguei à sua aldeia.



Não! Desde que meu pai morreu, eu estava doente. Só me curei a pouco tempo. A única coisa boa foi que aprendi a ajudar às pessoas, e é o que estou fazendo a algum tempo. Vamos até o lugar que falei?

Ela estendeu sua mão e num piscar de olhos estávamos no lugar. Raios de Luz exclamou:

— Como é lindo Pajé Branco. Como o descobriu?

— Orei a Deus e pedi orientação e inspiração. O resto, Ele fez por mim.

— Perdoe-me por ter recebido você tão friamente. Acho que havia me esquecido do quanto você é bom. Posso abraçá-lo?

— Não me abrace Raios de Lua, deixe que eu faça isto primeiro, tive vontade de abraçá-la assim que a vi outro dia.

Eu a abracei fortemente. Como é bom rever e poder tocar em alguém que nos ama. Ficamos ali por um longo tempo. Tínhamos tanto a dizer um ao outro.

— Não sabe como senti saudades de você Pajé Branco! Como foi difícil viver solitária todos estes anos à sua espera.

— Agora não vai ficar solitária, minha querida Raios de Lua. Estarei ao seu lado sempre que possível.

— Continua o mesmo andarilho de antes, não?

— Sim, mas agora você poderá me acompanhar também.

— Você me quer ao seu lado?

— Sim. Não vou mais deixá-la sozinha.

— E Sarah, como e onde está ela?

— É uma longa história. Se está bem, não posso dizer, mas onde ela está, um dia eu a levarei para visitá-la. Creio que ela irá gostar de vê-la.

— Ela não está com você?

— Não. A Sereia Encantada nos separou.

— Por que?

— Ela precisa de nós dois, mas em campos diferentes. Vai ser uma longa separação. Só não estou completamente feliz por isso.

— Você a ama muito, não?

— Sim, eu a amo assim como amo você. Não sei como fazer com tantas mulheres a dividir o meu coração.

— Tem outras também?

— Ainda não, mas terei que buscá-las se não quiser vê-las tristes.

— Você deve ter um coração muito grande Pajé Branco, sabe deixar a todas felizes.

— Não está com ciúmes?

— Só por ter outras atrás de você?

— Sim.

— Só eu tenho um Pajé Branco. Por que teria ciúmes do pai dos meus filhos?

— Você também tem um grande coração. O amor em você é maior que tudo, Raios de Lua. Não sei se mereço ter o que tenho.

— Eu mereço o seu?

— Sim, e como você o merece!

— Então você também merece o meu amor, mas para mim é mais fácil, porque não tenho que dividi-lo com outros homens: ele é todo seu. Para mim, isto é o que interessa.

— Vamos voltar para a aldeia?

— Está com pressa, Pajé Branco?

— Não Raios de Lua. Amanhã à noite farei amanhã ia fazer esta noite. Acho que merecemos um pouco de descanso após tantos anos, não?

— Sim. Eu não o deixaria partir agora por mais importante que fosse o assunto que você tivesse que resolver.

De fato, acho que ela tinha razão, eu a amava também.

Para alguém que é mesquinho ou egoísta é muito difícil entender como isto é possível, mas para alguém como eu, que há tanto tempo vivia em função dos meus semelhantes, e não estou me referindo somente à última encarnação, e sim aos milênios incontáveis, amor é o sentimento que predomina. Quando encontro alguém que me ama, e isto não diz respeito apenas ao sexo oposto, mas aos negros, amarelos, vermelhos ou brancos, homens ou mulheres, eu também os amo, somente por saberem amar a um filho de Deus.

Dizem que o amor é o oposto do ódio. Esta é uma verdade, assim como também o é quanto à dor:- Só quem ama pode compreender a dor alheia. Por isso os que amam são tão sensíveis à dor. A dor e o amor estão tão próximos um do outro, que quando alguém vive um desses sentimentos com grande intensidade, basta olhar à sua volta e encontrará o outro por perto. Coisas assim são inexplicáveis, mas são características de todos os espíritos humanos.

O certo é que eu também amava Raios de Lua. Sarah não iria se incomodar em saber que eu já estava dividido. Afinal, ela entendia das coisas do amor e me conhecia há tantos milênios que sabia ser impossível alguém como eu viver sem o amor. Talvez meu ancestral místico tenha me feito assim para que eu pudesse me dividir entre meus semelhantes sem egoísmo ou mesquinha, pois quem é movido pelo símbolo do amor, sabe multiplicar-se nos corações alheios.

Estas são algumas das divagações que me permito sobre um dos mais belos dons que o ser humano possui. Nem o dom da fé é tão belo como o do amor. Quem possuir os dois, já pode se considerar um espírito iluminado. Um não é completo sem o outro, mas enquanto o dom da fé concentra o ser humano, o mesmo não acontece com o do amor: o dom do amor multiplica o espírito humano.

Quem possuir o dom do amor maior que o da fé, poderá multiplicar o amor por toda a criação, e quem tiver do dom da fé maior que o

do amor, multiplicará o amor ao Criador. Mas, o que é mais importante? O Criador ou Sua criação? Um não é mais importante que o outro, eles se equilibram e são maravilhosos, um em função do outro. Quem os tiver em plenitude e equilibrados, pode se considerar um espírito cristificado.

Melhor eu parar de falar das coisas do amor e voltar à minha narrativa, senão poderia encher vários livros com essa minha elegia ao amor.

Pois Raios de Lua e eu ficamos sentados sobre uma pedra ao pé de uma linda cachoeira. O barulho da queda das águas, mais a beleza do lugar, tornavam aquele momento inesquecível.

Pode parecer tolice dizer tal coisa, mas tão grande era nossa irradiação de amor à vida, à natureza e ao Criador, que o gênio ancestral místico das águas doces mostrou-se a nós. Como era bela a visão do gênio das cachoeiras! Sua luz dourada ofuscaria ao próprio por do sol, tal sua intensidade. Ficamos observando por um longo tempo e, creio eu, devíamos estar sendo observados desde que ali chegamos. Eu não conseguia distinguir as feições do seu rosto ou os contornos de seu corpo. O gênio da água doce era uma fonte de irradiação luminosa. Seus raios luminosos, tal como os da sereia encantada, nos trespassava. E isto só nos fazia vibrar mais com o seu amor. Sim, é isto mesmo. O gênio ancestral místico das águas doces vibra amor puro.

Talvez seja porque a água doce, uma das formas elementares visíveis a todos, nos dê a vida, sacie nossa sede, irrigue o solo ressequido e faça brotar a semente depositada no solo. Quem é tocado pelo gênio ancestral místico da água doce, por mais que seja árido nas coisas do amor, vibra com o seu poder amoroso e irradiante. Se em alguém assim, árido, ela provoca uma transformação, imaginem como nos sentimos diante dela.

Eu olhei para Raios de Lua e não vi a esposa amada, mas uma nova fonte de luz do amor. Sim, o amor vibrava com todo o seu

esplendor em Raios de Lua e a tornava parecida com um coração irradiante, que é o símbolo do amor. Não nego que fiquei extasiado com tal visão.

Tão grande era a emoção, que eu chorava. Sim, isto me aconteceu ali, diante do gênio guardião da cachoeira. Raios de Lua também estava emocionada, pois eu via caírem dos seus olhos luminosos, gotículas luminosas. Suas lágrimas eram pingos dourados. Meu Deus! Não saberei descrever com palavras o que sentíamos naquele momento em que nos encontramos com a guardiã do amor.

Certos sentimentos não podem ser descritos, apenas vividos. É algo que não podemos dizer. Emoções muito fortes não podem ser transmitidas com toda sua intensidade, por mais que nos esforcemos em descrevê-las. Espero que entenda o que digo.

Se o Criador tem um coração amoroso, e creio nisso com toda a minha fé, o gênio ancestral místico da água doce, que tem seu ponto de força localizado nas cachoeiras, é este coração. Eu não percebia naquele momento, mas estávamos diante do símbolo vivo que eu vira em minha regressão ao passado milenar. Ainda estava sob a influência do símbolo da água.

Já havia estado diante do gênio ancestral místico guardião das águas salgadas, a minha sereia encantada. Agora me via frente diante do símbolo vivo do amor. Eu não me dava conta naquela época, mas o Divino Criador estava me conduzindo novamente aos meus ancestrais místicos, que eu já vira sob a forma de símbolos. Agora eu via os símbolos vivos. Já vira o da criação, agora estava diante do amor. Como é generoso o Criador para com aqueles que vivem com Ele e por Ele.

Um instante como aquele superava em emoção milênios de dor. Esta é a recompensa que tanto procuramos e que poucos conseguem encontrar. Não podemos ver ou sentir o Criador em Seu todo, mas podemos vê-Lo e senti-Lo em Suas múltiplas manifestações.

Se nos defrontássemos ante Ele, voltaríamos a ser apenas mais uma centelha luminosa e teríamos o nosso mental absorvido pelo Todo. E acreditem, é muito melhor o Todo viver em nós, e nós vivermos pelo Todo, que sermos absorvidos por Ele.

Tudo isso eu sei hoje porque, diante do esplendor do gênio ancestral místico das águas doces, o coração amoroso, eu não pensava. Havia sido envolvido por sua irradiação amorosa e ouvia sua voz melodiosa que nos transmitia suas ordens. Como era linda aquela voz. A mais bela música não se compara à melodia que o símbolo vivo do amor, o coração radiante, nos faz ouvir ao falar em nossos corações. É a mais bela canção de amor. Diria até que o amor é uma canção encantada por obra e graça do Criador.

O gênio nos transmitiu todas as suas ordens e nós ouvimos tudo com atenção. Depois, no centro de seu peito, surgiu um coração azulado. Era o mais belo azul que eu já vira em toda a minha vida. O coração irradiou sua luz em nossa direção. Ficamos envolvidos por ela durante algum tempo. A seguir, o gênio foi desaparecendo. Quando sumiu por completo, nós brilhávamos tanto, que não nos víamos. Ainda assim eu sabia que Raios de Lua estava ao meu lado. Abracei-a com ternura e acho que nos tornamos um só espírito. Sentia-a em meus braços, mas me integrava a ela. Mais tarde ela me contou que teve a mesma sensação.

Se há uma magia do amor, e eu acredito que há, aquela era a mais pura das magias. Nossos corações se fundiram e pulsavam ao mesmo tempo.

— Raios de Lua, você sentiu o mesmo que eu?

— Não sei se sentimos a mesma coisa, mas eu jamais serei a mesma após este encontro com o gênio da cachoeira, Cavaleiro da Estrela da Guia.

— Por que me chama por este nome?

— Ela o chamou assim, não foi? Então eu o chamarei assim de agora em diante.

— Preferia o outro nome. Ela não mudou o seu nome, isto quer dizer que você é Raios de Lua.

— Precisamos falar agora?

— Não, tudo está muito claro para mim. Só não atino com o objetivo dessas aparições dos gênios ancestrais místicos.

— Logo você descobrirá a razão de tudo, e quem está por trás.

Preferi me calar. Tudo era tão belo, que pouco me importava qual o objetivo do gênio das águas doces. Para os negros escravos, ela era a Mãe Oxum, o Orixá dos rios. Eu já ouvira falar sobre ela, e vira no batuque dos negros os orixás menores da Mãe Oxum, mas aquilo que acabara de ver era muito diferente.

Ficamos em silêncio por longo tempo. Creio que perdemos a noção de tempo.

Ao amanhecer voltamos para a aldeia. Para espanto nosso, os índios estavam de partida. Procuramos saber para onde iriam e descobrimos que nosso filho havia sonhado com o lugar onde nós havíamos passado a noite e agora conduzia sua tribo para lá.

Nós os acompanhamos por várias semanas, até chegarem ao lugar. Quando surgia alguma dúvida em relação à direção a ser seguida, nós intuíamos nosso filho na direção certa. Quando chegaram ao lugar, ficaram encantados com sua beleza.

— Outro filho feliz, Raios de Lua. O que me diz agora?

— Digo que você é o melhor pai que eles poderiam ter. Um pai que altera toda uma vida apenas com sua presença, poucos filhos podem ter.

— É hora de procurar os filhos restantes. Você me acompanha?

— Fique mais um dia comigo e depois vá em auxílio a eles. Quando quiser me ver estarei aos pés da cachoeira a esperá-lo.

— Por que não vem comigo?

— Você é o Cavaleiro da Estrela da Guia e vai ter que cavalgar muito. Eu sou os raios da lua que vai iluminá-lo durante suas noites solitárias. Quando conseguir ficar solitário, eu estarei aqui para lhe fazer companhia. Não se esqueça de mim.

— Quando eu sentir saudades suas vou olhar para a lua, e se não puder vir até aqui, meus pensamentos a alcançarão.

— Se forem pensamentos muito tristes ou solitários, irei ao seu encontro para iluminá-lo com meus raios de amor. Nunca vou deixar que a solidão ou a tristeza tomem um pedaço do seu coração.

— E quanto a você, como vai ficar aqui, sozinha?

— Eu não estarei completamente só. Tenho nosso filho por perto e os outros um pouco afastados. Terei como não deixar a solidão ou a tristeza apagá-lo do meu coração.

Ainda falamos das coisas do amor e de muitas outras coisas mais durante o resto do dia e parte da noite. Ao amanhecer, tão radiante como o sol, eu partia rumo ao encontro dos meus outros quatro filhos. Deixei Raios de Lua com um sorriso no rosto. Foi difícil a separação, mas não tão dolorosa quanto à de Sarah.

## A PASTORA

Em pouco tempo visitei meus filhos restantes e fiz o que pude por eles. Não os esqueci, e de vez em quando visitava a todos para ver como iam se conduzindo. Devo dizer que em certos momentos me deram muitas preocupações, mas todas solucionáveis.



Alguém me chamava mentalmente há dias, mas antes de visitá-la passei no abrigo do templo dourado onde tinha deixado seu pai Amehd e sua mãe Sheila.

Ao vê-los em franca recuperação, pedi licença aos amigos que os ajudavam e os conduzi ao encontro da filha.

Sheila já não blasfemava ou dizia palavras chulas. Havia mostrado a ela o significado das leis que nos regem no carma. Isso a modificou profundamente. Não sentia amor algum por Amehd, mas já não o odiava. Além do mais, sentia muita vontade de rever a filha Soraya.

Quando me certifiquei da melhora dos dois, fui até Soraya. Seus chamados mentais haviam aumentado muito. Ao ver-me, Soraya sorriu de alegria. Retribui com outro sorriso. Era bom vê-la sorrindo após tantos anos de tristeza.

— Até que enfim você ouviu meus chamados, guardião Saied. Por que demorou tanto a vir?

— Eu estava muito ocupado, Soraya. Tinha alguns assuntos pendentes a resolver e não pude dar notícias sobre o estado de seus pais. Mas foi melhor assim.

— Por que guardião Saied?

— É que agora eles já estão em condições de falar com você. Antes não seria possível.

— Por que não passou por aqui para conversarmos um pouco?

— Já disse a você: eu tinha algo muito importante para resolver. Se me tivesse sido possível, teria atendido aos seus chamados mentais. Eu ouvi todos os seus chamados Soraya.

— Desculpe-me, guardião Saied, acho que vivo tão solitária aqui neste lugar que nem me apercebi que poderia estar interferindo em seu trabalho. Mas fiz isso apenas porque gostei de conversar com você.

Eu olhei diretamente em seus olhos, ela os desviou de

mim.

Logo percebi que, mesmo com a forma plasmada diferente de Simas de Almoeda, ela havia sido tocada por mim. Como explicar isto à luz do pouco que eu sabia? Havia visto muita coisa e aprendido outro tanto, mas ainda não atinava com tal explicação. E devia haver uma, mas quem poderia me explicar? O tempo? Não! O tempo havia sido cúmplice destas coisas. Sim, existem coisas que o tempo apenas prolonga e encobre. Por quê reencontrá-la em espírito, se no corpo carnal nunca a tinha por perto? Por que este envolvimento fora de meu controle?

— Mas com tantas pessoas à sua volta, vive solitária?

— Sim. Entre tantas pessoas não existe uma sequer para quem eu possa abrir meu coração e falar do mal de que sofro. A maioria delas são como eu, ovelhas desgarradas à espera do pastor que irá reuni-las ao rebanho original.

— Talvez o pastor já tenha muitas ovelhas para cuidar e não possa levar mais uma.

— Por que o pastor não a levaria?

— Talvez o seu rebanho esteja meio desequilibrado e ele não queira ver a ovelha desgarrada ter que dividir suas atenções.

— Será que o pastor já não quer mais a sua ovelha desgarrada?

— Creio que ele quer. Mas como explicar à ovelha que ela seria apenas mais uma no rebanho?

— O meu pastor deve ter um rebanho muito grande mesmo, para recusar uma ovelha que somente quer ficar junto às outras.

— Esses pastores são meio esquisitos. Nem eles sabem qual o motivo de terem tantas ovelhas se, o mais que gostariam de ter, é um bom lugar para se estabelecer.

— Nem isso tem o meu pastor?

— Não. Ele descobriu que é um nômade e que deve arrebanhar muitas outras ovelhas que se perderam do rebanho do Grande Criador.

— Será que as outras ovelhas são tão dóceis como a que deseja voltar para junto de seu pastor?

— A maioria não. Existem algumas que não são verdadeiras ovelhas. Chegam até a desafiar o pastor, quando ele tenta recolhê-las para o Grande Criador.

— É um pastor muito estranho o meu, não guardião Saied?

— Eu também o acho muito estranho. Penso que nem ele sabe por que tem tantas ovelhas, Soraya.

— Não será por causa do seu modo de tratar o grande rebanho?

— Não, creio que não. Há muitos outros pastores iguais a ele, que sabem tratar até melhor os seus rebanhos.

— Então, devo acreditar que continuarei sendo uma ovelha sem pastor e sem rebanho?

— Não.

— E por que não?

— Às vezes, tudo se modifica de uma hora para outra, e o pastor que tinha muitas ovelhas precisa voltar atrás para recolher as ovelhas que perdeu no longo caminho.

— E quando isto poderá acontecer comigo?

— Talvez seja breve, mas também poderá demorar um pouco.

— Quem poderia dizer-me quando isto acontecerá?

— Só o Grande Criador. Ele tem resposta para todas as indagações.

— Você poderia me conduzir até Ele?

— Não, mas posso trazê-Lo até você, caso O queira realmente.

— É a coisa que mais anseio. Tê-Lo comigo acalmaria os temores desta ovelha desgarrada do rebanho do meu pastor.

- Talvez a ovelha não seja realmente uma ovelha desgarrada.
- Então, como explicar a saudade que ela sente do rebanho que já vai longe?
- Talvez a ovelha já esteja preparada para ser uma pastora e não saiba.
- Como ser uma pastora se a ovelha ainda quer e precisa ser conduzida até o pastor?
- Talvez como ovelha ela não possa alcançar o pastor. Quem sabe se, vendo-a como pastora, ele não sinta uma vontade enorme de ajudá-la.
- E o que a ovelha precisa fazer para tornar-se uma pastora?
- Começar a formar seu próprio rebanho, alimentando-o com o mais puro dos amores.
- E como conseguir este amor tão puro?
- Não olhando o passado como um castigo divino ou algo porque se envergonhar, mas sim como uma lição de vida que serviu para aprender o que não deve fazer com a dádiva de ter uma das mais belas peles dentre os cordeiros.
- Mas como esquecer ou entender um passado tão sujo, que até hoje me cobra um preço muito alto?
- Começando por perdoar aos que a conduziram pela trilha que a afastou do rebanho.
- Quem me ajudará a conseguir isso?
- O pastor que teve sua caminhada rumo a Ele bloqueada porque precisava voltar, recolher as ovelhas desgarradas e transformá-las em pastoras.
- Será que após fazer isto eu terei condições de me tornar uma pastora de verdade?
- Não. Primeiro terá que perdoar a si própria também, porque o perdão somente é verdadeiro quando envolve todos os integrantes

de uma mesma tragédia. Devemos ser nobres e generosos no perdão, assim como fomos pequenos e mesquinhos no erro que agora clama por perdão.

— Como a ovelha poderá encarar os erros que cometeu durante a caminhada pela trilha que seguiu, forçada ou não?

— Buscando em seu interior forças para voltar e recolher, no caminho, os filhotes que não quis criar e que outros tiveram que fazê-lo no seu lugar. A ordem era para que ela voltasse ao rebanho com algumas crias suas, e não foi isto que ela fez.

— Como encontrar estas crias, se nem a ovelha sabe onde as deixou?

— Pedindo auxílio ao pastor que voltou para recolhê-la e integrá-la ao rebanho do Grande Criador.

— Será que ele não sentirá nojo de sua ovelha, quando souber o que ela fez com suas crias?

— Esse é um risco que a ovelha precisa correr. Se teve coragem para ocultar suas crias, deve agora ter coragem para procurá-las e mostrá-las ao pastor. Ele só saberá se sentirá nojo de sua ovelha ou não, após conhecer quantas crias sua ovelha pôs a perder.

— Esta ovelha está preparada para tentar lavar e purificar sua pele de cordeiro manchada com o pecado e o crime cometido em nome do desejo e do dinheiro.

— Será que a ovelha não irá se arrepender de voltar um pouco no caminho para limpar sua pele?

— Não. Esta ovelha está cansada de ocultar o seu passado. Por mais que faça por seus semelhantes, esta ovelha não consegue se limpar da vergonha que sente por ter trilhado um caminho diferente do rebanho.

— Então, é hora de começar a sua caminhada de volta ao ponto em que se desgarrou do rebanho, ovelha Soraya. Está preparada?

— Sim, pastor Saied, conduza-me até ele. Prometo que me esforçarei, mas caso eu venha a fraquejar ou me conduzir de forma errada, peço, em nome de Deus, corrija-me e ajude-me mais uma vez.

Eu conduzi Soraya até seus pais.

O que houve, não vou dizer, mas que foi comovente, isto foi. O que foi dito naquela reunião dos três, pertence a eles.

O que posso dizer é que uniram suas forças e eu pude, lentamente, ajudá-los a resgatarem seus passados.

Soraya procurou os três espíritos, aos quais não permitiu a vinda à "pele de cordeiro", o corpo carnal. Com meu auxílio, conseguiu harmonizar-se com eles. O ódio que sentiam por ela, eu consegui converter em amor. E juntos, os seis, formaram um pequeno, mas forte, grupo de espíritos que iriam continuar se ajudando mutuamente na harmonização de seus passados.

Não foi uma tarefa fácil, mas quando vi que a ovelha já havia se tornado uma pastora, achei por bem revelar-lhe todo o seu passado milenar.

Devo acrescentar que, assim como eu chorei um dia ao conhecer o meu, ela também o fez com tanta intensidade, que tive que ser forte para não acompanhá-la no pranto de dor e de remorso. Os outros membros do pequeno grupo não se contiveram e também prantearam suas dores milenares junto com Soraya.

Quando ela conseguiu se acalmar, falou-me:

— Agora que sei quem você é, eu pergunto: Simas, por que tem que ser assim?

— Não sei explicar Soraya, mas alguém muito superior a nós comanda tudo, e deve ter os seus motivos para fazer isso conosco.

— Por que na outra encarnação eu tinha um grau tão elevado, e quando em espírito fazia o melhor que um espírito de luz tem a

fazer, depois vem uma encarnação sem sentido algum, e põe tudo a perder?

— Não vai achar a resposta seguindo este raciocínio. Você deve buscar em seu interior a resposta certa.

— Você encontrou a sua?

— Em parte, mas ainda não consegui me conhecer muito bem. Por isso eu estou aqui ao seu lado. Tento encontrar, nas ligações do passado, as respostas mais aproximadas. Eu nos vejo como espíritos muito ativos. Temos um mental susceptível a mudanças bruscas de rumo. Se, quando estamos no caminho espiritualista, nos excedemos e avançamos os limites, acabamos nos complicando; do mesmo modo, quando estamos no caminho materialista e não sabemos nos comportar, também nos excedendo, acabamos por nos complicar. Assim, não importa qual o caminho que venhamos a seguir, sempre estaremos em desacordo com a maioria dos nossos semelhantes. O que você tem feito nos últimos vinte anos?

— Trabalhado incessantemente junto aos espíritos enfermos.

— E sabe como deixar de fazer isso?

— Não. Eu creio que sirvo apenas para esta função. Não consigo me ver fazendo outra coisa menos trabalhosa.

— Então?

— Então, você tem razão. Nós nos excedemos em tudo que fazemos. Tanto na Luz, como nas Trevas, sempre estaremos insatisfeitos com o que fazemos, porque gostaríamos de fazer muito mais.

— Nós somos espíritos marcados, Soraya. Não importa o que gostemos de fazer ou não, algo sempre irá interferir em nosso caminho e alterar tudo para que recomeçemos do nada. Somente assim poderemos ser úteis a Alguém, que está fora do alcance de nossa compreensão.

— Simas, vou procurar despertar o meu mental superior. Você me ajuda?

— Conte comigo, Soraya.

— Fale com minha mãe, ela indicará o melhor caminho. Talvez você devesse aperfeiçoar seus conhecimentos e assim poderá direcionar melhor o seu potencial mental no futuro.

— Vou dividir o meu tempo. Uma parte para os enfermos, outra para mim. Penso que assim poderei me equilibrar melhor.

— Agora que já escolheu o seu caminho sem medo do passado, vou continuar minha caminhada também.

— Tem que partir tão rápido?

— Por quê?

— Eu gostaria que ficasse um pouco comigo. Eu o procurei em muitos e por muito tempo. Agora que o encontro, já vai me deixar sozinha novamente?

— Não a deixarei jamais, Soraya. Virei visitá-la sempre. E quando souber onde será o lugar em que ficarei em definitivo, você poderá me visitar também.

Ainda ficamos mais um pouco juntos. Não seria justo, após tanto esforço por parte dela, eu virar-lhe as costas. Não! Soraya era mais uma das sete mulheres que me foram designadas pelo meu ancestral místico. Nós já havíamos feito muitas coisas juntos, tanto no corpo carnal, quanto em espírito.

Com o passar do tempo, ela se tornou um espírito muito iluminado e sábio.

Anos mais tarde, ela amparou seu grupo familiar em novo reajuste no corpo físico e obteve uma grande vitória. Hoje eles a auxiliam também, mas sem as mágoas da encarnação anterior. Sim, a passagem de um espírito pela experiência da carne tem o dom de amortecer, se não apagar, nossas dores e mágoas.

Se antes eu sentia apenas muita simpatia por ela, tempos depois, devido ao grande esforço e dedicação por parte dela, eu comecei a sentir um pouco de amor também. Creio que foi esta grande



vontade de ser amada, e não desejada, que a ajudou tanto em sua evolução.

Soraya mais tarde integrou-se ao Grande Oriente Luminoso e desenvolveu um belo e grandioso trabalho junto aos espíritos femininos que, quando na carne, haviam se desviado do grande rebanho e se aventurados pela trilha do desejo e da devassidão.

Creio que, por trás de uma encarnação tão triste para um espírito tão nobre e elevado como Soraya, o Criador quis esgotar-lhe todo e qualquer desejo ou paixão.

Em compensação, ela adquiriu o dom do amor por toda a criação e ao nosso Criador de uma forma tão sólida, que é uma das mais respeitadas guardiãs dos mistérios sagrados. Conseguiu despertar todo o seu potencial mental e dirige, nos dias atuais, uma grande corrente de espíritos socorristas que atuam sobre toda a crosta terrestre.

Apenas uma coisa ela não conseguiu: até o nosso último encontro ainda sentia um amor diferente por mim. Eu também a amo muito.

Enfim, são coisas que só quem realmente conhece o amor pode explicar. Ainda lembro de algo que ela disse quando eu ia partir:

"Simas, vou procurar sua mãe e desenvolver meu mental superior. Mas saiba que um dia desses eu consigo um lugar em seu coração, e a partir daí disputarei você com as outras que já têm um lugar nele."

— Você não terá que conseguir este lugar. Ele já existe há milênios, e está esperando que sua moradora cativa venha habitá-lo. — disse eu.

Soraya sorriu e eu pude ver sua aura luminosa brilhar mais intensamente. Era a primeira vez que eu a via sorrir com tanta alegria. Sorri para ela também e parti. Em nosso encontro seguinte, já não falamos mais da dor, só das coisas do amor.

## JASMIM

Após deixar Soraya, tornei a visitar todos os meus filhos e amigos para ver como estavam. Ao certificar que tudo se encaminhava bem, fui à procura da quarta das sete mulheres que me haviam sido confiadas pelo meu ancestral místico. Eu já intuía qual havia sido o motivo, mas não tinha plena certeza. Antes queria conhecer todas elas.

A quarta era Jasmim, minha querida filha adotiva e guia dos tempos em que caminhei cego no corpo carnal.

Finalmente iria encontrá-la e ver como era minha querida Jasmim. Eu nunca vira seu rosto antes. A única vez que ouvi algo foi quando Sarah, doente e já às portas da passagem para o mundo maior, disse que ela era Raios de Lua reencarnada. Agora eu confirmaria se era verdade ou não aquela semelhança.

Eu sabia onde ela estava e a encontrei com facilidade. Quando a vi, confirmei realmente sua semelhança com Raios de Lua.

Ela não me reconheceu de imediato, e ficou intrigada ao ver um estranho a observá-la.

— Quem é o senhor?

— Não me reconhece depois de tantos anos, criança minha? Será que o seu Mago Branco mudou tanto assim?

Jasmim não disse nada, apenas veio em minha direção e abraçou-me emocionada. Eu também não conseguia emitir outro som que não os soluços de um pranto contido. Eu devia tanto àquela criança, que ainda que dissesse algo, não me expressaria da melhor forma. Somente as lágrimas poderiam dizer o que eu sentia naquele momento.

Eu acariciava seus cabelos como se estivesse tocando em algo sagrado. Sim, quantas vezes dormíamos sem ao menos comermos um pedaço de pão seco? Quantas vezes o nosso único alimento foi

um pouco de água e nada mais? Isto a despeito de tudo o que fazíamos pelos doentes que encontrávamos em nosso caminho. Um pouco de água e uma prece de agradecimento ao Criador.

Sim, quando Jasmim se deitava recostada em mim, eu começava a acariciar seus longos cabelos e conseguia fazê-la adormecer mesmo com fome.

Se aqueles dez longos anos de escuridão foram uma prova para mim, muito mais foram para ela que, vendo às vezes as barracas de alimentos, apenas podia desejá-los, e nada mais.

Aqueles longos anos passaram por minha mente com a rapidez de um relâmpago. Tudo foi reavivado em minha mente, tal a emoção que eu sentia em poder ver o meu anjo da guarda Jasmim. Creio que o mesmo aconteceu com ela. Não sei dizer quanto tempo ficamos ali abraçados e chorando.

Eu a amava muito mais que a qualquer dos outros filhos, apesar dela não ser minha filha. Eu também a amava muito mais que Sarah ou Raios de Lua juntas. Eu a amava tanto quanto um cego amaria à visão, se esta lhe fosse devolvida pelo Criador.

Jasmim era para mim a luz que iluminava o meu caminho na escuridão, a mão que me conduzia através dos obstáculos e o ombro amigo que me amparava nos momentos em que eu fraquejava. Jasmim era minha própria vida, o único motivo para continuar até o fim minha caminhada nesta terra abençoada de Deus, que nos prova a cada instante.

Eu ainda recordava as vezes em que despertava com as carícias de suas delicadas mãozinhas sendo passadas no meu rosto ressequido pelo sofrimento, ou nos cabelos embranquecidos pelo tempo e pelo sofrimento.

Sim, Jasmim era a filha que eu não podia ter, a luz dos meus olhos, o cajado que me amparava, a mãe que cuidava de um filho menos favorecido pela sorte, meu anjo da guarda. Que tipo de amor eu sentia por ela? O mesmo que tinha por Deus! Sim, o amor que ela

despertava em mim transcendia a tudo que conhece a maioria das pessoas. Só aqueles que dependem de uma pessoa amiga e que têm a felicidade de encontrá-la, sabem como é.

Após muito tempo eu consegui dizer algumas palavras:

— Obrigado pelo que fez por mim, Jasmim. Espero que Deus retribua tudo o que fez na forma de paz eterna para você, minha filha.

Jasmim apertou-me mais ainda em seus braços e disse:

— Mestre da Luz, valeu a pena para o senhor o tempo que passamos juntos na terra?

— Sim minha querida Jasmim, como valeu a pena, e para você?

— Foi o melhor que podia ter-me acontecido, mestre da Luz. Melhor companhia, Deus não poderia ter me enviado após tanta dor. Se outro tivesse aparecido para me ajudar, eu não teria me recuperado de minha dor, nem evoluído tanto com os seus ensinamentos. O senhor me transformou no que sou hoje.

— E o que você é hoje, Jasmim?

— O espírito mais feliz que pode haver em todo o universo. Agora, com sua chegada, minha felicidade está completa. Saiba que estou muito brava com o senhor, mestre da Luz.

— Por que, minha criança?

— O senhor não me procurou durante todos estes anos, apesar de eu orar sempre por sua visita.

— Eu recebia suas preces e seus pensamentos de saudades, criança.

— Então, por que não veio me ver?

— Jurei para mim mesmo que só voltaria para ver você quando pudesse olhá-la com meu coração livre de qualquer dor ou mágoa. Só quando me sentisse completamente curado.

— E está totalmente curado mestre?

— Sim. O passado é apenas uma lembrança que ainda cultivo em minha mente para poder desfrutar melhor dos dias atuais.

— Mestre, venha conhecer meus pais.

— Eles estão aqui?

— Sim, e sempre pediram que o apresentasse a eles quando voltasse para me ver. Eu sabia que um dia o senhor voltaria.

— Como podia saber?

— Eu também recebia suas preces e pensamentos de saudades.

— Então vamos até eles, Jasmim.

Devo dizer que os pais de Jasmim ficaram emocionados com minha visita. Agradeceram-me por ter cuidado de sua filha com tanto carinho. Eu também agradei a eles por terem me deixado um espírito encarnado com tanta luz, que me guiou na pior das escuridões. Juntos, agradecemos a Deus por Sua bondade infinita.

Mesmo da dor, podemos tirar a melhor das lições de vida que um ser humano pode receber.

Pediram para que eu ficasse com eles mais até alguns dias. Ao olhar para Jasmim e ver seus olhos implorarem por uma resposta afirmativa, achei mais acertado ficar algum tempo junto a eles. Afinal, Jasmim ficou comigo até me devolver à minha família. Quando disse que ficaria ali alguns dias ela não se conteve.

— Mestre, se o senhor não ficasse conosco alguns dias eu jamais o perdoaria.

— Não teria coragem de fazer isso, Jasmim. Você mais bela e pura das criaturas que eu tive a honra conhecer em situações adversas. Eu a conheço tão bem que sei que o máximo que faria seria chorar tanto, que eu ficaria muito comovido e me sentiria o mais cruel dos filhos de Deus -

— Como pode saber disso?

— Saiba que, por noites infindáveis, eu ouvia até seus sonhos, criança. Ouvia quando sonhava com uma farta ou uma cama macia e quente. Ouvia também Quando, no silêncio da noite, eu fingindo que dormia, você orava a Deus por um milagre em relação aos meus olhos. Você não sabia mas ele já havia me concedido a melhor das visões: os seus olhos olhavam por mim.

— Mas o que o senhor não sabe é que muitas vezes eu fingia que dormia só para deixá-lo mais tranquilo silêncio da noite, ouvia seus soluços de dor pela prova que passava. Quantas noites eu não fingi que não conseguia dormir só para que acariciasse minha cabeça e alisasse meus cabelos. Sabe por que nunca os cortei?

— Não, Jasmim. Por quê?

— É que eu sabia que se os cortasse não poderia mais alisá-los, e com isto eu deixaria de sentir, saindo de suas mãos, um magnetismo que fluía por todo o meu corpo me elevava para lugares bonitos após eu dormir realmente.

— Quer dizer que você também me enganava?

— Era só para ser acariciada por suas mãos. Delas fluíam a luz mais pura que uma pessoa pode transmitir a outra. A luz do amor mais puro que existe só eu, sua Jasmim, podia receber. Até nisto eu fui uma privilegiada!

— Jasmim, entre todos os espíritos de Deus, não existe outro iguais a você. Você é única até nos elogios. Sabe como fazer alguém tão imperfeito como eu, sentir-se um pouco melhor.

— Foi alguém imperfeito como o senhor que conseguiu fazer com que eu me aperfeiçoasse um pouco mais aos olhos do Criador. Jamais o esquecerei mestre da Luz. Mas chega de falar do tempo da dor. Quero que o senhor conheça o lugar onde moramos. Verá que não existe outro mais lindo em todo o universo.

Realmente, Jasmim tinha razão. O lugar era encantador, e sua alegria me contagiou também. Acho que o lugar era tão lindo

devido aos espíritos que o habitavam. Eram eles que tornavam tudo tão encantador. Não preciso dizer que enquanto fiquei ali, Jasmim não me deixou a sós por um minuto sequer. Creio até que, se eu voltasse à escuridão dos olhos, ela teria coragem para deixar aquele lugar encantado somente para me guiar novamente.

No dia que eu decidi partir, comuniquei minha decisão a Jasmim.

— Por que tão rápido, mestre da Luz?

— Há alguém que padece nas Trevas porque eu, um dia, não quis dividir com ela a minha vida.

— Ela caiu por causa do amor, mestre?

— Sim Jasmim. Às vezes o amor nos eleva e noutras nos rebaixa. Ela é um desses casos. E como eu fui o causador de sua queda, sou tão culpado quanto ela. Se eu tivesse agido de outra forma, talvez ela não tivesse caído, ou ainda que sofresse, não iria para as Trevas.

— Mas o senhor não teve culpa por ser amado. Ela devia ter compreendido isso. O senhor não podia amar duas de uma vez.

— Ela caiu não porque eu não a amava, mas porque fiz dela esposa de alguém que ela não amava.

— Eu só conheci Raios de Lua e Sarah. Quantas outras o amaram?

— Que eu saiba, só tenho culpa pela dor das três. Se ela caiu, foi por eu ter interferido de forma errada em seu destino. Se me abstivesse de jogá-la nos braços do homem que a amava, talvez ela não tivesse cometido as loucuras que teve coragem cometer apenas por se sentir traída, magoada e ofendida. Seu amor transformou-se em ódio, Jasmim. A linha que divide estes dois sentimentos é tão tênue que se um sofrer um abalo muito forte, transforma-se no outro. Agora vou partir Jasmim.

— Prometa-me que, de agora em diante, virá nos visitar de vez em quando?

— Está prometido, luz dos meus olhos.

— Eu o esperarei sempre, força de minha força.

— Jasmim, deixe-me beijar sua testa como eu costumava fazer todas as noites?

— Só se o senhor deixar eu beijar os seus olhos como eu sempre fazia naqueles tempos.

Eu, ao beijar Jasmim, beijava minha terceira visão. Sim, Jasmim era para mim o terceiro olho, a visão do espírito.

Nunca mais deixei de visitá-la e a seus pais. Sempre que me sobrava algum tempo livre, o que era raro, eu ia vê-los.

Jasmim jamais se ligou a espírito masculino algum. Sim, isto costuma acontecer no mundo espiritual também. Aqueles que não o conhecem muito bem ou estão a pouco tempo nele, desconhecem estas coisas, mas enfim, paciência com os ignorantes das coisas do amor e suas diversas modalidades de ser expressado. Os tolos conhecem apenas o amor provocado pelo desejo. Não sabem que existem sete tipos de amor, um para cada dom ancestral místico. Talvez um dia eu fale sobre isto também, mas até lá vou continuar com minha história.

## A OITAVA MULHER

Não seria uma tarefa fácil chegar até Ângela. Sim, a bela Ângela, filha do governador geral no tempo em que eu vivia na capitania.

Eu fora o culpado por sua queda porque convenci o governador a dá-la em casamento a um homem que ela não amava. Como eu ia saber que resultaria nisso tudo?



Eu não amava Raios de Lua quando me uni a ela, mas pouco depois tudo havia mudado. Pensava que com Ângela aconteceria o mesmo. Foi um dos maiores erros que cometi em minha última encarnação. Pobre Ângela, como cometeu erros por causa de um amor não correspondido.

Abaixei ao máximo minha vibração e plasmei minha forma de antes do desencarne. Conservei a visão porque iria precisar dela.

Caminhei por vales sombrios até chegar ao lugar onde ela se encontrava. Ao aproximar-me do lugar, fui barrado por um sujeito mal encarado.

— O que quer por aqui, velho idiota?

— Eu procuro por uma conhecida minha. Soube que ela estava por aqui.

— Você não pode entrar. E se ela está aqui, não poderá sair também.

— Somente gostaria de vê-la, nada mais.

— Sinto muito, mas estas são minhas ordens.

— Posso falar com o seu chefe?

— Duvido que ele perca seu tempo com alguém como você, velhote.

— Talvez eu tenha algo a lhe oferecer, caso consiga falar com ele.

— O que alguém como você pode me dar?

Eu tirei de dentro de uma sacola um objeto que despertou seu interesse.

— É muito bonito o que trouxe para mim, velho. Dê-me e falarei com meu chefe.

— Não, amigo. Primeiro consiga o que pedi e depois terá o seu presente.

— Não sabe que posso tomá-lo de você?

— Talvez sim, talvez não. Quer tentar?

Ele olhou bem para mim e depois de pensar um pouco, mandou que eu aguardasse ali mesmo. Acho que ele viu minha espada por

baixo da longa roupa. Pouco depois voltou acompanhado por outro homem, tão tenebroso quanto ele. Estendeu-me sua mão e eu lhe dei o objeto.

— Acompanhe o meu parceiro, ele o conduzirá até nosso chefe.

Eu o acompanhei até uma gruta. Lá no seu interior, eu pude ter uma idéia de como são as coisas no lado escuro.

— Quem é você, velhote?

— Sou Simas de Almoeda e procuro por uma conhecida minha chamada Angela. Sei que ela está aqui com vocês.

— Ela o conhece?

— Sim, mas por outro nome. Diga que sou José de Macedo e ela saberá de quem se trata.

— Eu não sei quem é ela. Comece a procurar por ela, e se encontrá-la mande me avisar.

— Obrigado, amigo. Um dia, não importa quando, eu saberei como retribuir sua gentileza para comigo.

— Eu talvez venha a cobrar-lhe isto um dia, velho.

— Se o que pedir estiver ao meu alcance, não deixarei de atendê-lo. Não prometo o que não está ao meu alcance.

— Lembrarei disso quando for cobrar sua dívida para comigo. Agora vá procurá-la, só espero que seja corajoso o bastante para não interromper sua procura pela metade.

— Obrigado amigo. Por onde devo começar?

— Ele o conduzirá.

E eu fui levado até o interior mais profundo daquele lugar. Parecia ser um labirinto.

O que eu via ali, no interior da caverna, me tocava fundo. Certas visões me causavam náuseas; outras, revolta; e outras, uma

profunda pena por aqueles espíritos infelizes. E um deles estava ali por culpa minha.

Quando me aproximava mais de algumas daquelas almas infelizes, elas ou se ocultavam ou entravam em pânico e desespero. Eu via o horror estampado em seus rostos. O peso dos erros cometidos quando no corpo físico causava aquelas reações.

Passei muito tempo procurando por Angela. Quando já pensava que seria inútil continuar com minha busca, pois ela já não deveria se parecer mais com a jovem que eu conheci na carne, vi alguém que despertou minha atenção. Aquela mulher só podia ser ela. Aproximei-me mais e ela ocultou o rosto entre as mãos.

— Não tema, senhora. Não vou fazer-lhe mal algum. Quero apenas saber o seu nome.

— Para que quer sabê-lo? Vai me acusar de mais alguma coisa?

— Eu não venho acusar ninguém. Procuro por alguém chamada Ângela. Por acaso é a senhora?

— Não sei se sou quem você procura, mas me chamo Ângela também.

— Eu sou José de Macedo. Lembra-se de alguém com este nome?

— Como eu poderia esquecer, se estou aqui por sua culpa?

— Sim, eu sei que sou o culpado, por isso vim à sua procura.

— Suma-se da minha frente. Não tenho nada a conversar com você.

— Mas eu tenho muito o que lhe dizer. Posso ficar um pouco com você, Ângela?

— Quando eu o quis ao meu lado, você jogou-me nos braços de um animal. De que me serviria sua presença agora.

— Não sei, mas talvez eu possa ajudá-la de alguma forma.

— Se quer me ajudar, desça um pouco mais do que eu descí. Só assim me sentirei feliz.

— Ainda guarda tanto ódio por mim?

— Se o que sinto pode ser chamado de ódio, então eu o sinto. Mas acredito que seja muito mais que ódio o que sinto por você.

— Por que não deixa o rancor um pouco de lado e fala comigo para que eu possa refazer parte de nossas vidas?

— Nós não temos nada para refazer, sr. José de Macedo. Hoje eu amargo neste lugar horrível o amor que um dia despertou em mim. O que há para ser refeito?

— Nunca é tarde para recomeçar no caminho da evolução.

- Isto porque não é você que está preso aqui neste lugar.

— Se eu ficasse aqui também, isto lhe agradaria?

— Seria algo que me daria muito prazer. O belo e rico sr. Macedo, atado a este lugar imundo.

— Vou sair. Deixei algo para trás, mas logo estarei de volta para ficar ao seu lado. Não acho justo que você sofra sozinha por algo que eu também tenho culpa.

— Duvido que tenha coragem de voltar aqui.

— Logo estarei de volta, Ângela. Eu fui até o chefe daquele lugar.

— Achei a mulher que procurava, amigo. Ela está numa das câmaras deste imenso labirinto. Vou sair mas logo voltarei para ficar ao lado dela. Permitirá que eu a ajude?

— Só se me ajudar também.

— Como posso ajudá-lo, amigo?

— Traga meu filho de volta, e terá as portas deste lugar sempre abertas para você.

— Onde está seu filho?

— Atado à crosta terrestre. Ele amarga uma das piores penas impostas pela Lei.

— Pode me levar até ele?

— Venha, dê-me sua mão e eu o conduzirei até onde ele se encontra.

Ele me conduziu até o local onde se encontrava seu filho. Eu me assustei quando vi o lugar. Era onde estavam enterrados os restos mortais de meu amigo João de Mina e seus filhos Ruth e Marinho. Uma enorme serpente cascavel estava enroscada aos pés deles três.

— Onde está seu filho, amigo?

— Aquela serpente é meu filho. Não disse que ele sofreu um dos piores castigos possíveis?

— Ele regrediu tanto assim?

— Sim, e nem eu consigo me comunicar com ele. Está fechado em seu próprio veneno.

— Volte ao seu labirinto, amigo. Caso eu consiga despertá-lo, levarei ele até você.

— Eu espero seu retorno à minha gruta. Caso consiga isto para mim, eu liberto a mulher que mantenho em meu reino.

Ele sumiu num piscar de olhos. Eu fiquei observando aquela enorme cascavel. Aquele espírito só podia ser o espírito do capataz que teve seu corpo enterrado ali.

Foi pensando nisto que fiz uma regressão e o localizei no tempo. Realmente, aquele era o espírito do capataz. Mas, como penetrar em seu mental adormecido?

Voltei ao templo dourado e pedi uma audiência com o mestre Han.

— O que deseja de mim, guardião Saied?

— Quero sua ajuda, mestre Han. Estou com um caso de difícil solução. Tenho que ajudar uma mulher que caiu perante a Lei, mas para fazê-lo tenho que penetrar no mental de um espírito que caiu muito mais. Somente assim poderei ter acesso ao lugar em que ela está.

— Quem é a mulher?

— Foi na última encarnação, alguém que me amou e eu não correspondi. Por causa disso, cometeu muitos crimes e eu me sinto culpado por sua queda.

— Você a localizou em sua regressão mental?

— Sim, ela foi a princesa hindu que queria que eu e outro homem lutássemos por ela.

- Vejo que novamente ela não aprendeu sua lição. Acha que conseguirá ajudá-la?

- Tenho que tentar, mestre Han. Mas para isso tenho que despertar o outro espírito e conduzi-lo até seu pai.

- E quando fizer isto, como vai ajudar à mulher?

— Eu vou ficar o tempo que for necessário para despertá-la dos erros cometidos.

— Esta tarefa pode levar anos, Saied.

— Não importa, mestre Han. É algo que preciso fazer, senão sempre terei um ponto escuro a me acusar onde quer que eu esteja.

— Eu recebi o livro com a sua descrição do que viu e ouviu em sua regressão mental. Os grandes mestres do saber divino acharam-no uma das melhores descrições já feitas até hoje pelo grande volume de informações nele contidas. Convidaram-no a ir até uma das sedes do Grande Oriente Luminoso.

— Qual o motivo do convite, mestre Han?

— Você já tem o grau de mestre da Luz, mas não o assumiu ainda. Eles acreditam poder dar-lhe uma função de grande responsabilidade.

— O que o senhor acha que devo fazer?

— Apesar de eu saber que você poderia assumir um cargo maior que o de guardião, não quero interferir em seu futuro. Você deve fazer o que seu coração pede neste momento. Você vem sendo movido pela razão há muitos milênios. É hora de se deixar conduzir

um pouco pelo amor, e se é isso que seu coração pede, o Grande Oriente Luminoso o aguardará mais um pouco.

— Não ficarei devedor do Grande Oriente, mestre Han? Afinal, desde o meu desencarne ele tem me amparado.

— Você está recebendo apenas uma pequenina parcela dos seus créditos junto ao Grande Oriente, Saied. Muitos dos que hoje dirigem seções importantes no Grande Oriente, um dia receberam o seu auxílio, e não se esqueceram disso.

— Fico honrado por se lembrarem de mim, mas devo ajudar Ângela. Somente assim conseguirei me pacificar por completo, mestre Han. Se conseguir isto, irei até o Grande Oriente Luminoso.

— Faça então o que tem em mente, Saied. Talvez isso seja muito importante para seu futuro.

— E como devo fazer para despertar o homem que regrediu tanto?

— Ele está atado às suas últimas recordações. Faça com que ele as veja e o despertará da regressão. Mas não conseguirá fazê-lo voltar a assumir a forma humana de antes pois isto só a lei que rege à evolução o conseguirá, uma vez que ele criou o seu próprio carma. Não foi induzido ou forçado a isto.

Saiba que há uma diferença muito grande nas leis que regem o carma: quando somos induzidos ou forçados a cometer um crime, sofremos uma grande queda mental que nos persegue por muito tempo. Mas quando fazemos o mal por puro prazer, sofremos transformações espirituais muito grandes. Cuidado com estes espíritos, Saied! Por trás das aparências bestiais ocultam-se os piores assassinos, os mais frios guerreiros ou os mais traiçoeiros magos das trevas. Antes de se aproximar de um deles, ouça o que dizem os seus mentais. Se ainda estiverem destilando ódio à criação divina, não os ajude porque estará criando condições para que voltem a praticar o mal. Porém, quando seus mentais derem mostras de

arrependimento, pode tentar uma aproximação que conseguirá trazê-los para a Lei.

Se conseguir integrar um deles no serviço nobre da Lei, ele irá se refazendo gradualmente. Séculos ou milênios a serviço da Lei devolverá sua antiga forma espiritual. Tudo irá depender do esforço de cada um.

— O senhor está me dando uma aula bastante extensa, mestre Han. Qual é o seu objetivo ao me conduzir por este caminho?

— Você já é um mestre da Luz de verdade, Saied. Será que ainda não percebeu para onde seu ancestral místico o está conduzindo?

— Sim, isto eu já deduzi por intuição própria. Mas, por que eu tenho que retornar sempre ao mesmo ponto de partida, mestre Han?

— Talvez ele o queira aí o tempo todo. Você já sabe que este é o caminho onde reside sua força e seu poder. Não tem preconceitos ou idéias pré estabelecidas contra nada, e com isso consegue despertar os mentais difíceis, senão impossíveis, de serem acessados. Este é um ponto forte a seu favor. Eu mesmo não conseguiria fazer o que você tem feito como guardião do templo.

— O senhor está sendo modesto demais, mestre Han. Eu conheço um pouco do seu poder e sabedoria.

— Você não me entendeu, Saied. O que eu quis dizer é que você faz tais coisas com naturalidade. Não se sente constrangido ou obrigado a fazê-lo somente porque alguém mandou que fizesse. Faz de forma espontânea, e isto é próprio de sua natureza. Quantos eu tenho visto fazer coisas por obrigação ou dever, mas que não se sentem bem ao fazê-lo.

— Eu faço com prazer porque sinto alegria quando vejo alguém se levantar e criar coragem para reiniciar sua caminhada rumo ao Pai Eterno.

— Você já conhece bem os símbolos que há em sua espada, não?



— Sim, eu já os decifrei a todos, e sei o que significa cada um deles.

— Sabe quem lhe deu aquela espada?

— Foi o Cavaleiro do Mar.

— Não, ele era apenas o seu depositário fiel. Aquela espada já o acompanha a vinte e um milênios. Ela foi forjada pelo guardião do ponto de força que divide a Luz das Trevas e cada um dos ancestrais místicos dos sete símbolos imprimiram com suas próprias luzes os símbolos em sua lâmina. Você é um guardião dos símbolos sagrados, Saied. E seu ancestral místico sabe disto. Em função desta particularidade, sua natureza interior o conduzirá sempre neste caminho. Ainda que alguém tente conduzi-lo por outro rumo, você impõe a neste novo rumo sua marca pessoal. Não sabe disso, mas você também é um caminho dentro do caminho maior.

— Mas isto o senhor também o é.

— Eu sei, mas eu sou outro tipo de caminho. Por mim passam os que já conhecem os seus próprios caminhos. Mas você não, você deixa que passem por você e sigam em frente. Você é o caminho deles, Saied.

— Eu não penso assim, mestre Han.

— É que você não pára para pensar no que tem feito nestes anos todos aqui neste templo.

— Não entendi, mestre Han.

— Qual o caminho que seguiram a maioria dos espíritos que você despertou para a Lei que nos rege a todos?

— A maioria deles tornou-se guardiões do templo dourado.

— Percebe o que digo? Poderiam ter escolhido qualquer outra atividade, temos centenas delas, mas não! Preferem ser como você, um simples guardião.

— Fazem isto por que gostam, mestre Han. Eu não influencio ninguém quanto ao caminho que deve seguir, somente os desperto e encaminho aos nossos mestres.

— Eu sei disso tudo, Saied. Mas depois de algum tempo, eles pedem para ser guardiões. Será que é mero acaso? Ou será que é porque você é um guardião dos sete símbolos e como tal, é um dos muitos caminhos por onde muitos podem passar sem medo ou vergonha do passado?

— Isto eu não sei mestre. Estou tentando descobrir o porque de ter sete mulheres que só estão felizes quando em harmonia comigo. E tem esta agora, que é a oitava. É sempre ela quem impede que eu me lance em um vôo mais alto.

— Ainda não decifrou este mistério, guardião dos mistérios?

— Não, mestre. Pode me ajudar a encontrar a solução?

— É muito simples: sete são os símbolos e sete os seus guardiões ancestrais místicos. Cada um deles enviou a você uma de suas iniciadas. Nenhuma o sabe, mas só se sentirão felizes ao lado do guardião dos símbolos sagrados porque cada uma trás em si a essência do seu símbolo original. E só se sentem bem, felizes e seguras ao lado do guardião designado para elas. Você pode recusá-las, afastar-se delas ou até fugir, mas ainda assim, não se livrará da marca que lhe impôs o seu ancestral místico.

— Mas por que tem que ser assim? Dessa forma eu nunca vou encontrar paz suficiente para poder me sentar um pouco e descansar de minha caminhada. Com Sarah eu já seria o homem mais feliz do mundo terreno e o espírito mais satisfeito no mundo maior.

— Você teria coragem de deixar as outras sofrendo sua ausência, caindo no meio do caminho?

— Gostaria de ter esta coragem, mas minha consciência me diz que não devo agir assim porque se o fizer será muito pior para mim.

— Vê o que digo? São sete símbolos, sete mulheres e sete mistérios. Você pode desejar ficar com apenas um, mas para ter a ele terá que conservar os outros seis. Caso contrário perderá a todos os sete.

— Mas por que sete mulheres e não sete filhos, ou sete irmãos, ou sete amigos?

— Quem sabe o seu ancestral místico tenha imposto sete espíritos que pulsam feminilidade para fazê-lo ser guiado pelo sentimento do amor?

— Mas poderia amar qualquer um dos outros também.

— Quantos filhos não tiveram uma desavença com os pais, e estão isolados uns dos outros a milênios? E o mesmo não se dá com irmãos ou amigos ou filhos? Já pensou nisto também?

— Mas eu tentaria pacificar todos.

— E teria o componente que tem facilitado sua tarefa na reaproximação com elas?

— Não. Mas deve haver um outro componente. Eu o encontraria também.

— Duvido que exista outro. Se houvesse outro, não haveria dualidade na criação.

— Mas então para que serve o amor?

— De nada, quando alguém o odeia com muita intensidade. Você só o traria de volta se o submetesse à força aos seus desejos ou às suas vontades.

- Mas ainda assim, com o tempo despertariam para a verdade.

— Mas você sempre correria o risco de ser suplantado e, em um momento de descuido, ser aniquilado por uma vingança qualquer. Seria um risco que o Criador quis poupar a você. Uma mulher pode se sentir traída, desprezada ou rejeitada, mas jamais mata o objeto do seu amor. Pode ficar afastada por anos, décadas ou séculos, mas quando o encontra, a identificação é imediata e total, e se for

necessário, submete-se docilmente aos maiores sofrimentos somente para ficar ao lado do seu amado. Qual homem faria isto por outro?

— Eu o acompanharia se me pedisse, mestre Han.

— Um dia você me ultrapassaria, ou se igualaria a mim, ou se cansaria, Saied, porque haveria a falta de um componente a nos equilibrar. Este componente é o que faz com que um homem culto, rico ou poderoso se ajoelhe diante da mais humilde das mulheres e beije sua mão em sinal de amor. Também é este componente que faz com que a mulher mais cruel, orgulhosa ou tomada pela soberba, se entregue docilmente ao homem amado.

— O senhor me envolve com sua lógica. Se eu encarasse as coisas por esse ângulo, tudo seria mais fácil para mim.

— Eu apenas estou revelando a verdade para você, não o estou envolvendo com coisas misteriosas, Saied.

— Mas ainda assim, onde entra a oitava, esta que tenho que voltar e tentar levá-la para a Lei? Na Luz, ela não terá condições de ficar.

— Você a viu ao lado de Sarah antes de qualquer outra, não?

— Sim. Ela estava lá já nos primórdios do meu caminho.

— Ela é o componente negativo do seu caminho. É o seu ponto fraco. Se ela não o tiver, perderá sempre a razão e cometerá os maiores desatinos. Esta última encarnação torna a lhe provar isto. Com ela você sempre terá sua caminhada bloqueada, o mesmo não acontece com as outras sete.

Enquanto elas não se incomodam que existam outras seis à sua espera, esta vai sempre tentar afastá-lo das outras. Ela somente aceitará dividi-lo com outras que são marcadas com os símbolos menores, nunca com aquelas que trazem os símbolos maiores. Ainda que pareça tolice, ela não teme as menores, só as maiores, pois com as menores ela se iguala ou supera, mas com as maiores por perto, ela será sempre a perdedora.

Ela é o seu lado negativo, e vai sempre tentar levá-lo a afastar-se das outras sete, ainda que tenha que dividi-lo com muitas outras.

— Persha!

— Até que enfim descobriu o ponto fraco que o tem mantido atado à terra. Para tê-lo por perto, ela o esfacela em muitos pedaços. Com isto, o enfraquece e o domina. Você luta para se libertar de sua influência porque sabe que há sempre sete outras e que com qualquer uma delas seria feliz, mas ela também sabe que existem outras sete, e não se incomoda nem um pouco em retê-lo longe da luz plena pois se isto acontecer, ela o perderá para sempre. Pode elevá-la um pouco, mas jamais fará com que ela alce um voo mais alto porque ela sempre estará atrasada em relação às outras.

— Isto me torna prisioneiro do meu destino, não?

— Sim. Foi assim que quis o seu ancestral místico, e assim será até que ele o queira.

— Então nunca saberei quando me livrarei de tal sina.

— Por que diz isso?

- Não posso penetrar no meu ancestral místico.

- Certo, pois você é parte dele. Mas eu lhe digo uma coisa, guardião Saied.

— O que é, mestre Han?

— Quando estiver com qualquer uma das oito, viva em paz consigo mesmo porque só assim será feliz.

— Com a oitava será muito difícil ser feliz.

— Mas tem uma vantagem.

— Qual é?

— As outras sete vão estar torcendo para você se libertar da influência dela. Não o deixarão cair, e se tiver que se afastar do seu caminho, não será por muito tempo, pois lutará para se libertar de sua influência. Somente voltará a ser feliz quando estiver

equilibrado a ela. Aí poderá alçar um vôo mais alto rumo à Luz e encontrar um pouco de paz.

— Resta então eu me conformar com isto tudo, não?

— Sim. Se quer um conselho de alguém que o ama muito, eu lhe dou.

— Quero sim, mestre Han.

— Viva como achar melhor, mas não se esqueça de uma coisa: tanto faz você amar uma de cada vez, ou as oito ao mesmo tempo porque isto não lhe será imputado como um desvio. Mas, não deixe nenhuma das oito para trás, nem abandone o seu caminho, pois, aí sim, você poderá cair no abismo mais profundo que há.

— Qual é este abismo, mestre Han?

— O seu ancestral místico é a luz do saber. Se cair, será lançado em seu lado negro.

— Qual o lado negro do meu ancestral místico?

— São as trevas da ignorância.

Um arrepio percorreu-me de alto a baixo. Se, servindo o meu ancestral místico com amor, eu já me achava triste, imaginei o que aconteceria se caísse em seu lado escuro.

— Tem uma coisa, Saied.

— O que é, mestre Han?

— As sete, quando na carne, o procurarão em todos os homens, e só ficarão felizes quando o encontrarem. Mas a oitava não, ela procurará todos os homens em você, e só ficará feliz se encontrá-los reunidos num só.

— Entendi, mestre Han. Com qualquer das sete eu tenho que ser unicamente eu, e isso será o bastante para ser feliz, mas com a oitava, ainda que eu me divida e perca minha essência, não a satisfarei.

— Sim. Ainda que você se anule, ela não ficará feliz porque o que ela realmente gostaria de ter para ser feliz, você não poderá lhe dar.

— O que é que eu não poderei lhe dar, mestre Han?

— A unicidade e a perfeita harmonia de um dos sete símbolos. Isto, só o seu ancestral místico poderá fazê-lo.

— Mestre Han, já tomei muito o seu tempo por hoje. Peço sua licença para me retirar.

— Você não toma ou desperdiça o meu tempo, Saied. Você é um caminho para milhares, eu sou um caminho também. Mas ainda que pareça falta de modéstia de minha parte, sou um caminho de muitos outros caminhos, e você é um dos meus caminhos. Quando posso tornar um dos meus caminhos menos acidentado ou perigoso, ou até iluminá-lo um pouco mais, eu me ilumino como um todo pois sei que a menor das luzes dos muitos caminhos do Senhor de Todos os Caminhos é tão importante para Ele quanto a maior das luzes. E sei também que se uma luz maior deixar uma menor se apagar, é porque em verdade ainda não é uma grande luz.

— Mestre Han, eu sou um espírito que foi presenteado pela generosidade do Criador num momento de extrema bondade. O senhor é o mestre que eu sempre quis ter como guia neste mundo de Deus.

— Suas palavras só me fazem bem, Saied. Conheço muito bem quem está proferindo-as. Parta em paz e continue com o seu caminho, que o Senhor dos Caminhos o acompanhará sempre por onde tenha que caminhar.

— Até a vista, mestre Han.

— Até a vista guardião Saied. Não a deixe-dividi-lo muito, porque senão eu terei muito trabalho para reuni-lo novamente.

— Não me esquecerá mestre Han.

## UM ALIADO REPULSIVO

Dali eu voltei à procura de meu amigo João de Mina. Falei a ele do que teria que fazer com o espírito do capataz. Tanto ele quanto seus filhos Ruth e Marinho ajudaram-me na tarefa de despertar o espírito de seu castigo.

Quando eu me aproximei da enorme cascavel, ela armou suas presas em minha direção. Eu orei ao Criador e tive a honra de ser ouvido pelo Pai Misericordioso.

Do alto, jorrou uma luz cristalina sobre o espírito, e lentamente ele foi se aquietando. Já não chacoalhava seu guizo que advertia a quem dele se aproximava. Eu me vi transformar em pura luz. Com minha fé no Criador, eu me elevava em vibração, e isto destruía minha forma plasmada.

Aproximei-me dele e ouvi seu mental adormecido. Do lugar mais oculto do seu mental, eu ouvi os gritos de arrependimento. Era tarde para voltar a ser o que era antes, mas ele ainda guardava lembranças do que fora e fizera no passado, e sabia que agora era uma serpente perigosa.

Eu comecei a falar em seu mental. Interferi com dureza deliberada e vi que ele lentamente me ouvia. Levantou sua cabeça de serpente e ficou me olhando. Falei quem era eu.

— Lembra-se de mim? Fui eu quem o libertou das serpentes que o picavam.

— Sim eu me lembro do senhor, foi muito bom comigo. Mas olhe para mim e veja o que me aconteceu.

— Eu estou vendo amigo. Você sabe por que está neste estado?

— Não, mas deve ter sido o veneno das cobras que me picaram.

— Está errado, amigo. Foi seu próprio veneno que o transformou em uma cascavel. Tal qual uma cascavel, você gritava com os escravos negros e depois os matava. Agora Deus lhe deu um guizo



para que você sempre advirta a quem se aproximar muito, para que saiba que você é perigoso e que deve fugir de suas presas. É um grande castigo o que foi imposto a você pela Lei Divina.

— Mas eu não gostava dos negros.

— Só porque sua mulher morreu, você não devia achar que foi um negro que a matou.

— Mas foi um negro que a matou com seus feitiços.

— Está errado mais uma vez.

— Você não viu como ela morreu, por isso diz tal coisa.

— Eu posso provar o que digo. Vou trazer sua mulher até aqui e ela mesma irá lhe dizer toda a verdade.

Em poucos segundos eu a trouxe até ele. Ela também ainda vagava na escuridão e não me foi difícil tirá-la do lugar onde se encontrava. Ao me ver, ela se assustou e cobriu o rosto com as mãos.

— Vamos mulher, diga a ele toda a verdade sobre sua morte!

Sem me olhar, ela perguntou:

— Quem é esta cobra horrível?

— É seu marido, espírito pecador. Não o reconhece após tantos anos?

— Impossível. Você está mentindo.

— Converse com ele e ouvirá seu mental.

Ela começou a falar com ele, e pouco depois o reconhecia como o seu esposo de muitos anos atrás.

— Conte a ele a verdade mulher. Só assim poderá ajudá-lo a se livrar do ódio que nutre pelos negros. Quer que eu traga o seu amante negro até aqui?

— Não! Isso não.

— Tem medo dele?

— Sim. Ele já tentou se vingar de mim várias vezes.

— Então, conte toda a verdade ao seu marido transformado em uma cascavel. Se não o fizer, eu a entrego ao negro, e olhe que eu sei onde ele está neste momento.

— Eu conto tudo ser da Luz, mas não me entregue a ele, pois jurou me escravizar por toda a eternidade.

— Então diga toda a verdade a ele, e se ocultar alguma coisa eu lhe cobrarei caro.

E, olhando para a cascavel, ela falou:

— Eu era amante dele. Fui eu quem o forçou a fazer amor comigo. Eu, quando sentia desejos, o procurava às escondidas. Se você gostava de se divertir com as negras, por que eu tinha que viver insatisfeita? Eu o procurei por muitas vezes e quando fui perceber, estava grávida dele porque fazia meses que você não me procurava. Escondi a gravidez o quanto me foi possível, e quando não deu mais, tomei veneno. Como eu odiava às negras que você procurava, disse-lhe que haviam me enfeitiçado e que eu estava morrendo.

— Está vendo como tudo se passou, amigo?

Ele armou um bote e lançou-se sobre ela. Eu não sei como, mas aparei o seu bote com o braço esquerdo. Minha luz me protegeu do seu veneno: ele se sentiu queimado por ela.

— Você não vai fazer mal algum a ela, pois foi o culpado por ter preferido saciar os seus desejos com as escravas. Recebeu o troco do que deu à sua esposa. Por isso não tem o direito de cobrar nada. E as negras que você feriu ou magoou na mais tenra idade apenas para saciar sua bestialidade? Não pense que elas não sofreram com sua volúpia. Você ao menos tem idéia do mal que causou a elas? Vamos amigo, responda-me agora!

— Foram muitas.

— E os negros que você matou somente pelo prazer de vê-los sofrer no tronco de suplícios?

— Também foram muitos.

— Então, com que direito arvora-se em juiz de sua esposa? Pelo que sei, você já os matava antes dela se envenenar. O ato dela apenas atçou em você um instinto nato. Ela deve à Lei, mas você deve muito mais.

Ele entendeu minhas palavras e aquietou-se por completo.

— Como consertar os meus erros ser da Luz?

— Aqui estão os três primeiros negros que se dispuseram a perdoá-lo, são os mesmos que estão enterrados ali. Você está atado a eles, meu amigo. Somente eles podem libertá-lo deste lugar. Vá até eles e peça o seu perdão. Se eles o derem, você será levado para junto de seu pai, ele o espera para que, juntos, comecem a refazer o passado de erros.

Eu vi os três se assustarem quando a enorme cobra rastejou em suas direções. Temi que fugissem.

— Não temam meus amigos, ele não vai fazer-lhes mal algum. Se o perdoarem, Deus dará a vocês o poder de dominarem a todos os espíritos que rastejarem.

— Eu confio em você, Pescador. — foi o velho Mina quem falou.

— Aproxime-se dele, amigo, e toque a sua cabeça com sua mão esquerda. Quando dominar o medo e o asco, perdoe-o do fundo de seu ser imortal.

Ele foi até a cascavel e abaixou-se sobre ela. Colocou sua mão esquerda sobre a cabeça medonha e ainda fez uma prece por aquele espírito devedor da Lei Maior. O Criador ouviu sua prece, pois do alto uma luz derramou-se sobre ele e saiu de sua mão atingindo o espírito inferior. Em seguida, os seus filhos fizeram o mesmo, e a luz tornou a se derramar sobre eles, atingindo a cabeça da cascavel. Depois, ele voltou até mim. Eu interrompi minha prece ao Criador e falei:

— Está na hora de recomeçar do nada, amigo. Você está preparado?

— Sim, mas como farei isto!

— Eu o ajudarei no que for possível, o resto dependerá de você.

O velho Mina me interrompeu:

— Pescador, você me surpreende cada vez mais. Como posso ajudá-lo?

— Leve consigo esta pobre mulher e pacifique o seu mental. Depois, ajude-a a refazer o seu passado colocando-a no amparo aos negros escravos. Só assim ela se harmonizará com a Lei meu amigo.

— Eu farei isto com muito prazer. Você é um guardião da Lei, Pescador, e eu o respeito mais ainda que antes.

— Obrigado por sua palavras meu amigo, mas eu sou apenas um servidor da Lei. Ore ao guardião da Lei por mim porque vou precisar da ajuda dele de agora em diante.

— Eu irei à sua pedra sagrada e orarei por você, meu amigo. E caso venha a precisar do meu auxílio, basta chamar que virei ajudá-lo. Até a vista Pescador!

— Até a vista meu amigo.

Ele partiu com os filhos e levou a mulher também. Ali tinha início uma nova caminhada para ela. Até nisto, Deus é perfeito: permite que recomeçemos por onde erramos. Vivendo com os negros ela aprenderia a amá-los como filhos do mesmo Pais Eterno.

Fiquei olhando o ponto por onde eles se foram. Logo voltei minha atenção à cascavel. Ela tinha se enrolado à minha perna esquerda e eu nem havia percebido. Perguntei:

— Por que fez isto, amigo?

— Aqui eu sei que ninguém vai me atingir e ao seu lado eu saberei como refazer o meu passado.

— Se isto o agrada, fique aí, mas quando eu precisar de sua ajuda fará o que eu ordenar, e quando não puder levá-lo comigo, ficará junto do seu pai. Está bem assim?

— Para mim, está tudo certo. Vigiei sempre sua retaguarda e se alguém tentar atraí-lo, eu o avisarei.

— Muito bem amigo, vamos ver seu pai agora.

Quando eu ia partindo, tive a sensação de, num lampejo de luz, ver mestre Han e vários outros mestres. Não liguei muito porque conhecia o poder do meu mestre e sabia que ele era capaz de muitas coisas, inclusive de se mostrar sem sair do templo dourado. Eu sabia que ele me acompanhava em pensamento.

Fui até bem próximo ao lugar em que ficava o pai do meu novo amigo e comecei a baixar minha vibração. Quando voltei à antiga forma, o espírito me perguntou como eu podia me transformar tão facilmente. Expliquei como conseguia e obriguei-o a calar-se sobre minha identidade. Ele enroscou-se à minha perna esquerda e fui ao encontro do seu pai. O homem que ficava de guarda afastou-se à minha chegada, ao ver a cascavel em minha perna.

— Como pode andar com um réptil asqueroso em sua perna velhote?

A cascavel ia avançar sobre ele, mas eu a segurei.

— Calma amigo, você precisa ir acostumar-se com sua aparência e com a repulsa que ela causa.

— Está bem, mas avise-o que, se me chamar assim outra vez, eu o picarei.

— Se você não souber se controlar, vai arranjar um novo inimigo em cada lugar que eu for. Como quer recomençar se enfurece com uma observação que é verdadeira?

— Mas o senhor sente repulsa por mim?

— Eu não. E também não estou falando dos espíritos de Luz e sim dos que vivem nas Trevas. Dos que vivem na Luz, você nada precisa temer, mas cuidado com os das Trevas.

— Vou me conter, chefe.

— Agora sou seu chefe?

— Sim. Só eu sei quem é o senhor, por isso eu o aceito como meu amo ou meu chefe. Eu, pessoalmente prefiro chamá-lo de chefe.

Já nos aproximávamos do chefe daquele lugar, quando mandei-o se calar-se.

— Aqui está seu filho, meu amigo. Cumpri o seu pedido.

— Como você conseguiu, velho? E ainda o trás em sua perna esquerda!

— São coisas que só um velho paciente sabe como fazer. Posso ir até onde está minha amiga Ângela?

— Não vá até aquele pântano imundo, deixe que eu mando meus escravos buscá-la para você.

— Eu não quero ela desta forma, meu amigo. Preciso que ela saia de lá com suas próprias forças.

— Se acha melhor assim, então poderá entrar e sair a hora que quiser, por aqui ninguém irá barrar o seu caminho.

— Obrigado amigo. Converse com seu filho que eu vou conversar com minha amiga.

Deixei-os a sós e fui até onde estava Ângela. Ao me ver ela comentou:

— Não é que você teve coragem mesmo?

— Eu não dou minha palavra em vão, Ângela. Está na hora de você mudar suas idéias a meu respeito.

Ela nada falou e eu também me calei. Procurei um canto seco naquele lugar horrível e sentei-me. Tinha que acostumar-me à idéia de ficar algum tempo ali. Nem orar ao Criador eu poderia porque iria me denunciar, apenas enviei a Ele meu pedido para a ajuda da divina providência. No meu íntimo, eu sabia que Ele estava comigo e esperava de mim um comportamento adequado.

Eu, do meu canto, observava todas aquelas almas infelizes em seus tormentos. Tudo porque haviam se entregado às trevas da ignorância.

Procurei desligar meu mental de tudo e concentrá-lo no que se passava à minha volta. Comecei a prestar atenção aos lamentos daqueles espíritos caídos. Lentamente, fui tomando conhecimento do motivo da queda de cada um. Eu nada pensava ou falava, apenas ouvia. De vez em quando, olhava para Ângela e ouvia seus pensamentos. Ia guardando todos em minha mente, para que, quando ela abaixasse a guarda, eu pudesse agir com segurança.

Três dias já haviam se passado, e ela não dava sinais de querer diálogo algum. Todas as vezes que tentei, fui repellido.

Como eu fechava os olhos e fingia estar dormindo, uma mulher ainda jovem aproximou-se arrastando-se até mim. Fiquei observando o seu esforço sobre-humano para consegui-lo, e quando chegou bem próximo falou:

— Senhor, ajude-me a dormir um pouco, por favor!

— Por que não consegue dormir, irmã?

— Não sei. Eu tenho tanta vontade e não consigo, estou enlouquecendo.

— E por que acha que eu o conseguiria?

— O senhor dorme tão tranquilo que achei que poderia me ajudar. Desculpe-me, eu não quis incomodá-lo.

— Não me incomoda, irmã. Apenas eu gostaria de saber porque veio parar num lugar como este.

— Devemos ter algo em comum porque o senhor também está aqui.

— Sim, é verdade, mas eu estou em paz comigo mesmo. Só preciso pacificar a outro coração, enquanto você ainda não conseguiu nenhuma das duas coisas, não é verdade?

— Tem razão. É por isso que não consigo conciliar o meu sono, e sofro por causa do cansaço.

— Não é a falta do sono reparador que a atormenta e sim sua consciência que lhe cobra os erros cometidos quando no corpo carnal.

— Como pode saber o que fiz quando no corpo carnal?

Eu já sabia tudo sobre ela, mas achei melhor não revelar.

— Eu não sei o que você fez, mas presumo que esta seja a causa.

— Quem é você velho idiota, para me acusar de algo?

— Não sou eu que estou sem dormir, e sim você. Portanto, vá procurar outro para se queixar de sua insônia porque não vou ficar falando com quem se recusa a ouvir a verdade.

Ela começou a esbravejar contra mim, eu ainda disse a mais uma frase:

— Você só terá paz e conseguirá dormir quando reconhecer que a culpa por estar aqui é toda sua. Ninguém tem a menor culpa por ter sido abandonada por todos os seus familiares e amigos.

Nisso o cascavel veio rápido ao meu lado.

— Eu ouvi gritos contra o senhor, chefe, precisa de minha ajuda?

— Não meu amigo, está tudo bem. E você como vai indo com seu pai?

— Já acertamos que os dois têm culpa: eu por ter cometido muitos crimes, e ele por ter me ensinado a odiar os negros.

— Já é um começo. O tempo resolverá tudo, é só ter paciência.

— Isto não lhe falta, não é chefe?

— Sim, para que pressa se o tempo que temos pela frente é eterno?

— Por falar em tempo, posso ficar um pouco aqui com o senhor, chefe?



— Veja como todos se calaram com sua chegada. Acho que estão com medo de você. Vamos fique ao meu lado, assim não ficarão mais assustados do que já estão.

Ele subiu por meu corpo e enrolou-se em mim. Sua cabeça ficou sobre minha perna. Eu comecei a acariciá-la e isto o deixou extremamente calmo.

— Chefe, só o senhor tem coragem de tocar em mim, nem meu pai teve coragem. Será que sou tão assustador assim?

— Só um pouco, amigo cascavel. Vamos, durma um pouco que eu olho por você.

— Tenho medo de dormir. Sempre que tento descansar, sinto que aquelas cobras estão me picando.

— Não tem porque temer, eu o guardo dos seus inimigos, e além do mais, você nada mais deve temer porque está começando uma nova caminhada.

— Vou tentar chefe, mas cuidado que, se eu sentir o mesmo pavor que das outras vezes, posso picá-lo pensando que quer acabar comigo. Eu não quero ferir o único amigo que se aproximou de mim.

— Não se preocupe. Eu sei como fazê-lo dormir sem ser incomodado.

Comecei a alisar sua cabeça e penetrei em seu mental inferior, era ali que se localizavam seus medos. Fui envolvendo-o lentamente e fazendo com que esquecesse dos seus tormentos. Fiquei feliz quando fechou os olhos. Estava dormindo em paz depois de muitas décadas. Eu alisava o seu corpo escamoso e meditava sobre o rigor das leis divinas.

Ao olhar para aquele espírito em forma de serpente, eu reconhecia toda a força da Lei e a sua justiça imutável: cada um colhe o que planta. Eu estava ali por livre vontade, mas também estava colhendo o que havia plantado um dia. Alguns colhem na luz do saber, outros, nas trevas da ignorância.

Ainda meditava sobre o poder das leis, quando a mesma mulher que falara a pouco comigo voltou a se aproximar.

— Como o senhor conseguiu isto?

— Isto o quê, irmã?

— Domesticar uma cascavel?

— Foi ele quem se domesticou. Eu apenas tive o trabalho de ajudá-lo a reconhecer os seus erros. Saiba que um dia ele desafiou as leis de Deus, e foi transformado num ser apavorante apenas para que ninguém se aproximasse dele.

— Quer dizer que esta cobra já foi um homem?

— Sim, um homem que não soube respeitar os limites da Lei Divina. É uma pena que isto tenha que acontecer, minha irmã.

— Se até uma cobra pode dormir, por que eu não consigo?

— Sua consciência não deixa que o faça. É a Lei Divina que não lhe dá um momento de paz porque um dia você tirou a paz de alguém.

— Lá vem o senhor novamente com o sermão.

— No dia em que você reconhecer que é a única culpada por estar aqui, e que os outros é que foram as vítimas e você a única ré, começará a ter um pouco de paz. Deus não perdoa a quem não tem a humildade de reconhecer os seus erros.

— Deus nem se lembra que eu existo!

— Como quer que Ele venha até você, se o seu orgulho é maior que sua humildade?

— Como posso ser humilde?

— Lembre primeiro do motivo que a levou a cair tanto, e então poderá começar uma nova caminhada até Deus, caso tenha coragem para tanto. Somente Ele poderá pacificar sua consciência.

Ela ficou olhando para mim e pude ver lágrimas brotarem dos seus olhos encovados.

— Chore irmã, é sinal que está começando a despertar. E ela chorou. Foi o choro de uma alma que se arrependia dos erros cometidos. O que era um choro tímido, passou a ser um pranto de dor que ecoava por toda aquela caverna sombria. Eu puxei-a para mim e acariciei sua cabeça.

Despertei o amigo cascavel e mandei que fosse para junto de seu pai. A mulher encostou-se em mim e chorou por muito tempo. Quando foi cessando o choro, mandei-a dormir um pouco. Ela recostou-se melhor em meu corpo, e lentamente fechou os olhos. Dormiu por muito tempo. Quanto, eu não sei ao certo, mas quando acordou estava com melhor aparência.

— Viu como foi fácil se reconciliar com Deus?

— Obrigado por ter-me feito dormir, senhor. Estou bem melhor.

— Somente se sentirá completamente em paz no dia em que se reconciliar com os seus. Com eles obterá o perdão que permitirá uma nova caminhada e o posterior resgate de seu passado sombrio.

— Eu não sei se terei coragem de encará-los.

— Por que não tenta? Assim saberá se eles a perdoarão ou não.

— Como posso chegar até eles?

— Espere até que seja a hora certa e os encontrará. Agora, deite-se e durma mais um pouco.

— Posso me recostar no senhor?

— Sim minha irmã, faça isso, eu velarei seu sono.

Eu falava com ela, mas também vigiava os pensamentos de Ângela, pois percebi que aquele era o caminho a seguir. Quando a mulher dormiu, Ângela falou:

— Já conseguiu um outro amor, sr. Macedo?

— Você confunde tudo, mas quem sabe ela não venha a ser um novo amor em minha vida?

— Você nunca teve tempo para mim, mas com as outras sempre soube ser gentil. Olhe só esta aí, está toda agarrada a você como se fosse o único homem do mundo.

— Para ela, nesse momento, sou o único ser humano que lhe interessa. Vou ajudá-la a sair deste lugar e recomeçar sua caminhada rumo ao Criador. Creio que daqui a uns cinquenta anos ela poderá estar harmonizada com os seus inimigos de hoje.

— Acredita que eles venham a perdoá-la pelo que ela fez?

— Sim, o primeiro passo ela já deu. O mais difícil é uma pessoa reconhecer que errou. Daí em diante, tudo é consequência deste primeiro ato.

— Até parece que é fácil desse jeito.

— E é, não duvide disso. Após o reconhecimento do erro, o ser humano deve provar que é sincero e começar o caminho inverso, ou seja, para cada um que afastou de si, deve, amparado pela fé em Deus, reconquistar seu amor e sua amizade.

— Tudo é tão fácil assim?

— Nem tudo. Deve antes transformar-se interiormente, repensar o melhor modo de se conduzir e principalmente encarar os seus semelhantes como filhos do mesmo Deus. Portanto, como irmão, um deve olhar o outro como alguém ainda em evolução e sujeito a falhas.

— Como a sua?

— Sim, como a minha falha. Eu só a cometi porque não imaginava que iria torná-la infeliz e capaz de cometer tantos erros em tão poucos anos.

- Apenas porque eu o odiei estes anos todos?

- Não é esta a causa de sua queda. Você errou quando transferiu o seu ódio a mim para outras pessoas. Elas não tinham culpa alguma, e no entanto foram atingidas por suas ações.

— Eu achava que assim estaria me vingando de você.

— Vingar-se de mim mandando matar Ruth?

— Se era ela quem comandava os escravos dos seus filhos, tirá-la do comando poderia ser uma boa forma de atingi-lo.

— À custa de uma vida humana?

— Ela era só uma escrava negra.

— Se era escrava foi porque alguém trouxe seus pais para o Brasil, e não porque era negra. Em sua terra não seria uma escrava. Hoje ela não é mais uma escrava, e sim um espírito iluminado.

— Ainda assim é uma negra que o ajudou como escrava.

— Mas para mim não era uma escrava, e sim uma boa amiga.

— Uma amiga que dormia com você, não?

— Está enganada a esse respeito. Eu tinha Ruth como uma irmã. Eu devia minha vida a ela porque quando vim para o Brasil estava leproso. Ela e seu pai me curaram. Nunca toquei no corpo de Ruth e nem alimentei tal desejo uma vez ao menos em todos os anos que fiquei próximo a ela.

— Por que diziam que ela era sua amante?

— Quem levantou tal calúnia deve estar arrependido de ter dito tal coisa. As únicas mulheres com quem tive relações íntimas foram minhas duas esposas.

— Mas, por que preferiu casar-se com a outra e não comigo?

— Você era muito jovem e não iria querer um homem de idade avançada como eu. Além do mais, eu amava Sarah desde criança.

— Nunca passou pela cabeça que eu também o amava?

— Sim, eu percebia como se insinuava para mim e cheguei a considerar a hipótese de me casar com você, mas não dei continuidade a tal idéia porque sabia que não seríamos um casal feliz.

— Por que pensou assim?

— Você era filha de um governador e eu um comerciante andarilho. Qual é a jovem fogosa que iria querer passar suas noites solitárias imaginando onde ou com quem estaria o esposo naquelas horas. Seria um tormento muito grande para você. Não seria feliz ao meu lado.

— Mas fui infeliz longe. E foi muito pior longe que se tivéssemos juntos. Olhe onde estou hoje apenas porque um dia você apareceu na minha frente.

— É por causa disso que estou aqui também. Tenho culpa pelos erros que você cometeu em consequência de minha interferência em seu destino. Eu não fujo de minha consciência, porque ela está me cobrando por ter errado.

— Mas você pode sair se quiser e nem isso eu posso.

— Qual a vantagem, se tudo o que houve pesa sobre mim? A liberdade nada vale quando temos que ocultar o passado. Já chega o que passei por ocultá-lo em vida. Foi um tormento em minha vida.

— O que você ocultou durante sua vida?

— É uma longa história, e não gosto de relembra-la. Demoraria muito tempo para contá-la.

— Eu tenho todo o tempo para ouvi-lo. Quem sabe eu entenda um pouco porque você me rejeitou.

Comecei a contar a ela minha longa história. Quando terminei, pedi para que contasse a sua, e foi horrível ouvir aquilo: também havia tido um tormento em sua vida. Seu marido me odiava porque descobrira que ela me amava.

Em consequência, Ângela passou a me odiar também, e junto com o marido moveu uma perseguição implacável aos meus filhos após minha partida para o Oriente. Levou-os à miséria, mas eu voltei a revelei o tesouro que havia ocultado quando vivia junto a eles. Isto

os reergueu, e devido a esta reviravolta em suas vidas, eles souberam como se defender dali por diante.

— Vê como tenho uma história triste também, Simas de Almoeda?

— Sim, e o pior de tudo é que você não aceita sua parcela de culpa neste drama todo, Ângela.

— De que adianta me lamentar agora? Nada mais importa para mim.

— Como pode dizer uma coisa dessa natureza. Acaso tem noção do tempo em que está aqui?

— Eu não me importo com isso. É muito melhor ficar aqui, onde não incomodo ou sou incomodada por ninguém.

— Você está enganada, Ângela. Nosso estado atual não se modificará para melhor, se nós nada fizermos neste sentido.

— Eu me sinto tão abandonada, tão solitária, que não tenho ânimo para mais nada. Ainda alimentava um ódio por você, mas nem isso estou conseguindo mais. Quanta vontade eu sinto de estar aí, no lugar dessa pobre e infeliz mulher. Mas nem isso eu posso fazer.

— Por que não?

— Não tenho coragem de me mover daqui.

— Acaso está paralisada?

— Não sei, mas todas as vezes que tentei andar, minhas pernas não obedeceram aos meus desejos de locomoção.

— Talvez eu possa ajudá-la. Aceita que eu a ajude?

— Sim. Como eu gostaria de sair daqui! É um pesadelo o que está acontecendo comigo.

— Vou ajudá-la a sair daqui, Ângela. Depois vamos juntos refazer o seu passado. Juntos poderemos conseguir isto mais facilmente.

— Você não se incomoda de eu estar assim, mal arrumada, doente e velha?

— Eu não me incomodo com nada disso, Ângela. Olhe para mim e veja se estou melhor que você.

— Acho que somos dois espíritos sofridos, Simas de Almoeda.

— Eu sei que somos, Ângela. Mas nunca é tarde para recomeçar uma caminhada.

Neste instante, a outra mulher acordou.

— Dormiu bem, irmã?

— Sim. Já me sinto melhor senhor, muito obrigado pela sua ajuda.

— Venha conosco irmã, eu a ajudarei também. Talvez assim, ajudando a nós três ao mesmo tempo, Deus Pai me dê Seu amparo e torne as coisas mais fáceis.

— Mas eu não posso me levantar, senhor.

— Eu a ajudo, dê-me sua mão e verá que pode caminhar agora.

Ela se esforçou e conseguiu ficar em pé.

— Como é bom poder ficar em pé novamente. Minhas pernas doem um pouco.

Eu passei minhas mãos por suas pernas e ela se sentiu melhor. O que ela não viu, foi que eu transferi um pouco de luz a elas. Tive que fazer o mesmo com Ângela. Depois, lentamente, elas caminharam amparadas em mim. Quando chegamos à saída da caverna, o guardião do lugar falou:

— Já vai partir, amigo?

— Sim, e estou levando mais de uma comigo. Espero que não se incomode com isso.

— Pode levar quantas quiser, tenho outras em melhores condições que essas duas aí. Não mostrei a você onde mantenho presas as mais belas. Se um dia quiser alguma, venha até aqui e poderá escolhê-las à vontade



— Agradeço sua oferta, amigo. Talvez eu volte outro dia para buscar mais alguém.

— Meu filho disse que vai com você. Cuide bem dele para mim, amigo.

— Vou ajudá-lo da melhor forma que eu puder. O resto ele terá toda a eternidade para fazer.

## A CAMINHO DA LUZ

Partimos. O amigo cascavel ia atrás de nós. Às vezes adiantava-se um pouco, mas ficava nos esperando.

Eu podia volatizar-me e levá-los rapidamente até a crosta, mas queria que aquela subida ficasse bem marcada no mental delas, e seria melhor que vissem a diferença que havia entre o abismo das trevas da ignorância e a crosta, pois da crosta até a luz do saber havia outra distância semelhante, mas muito mais difícil de ser escalada.

De vez em quando parávamos para que descansassem. Numa dessas paradas, o cascavel adiantou-se um pouco e logo voltou agitando o seu guizo. Olhei para ele e compreendi o motivo: problemas.

Ordenei que ficasse tomando conta das mulheres e me adiantei um pouco. Logo vi o motivo. Havia um grupo de seres das trevas naquela ponto do caminho. Seria difícil passarmos por eles pacificamente. Ao me aproximar, fui cercado por eles.

— Veja só isto. Vai dar um ótimo escravo.

— Estão enganados amigos, não sou escravo de ninguém, a não ser de Deus, e Ele é o melhor amo que alguém pode ter.

— Como ousa falar este nome aqui, escravo das Trevas. Você será meu por bem ou por mal! — falou o que parecia o chefe ali.

— Afastem-se do caminho ou irão se arrepender.

Um deles puxou uma adaga da cintura e todos os outros o seguiram. Logo vi que o diálogo não iria ser possível com aqueles seres das Trevas.

Num piscar de olhos, tirei minha longa espada e levantei-a para golpeá-los. Dela brotava luz intensa, e ao menor toque, eles saíam gritando apavorados. Eu agarrei o chefe deles e segurei-o com força.

— Quem é escravo de quem aqui, amigo?

— Não me faça mal ser da Luz, eu não sabia quem era você.

— Estou com vontade de encostar o fio da espada em seu pescoço, amigo.

— Não faça isso, eu imploro.

— Então, chame os seus amigos até aqui. Depois vocês irão nos proteger até chegarmos à crosta.

Ele chamou a todos, mas ninguém apareceu. Todos haviam fugido.

— Deixe-me livre também, e nada sofrerá de nossa parte.

— Acha que vou confiar em você? Eu sei como vocês agem com os fracos e os tolos. Vamos, vou levá-lo conosco. Não tente fugir, senão eu o atraio para a ponta de minha espada.

Pouco depois, eu voltava acompanhado dele. As duas mulheres tornaram a caminhar, mas mais assustadas ainda. Quando vi que não havia mais perigo, mandei-o de volta ao abismo onde ele agia.

Já estávamos bem próximos à luz da lua, isto eu podia ver. Até o ar estava mais puro nesta altura de nossa caminhada. Pouco tempo

depois, estávamos em plena crosta. Quanto havia demorado a subida? Dois dias completos.

Pode parecer incrível, mas há tanta vida no interior da terra como no exterior. Dizem os mais sábios, que o centro da terra é habitado pelo ser mais infernal que existe. Como nunca fui e nem pretendo visitá-lo pessoalmente, somente a palavra dos mais sábios basta para mim.

— Sentem-se aqui e descansem um pouco. Depois veremos como fazer para encaminhá-las.

— Vai nos encaminhar para algum lugar, senhor?

— É o que pretendo fazer, irmã. Conheço alguns lugares muito bons para os que se dispõem a reiniciar sua caminhada rumo ao Pai Eterno.

— Simas, você prometeu nos ajudar pessoalmente. Como vai nos abandonar agora? Não conhecemos mais ninguém aqui na crosta.

— As pessoas que trabalham nestes lugares são muito bondosas, sabem como despertar o que há de melhor em cada um dos que ali chegam.

— O que você faz aqui na crosta, Simas?

— Procuro auxiliar a mim mesmo, ajudando a meus semelhantes. Só assim eu me sinto bem. Não consigo viver para mim. A vida aqui no mundo espiritual tem sentido apenas se nos desprendermos de todo o egoísmo e olharmos nossos semelhantes como elos da mesma corrente. A medida que elevamos um desses elos, toda a corrente é elevada.

Elas me observavam com atenção e absorviam minhas palavras uma a uma. Eu me empolgava quando começava a falar das belezas da vida elevada e dedicada ao auxílio a toda a humanidade. E depois comecei a falar das coisas divinas e sua importância para o nosso reajuste interno. Por fim, falei sobre nossas possibilidades e de como usá-las em nosso próprio benefício em todas as vezes que

auxiliamos nossos irmãos, tanto encarnados como no espírito. Se negros ou brancos ou amarelos ou vermelhos, pouco importava, porque todos eram filhos do mesmo Pai Eterno, e fonte de toda vida.

Tanto falei a elas, que nem percebi a alteração em minha forma plasmada e nem a quantidade de outros espíritos menos evoluídos que vieram ouvir minhas palavras.

Por fim falei sobre as sete formas do amor. Falei sobre o amor a Deus, e sobre o amor de Deus; falei também sobre o amor à criação divina, e falei muito mais sobre o amor ao pai, tanto carnal quanto espiritual. Falei também da minha fé no amor, assim como meu amor à fé. Falei também do amor do homem pela mulher, e o da mulher pelo homem. Falei sobre o amor do pai pelo filho, assim como do amor do filho pelo pai. Por fim, falei do amor como uma das formas mais belas e nobres de Deus manifestar-Se em nós, assim como falei do amor como uma forma de nos manifestarmos em Deus, pois é só pelo amor que Ele tem por nós que, apesar de errarmos sempre e a cada instante, Ele mantém Sua confiança e amor em nós. Por isso, nunca deveríamos perder nossa fé e amor n'Ele.

Parei de falar somente quando me emocionei muito por ver o pranto nos olhos de todas aquelas pessoas. Era o pranto dos que não haviam amado ou sido amados, dos que não souberam amar ou ser amados. Era o choro dos que não se deram bem no amor, e por isso choravam agora.

Eu também chorava ao Pai por todos eles. Meu choro tinha a força de uma prece. A prece do amor só é verdadeira quando se traduz em lágrimas sentidas, lágrimas estas que podem jorrar dos nossos olhos, mas na verdade nascem na fonte do amor, o nosso coração.

Calei-me e fechei os olhos. Meus pensamentos iam rumo ao Pai Eterno e eu pedia por aquelas almas que sofriam por causa das coisas do amor.

Não percebi que alguém havia se aproximado de nós. Ao abrir meus olhos, eu a vi. Sim era ela que estava pairando sobre uma nuvem azulada. Era a minha sereia encantada! Como estava bela a minha sereia. Se haviam sete formas de amor, ela era a própria essência do amor. E ainda estava acompanhada do gênio guardião do símbolo do coração, a guardiã do amor.

Elas não falaram nada, mas eu li em seus olhares algumas palavras que se traduzidas diriam: "Nós o amamos pelo amor que tens no amor, nosso pescador."

Eu nada respondi. O pranto que caía dos meus olhos nascia em meu coração. Era fruto do meu amor por elas.

Entendam bem qual o tipo de amor que eu sentia por elas: era o amor às coisas divinas e eu sabia que elas eram uma das muitas formas do Divino Criador manifestar-Se a nós, criações Suas e filhos amados.

— Olhe à sua volta e veja a quantos colheu hoje quando lançaste a rede do amor, Pescador.

Eu olhei e fiquei admirado com a quantidade de almas carentes de amor que haviam à minha volta.

— Por que estão aqui tantas almas sereia encantada?

— São aqueles que até agora nada tinham ouvido ou não sabiam o que era o amor. Você despertou em todos eles o amor, quando falou nas coisas do amor. Olhe seus corações e veja como estão iluminados. Ainda não se livraram dos erros e dívidas do passado, mas já conhecem as coisas do amor. E quem conhece as coisas do amor, consegue harmonizar-se com todas as outras coisas.

— O que posso fazer por eles agora?

— Você já fez o que nós queríamos. Despertou neles o amor ao amor. O resto, nós faremos apenas pelo amor que você tem pelas coisas do amor, Pescador. Diga a todos que serão levados para um lugar onde recomeçarão a caminhada rumo ao Criador.

Eu abaixei meus olhos em direção a eles e falei:

— Vocês todos serão levados a um lugar onde poderão reiniciar a caminhada sob o símbolo do amor. Que Deus pai os abençoe a todos!

Ângela aproximou-se de mim e falou:

— Simas, eu não posso vê-lo porque você não tem uma forma visível. Sinto ainda estar tão atrasada em relação a você. Sinto também ter me afastado tanto de você por causa dos meus erros, mas o que mais sinto é não poder ter sido uma vez ao menos abraçada ou beijada por você, pois eu sempre soube que só você poderia me fazer conhecer o verdadeiro amor.

A Ângela que eu viaja não era uma velha doente, mas sim uma mulher madura que possuía uma beleza rara. Havia se libertado do sofrimento das Trevas e se refazia a cada instante. Aproximei-me dela e a abracei carinhosamente. Depois beijei-a como faria um amante apaixonado. Quando me afastei um pouco, ela era novamente a jovem bela e alegre que eu um dia conheci.

— Olhe-se Ângela, e verá o que pode fazer o verdadeiro amor.

Ela olhou-se, e ao ver que era novamente uma mocinha perguntou:

— Como isto é possível?

— São coisas do amor, Ângela. Um espírito que ama e é amado não envelhece nunca, e se é velho, rejuvenesce.

— Está me dizendo que me ama também?

— Sim, eu a amo. E como eu a amo! Perdoe-me por tê-la feito sofrer apenas porque me amava?

— Eu o amava e ainda o amo, Simas. Jamais deixarei de amá-lo. Saberei como me refazer do passado para poder me aproximar de você novamente.

— Então, você me perdoa?

— Eu o perdôo. Agora sei que, se mal me causou, foi por amor. Ainda que tenha sido por outra mulher, mesmo assim, foi por amor. Ainda dei-lhe mais um beijo e depois uma luz azulada os envolveu a todos e começaram a ser levados dali. Eu olhei para a sereia encantada e vi que ela olhava para mim. De seus olhos caíram duas lágrimas brilhantes. Caíram lentamente, e vi como ela, através do olhar, mandava que eu as apanhasse no ar. Estendi as mãos espalmadas e elas caíram sobre minhas mãos. Ao olhá-las, eu vi numa, uma estrela do mar, e na outra, um coração. Olhei para ela e vi que sorria para mim. Com o olhar, indaguei o porquê daqueles presentes tão lindos. Ela me respondeu com sua voz encantada. Dizia para mim na forma da mais bela das canções: "São coisas do amor, meu amado pescador!"

Lentamente, ela foi se afastando no firmamento, mas sua canção permaneceu por muito tempo no ar. Eu chorava ao ouvir a canção que entoava. Como são belas as coisas do amor!

Eu não conseguia parar de chorar e quanto mais chorava, mais bela a canção se tornava. Sabia que a sereia encantada era a soma de todo o meu amor. Por isto eu chorava. Sabia que podia encontrar o amor no branco ou no negro, no amarelo ou no vermelho. Podia encontrá-lo no idoso ou na criança, no homem ou na mulher. Podia encontrá-lo também na terra, no ar, no fogo e na água. Podia encontrá-lo em abundância na Luz, ou em falta nas Trevas, mas sabia que, no fundo, todos queriam apenas conhecer as coisas do amor.

Por isto eu chorava, e continuaria a chorar até me esgotar todo em lágrimas, se uma luz intensa e tão forte que eu não podia fixá-la com os olhos, não surgisse à minha frente e me perguntasse

— Por que chora, filho meu?

Eu choro as coisas do amor, meu senhor. Então abençoado é o seu pranto, pois benditos são os que choram por amor.

Quem é o senhor, oh ser bendito?

Você não sabe quem sou eu, meu pescador?

Perdoe-me por ter perguntado, mas foi por um impulso que indaguei isto, meu senhor.

O que fará agora que elevou das Trevas a oitava parte do seu amor?

Andar por este mundo seu, pregando sempre uma das formas do amor, meu senhor.

Cuidado que um dia poderá ser provado no mais difícil teste a que submeto os meus servidores.

Então, nesse dia eu serei digno da fonte de todo o meu amor.

— Pois

pare de chorar. A Estrela da Guia quer o seu cavaleiro correndo o campo e enxugando as lágrimas dos que padecem nas trevas da ignorância. Muitos são os que esperam sua chegada, meu cavaleiro, e não quero vê-lo esvair-se em lágrimas pelas coisas do amor, quando muitos choram por não conhecê-las.

Sim, meu senhor. Eu contarei meu pranto e enxugarei as lágrimas dos que choram. Depois falarei a eles que erraram porque não conheciam como são belas as coisas do vosso infinito amor. Sim! Como é belo o amor do nosso senhor.

## O REENCONTRO COM A SEREIA ENCANTADA

A noite se me apresentava radiante. Eu havia reencontrado meu ancestral místico na forma da fonte de todo o amor. Amor à criação,



ao universo, às coisas divinas. aos nossos semelhantes, e o melhor dos amores, o amor à vida. Sim, só vive quem ama, e só ama quem vive.

Eu amava, por isso me sentia vivo. Como eu vibrava vida! Dos meus poros perispirituais, nasciam incontáveis raios luminosos. Eu me sentia como que elevado à plenitude divina. Afinal, eu fora conduzido até meu ancestral místico unicamente pelas coisas do amor. E só quem tem um contato por mais breve que seja, com seu ancestral místico, pode dizer qual é a sensação que se sente.

Sim, semente quem o encontra sabe que nada o comparável e que não é possível descrever tal momento- Se pudesse, tentaria dar ao menos uma idéia aproximada do seja, mas não o uso tal coisa porque poderia não encontrar palavras adequadas e fazer uma descrição incompleta, que não corresponderia ao que realmente sentimos quando somos conduzidos perante nosso ancestral místico.

Para um religioso de qualquer crença, esse encontra como a visão concreta da divindade concebida, isto é materializado do seu ideal de um Deus, completa abrasador.

Más para um espírito como eu, que tive a felicidade de conhecer os mistérios maiores durante minha inicial

junto aos mestres do Grande Oriente Luminoso, e que pude regredir até onde é permitido a um mental humano e descobrir que sempre fui guiado pelo ancestral místico da luz do saber, isto era maravilhoso.

Sim, para mim tudo era visto através dos mistérios da criação, e não aceitaria se fosse de outra forma. Eu já me purificara das coisas misteriosas que nada ensinam ou explicam, e que, muito pelo contrário, apenas confundem o ser humano.

Eu sabia que meu ancestral místico era o ápice de minha caminhada.

Eu, que passara a última encarnação só absorvendo os mistérios da criação, quando me vi no mundo maior, percebi que ainda sabia muito pouco. Agora, depois de estudar durante vinte anos em um templo do saber divino e viver outros sete movido apenas pelas coisas do amor, encontrava meu ancestral místico da forma mais incrível, sim até nisto somos privilegiados.

Quando esgotamos uma via, o nosso Criador se mostra a nós na forma do nosso ancestral místico, e então somos direcionados em nova senda luminosa. Se fosse de outra forma, eu não aceitaria ou não me sentiria plenamente satisfeito. Até isto meu ancestral permitia! Mostrava-se a mim e logo eu me via envolvido por inteiro em uma nova caminhada.

Sim, eu sabia que iria mergulhar por inteiro nas Trevas, porque os que sofrem e padecem vivem nas Trevas. E suas palavras foram claras: eu iria espalhar entre os carentes do amor um pouco desse sentimento. Eu já estava sendo conduzido pela Estrela da Guia desde meu encontro com a sereia encantada em uma vila de pescadores perdida no mediterrâneo.

Sim, agora eu sabia disso!

A estrela que a sereia me dera era o símbolo do meu ancestral místico, a Estrela da Guia. Sem que eu soubesse, os escravos iniciados já haviam me nomeado pelo meu ancestral místico, a luz do saber das coisas divinas. E a Estrela da Guia simboliza este ancestral místico.

Olhei em meu peito e vi a estrela de cinco pontas impressa em relevo sobre ele. Estava destacada, e sua luz era uma mistura do dourado e do azul. Eu já estava a serviço do símbolo da estrela de cinco pontas a muito tempo e não sabia!

De fato, os negros feitos escravos pelos brancos, não eram seres carentes da liberdade? Não viviam sem amparo algum da lei dos homens? Os homens não podiam escolher suas esposas, e só podiam amar àquelas que, como eles, não podiam escolher seus

companheiros. Sim, entre eles o amor havia sido suprimido pela servidão.

E quanto aos índios? Eu vira suas mulheres mais bonitas serem tomadas pela força ou pela esperteza dos brancos. Elas os amavam e depois eram brutalizadas por eles. Quanto aos brancos, eram movidos apenas pelo desejo, nada mais. Muito raramente um branco tomava uma índia como esposa e a honrava como tal.

Havia um espaço enorme de pessoas carentes de amor, e era nele que eu iria servir ao Senhor da Estrela da Guia, meu ancestral místico.

Havia muitos espíritos lançados ao desespero pela ausência do amor. E amor pelos meus semelhantes era o que eu mais possuía. Isto eu sabia que tinha de sobra.

Sabia também que não seria uma tarefa fácil convencer alguém que estivesse magoado nos seus sentimentos mais íntimos a acreditar novamente na força do amor. Observem que falo no amor, não no desejo ou na paixão. Desejo e paixão são coisas totalmente diferentes do amor.

Um homem pode desejar uma mulher e vice versa, mas não amá-la. Após saciar o desejo, não têm mais atrativos um para o outro. Já o amor independe do desejo ou da paixão. Amar é gostar de estar próximo a alguém, é auxiliá-lo nos momentos difíceis. Há uma grande diferença entre amor e desejo. Só os tolos não entendem estas coisas. E como há tolos!

Eu não era e nem sou um sábio, mas sabia das coisas do amor. Sim, isto eu sabia! E iria usar o meu saber em benefício dos que haviam perdido a esperança no amor, tanto a Deus como a toda a sua criação. Afinal, quem ama não comporta em seu coração o ódio. E se não há lugar para o ódio, já nos colocamos em harmonia com os símbolos sagrados. Esta é a condição primeira para alguém reiniciar sua ascensão rumo à Luz Divina, onde, quem traz no coração um resquício de ódio, não consegue habitar.

Isto tudo eu sabia, porque conhecia muito bem as coisas do amor. E só quem conhece os mistérios do amor pode saber como sofrem aqueles que não o possuem, ou que tiveram seu amor secado na fonte.

Eu estava recostado a uma palmeira e divagava sobre tudo isso e não me apercebi da aproximação de um espírito feminino.

Olhava o firmamento e procurava descobrir como penetrar em seus mistérios. Sim, a beleza do universo só podia ser resultado do amor de Deus para com toda Sua criação. A harmonia do universo pode ser comparada à do amor: corpos que brilham no infinito querendo nos dizer: "Eu estou distante, mas envio a você, terra, minha luz como sinal de que; como você, eu também existo e pulso incessantemente".

Fui tirado do meu devaneio por uma voz meiga e carinhosa:

— Simas, você vai acabar nos deixando muito rapidamente, se continuar com estes pensamentos tão elevados.

Virei-me para ela assustado.

— Mamãe, a senhora me assustou!

— Não queria assustá-lo, filho. Estou aqui há muito tempo, e como vi que estava envolto pelas divagações do seu coração, não o interrompi antes, mas já está tarde e alguém nos espera.

— Quem está a nossa espera, mamãe?

— Venha comigo e saberá!

— Bem! Vou ter que deixar para outra hora meus devaneios. Espero que seja alguém interessante.

— Só você indo até lá para" sabê-lo. Não vou contar para não estragar a surpresa.

— A senhora está muito misteriosa hoje. Por que isso?

— Coisas de mãe que ama seu filho!

— Hum, muito misteriosa mesmo! Estou ficando curioso com todo esse mistério.

- Vamos então!?

— Antes deixe-me olhá-la bem, mamãe. Parece-me mais bela que nunca. A cada dia que a vejo, noto que está mais radiante.

— Bondade sua, filho. Continuo a mesma de sempre.

— Então, eu é quem estou vendo-a diferente a cada encontro.

— É sinal de que está se modificando muito rapidamente, filho. Fico feliz por você, Simas.

— Eu fico mais feliz cada vez que penso em como seria bom se todas as mães fossem como a senhora.

— O que eu tenho de especial ou diferente das outras mães?

— Amor. É isto que a senhora tem a mais que as outras. Seu olhar transmite o amor que possui no coração, isto a torna uma mãe especial. Poucas conseguem transmitir amor através do olhar. Somente as que o tem em grande quantidade, o conseguem. Creio até que, se olhar para a mais bela das flores, conseguirá torná-la mais linda ainda.

— Hoje você está muito romântico, Simas. Penso que se surgisse agora a mais gélida das mulheres, você a transformaria em uma donzela apaixonada em poucos minutos.

— Pois eu acho que a senhora já está exagerando um pouco. Eu só amo a Deus e toda a Sua criação, nada mais.

— Só isso? E o que mais há para se amar Simas?

— É, acho que eu é que estou me excedendo um pouco hoje, vamos?

— Sim, já devem pensar que não o encontrei, ou que nos perdemos.

Logo adentrávamos na cidadela em que viviam meus pais. O lugar era lindo, sua beleza provinha de seus habitantes, e não o contrário. A vibração dos espíritos que moravam ali, emprestavam ao lugar uma aura de beleza indescritível.

Ao entrarmos na casa de meus pais, fiquei deveras surpreso com a visita que me aguardava. Após um longo abraço em meu pai, me dirigi a ela.

— Como vai, doutora?

— Muito bem, vejo que se esqueceu de mim, não?

— Tem razão, doutora. Desculpe-me por não ter voltado até o hospital para agradecer o grande auxílio que me prestaram. Sou um ex-paciente mal agradecido.

— Já estou acostumada, Simas. São tantos que passam por lá e tão poucos os que voltam para visitar, que não ligo mais para isto.

— Pois saiba que eu jamais a esqueci, doutora. De vez em quando lembro da senhora em minhas preces a Deus. Não fui visitá-la por não ter tido tempo, após me recuperar por completo de minhas tristezas.

— Por isso mesmo eu tomei a iniciativa. Espero não incomodá-lo com minha visita.

— Fico feliz por sua visita doutora, mas não moro aqui.

— Onde está vivendo agora, Simas?

— Deveria estar no templo dourado do mestre Han, mas nem lá estou mais. Creio que não posso dizer onde vivo.

— É um andarilho, então?

— Mais ou menos. Até agora só estive me encontrando nas pessoas.

— Não acha que está na hora de muitos se encontrarem em você?

— Sim, mas ainda não sei onde me fixar. Vou falar com mestre Han, ele saberá me indicar um caminho. Penso que ele já tem a resposta pronta, apenas está esperando meu regresso para me dizer.

— Gosta muito do seu mestre, não Simas? — era minha mãe quem perguntava.

— Sim mamãe. Devo o meu despertar para a vida a ele. Mestre Han tem uma qualidade que sempre me cativou: não diz o que devemos fazer diretamente, mas nos induz aos nossos objetivos; depois nos acompanha mentalmente.

— E se ele convidá-lo a ficar no templo dourado, como vai fazer? — agora era meu pai quem me inquiria.

— Ele não fará isso, papai. Creio que ele me conhece melhor que eu próprio, e sabe que não sirvo para ficar preso a um templo. Não que isto seja ruim ou difícil, mas minha natureza é como o ar: se ficar preso, se torna irrespirável.

— Mas você terá que se decidir de agora em diante. Não pode ficar na dependência dos outros. Seu destino deve ser escolhido e trilhado por você mesmo.

— Sei disso, papai. Mas antes vou ter com mestre Han. Assim me sentirei à vontade para escolher e trilhar meu destino.

A doutora ouvia tudo atentamente, sem nada dizer.

— Bem filho, quando se decidir, avise-me. Farei o que puder para ajudá-lo.

— Obrigado, papai. Não dispensarei seu auxílio, sei o quanto se sentirá feliz quando souber que finalmente escolhi a minha senda.

— Não é isso, filho. Eu sei do seu potencial e você já o demonstrou no templo dourado. Sabe tanto quanto eu que pode fazer muito pelos seus semelhantes, tanto aos encarnados quanto aos do mundo maior.

— Logo o senhor saberá meu rumo, e ficará feliz.

— Acaso tem algo em mente, Simas? — perguntou a doutora.

— Sim doutora, eu tenho algo a realizar, isto eu sei, que deixará alguém muito feliz.

— Quem é este alguém, Simas? — redarguiu a doutora.

— Uma servidora da guardiã dos mistérios do mar. Talvez quando eu tiver realizado o que me ordenou o meu ancestral místico, possamos ficar juntos novamente. Somente quando chegar este tempo, eu deixarei de me sentir sem um lugar fixo para morar.

— Então, não é um homem tão solitário como eu imaginava.

Eu fechei os olhos e procurei ver o rosto meigo de Sarah à distância, por isso não vi como a doutora reagiu às minhas palavras, o que não ocorreu a minha mãe que, dissimulada, observava a tudo. Se eu tivesse reparado nela, teria visto a tristeza tomar conta do seu rosto e ofuscar levemente o brilho dos seus olhos, agora turvados com lágrimas que teimavam em brotar, apesar do esforço em contrário que ela fazia.

Minha mãe interveio rápido e convidou-a para ver algo em outra dependência da casa. A doutora aceitou de pronto e ambas saíram rapidamente, deixando-me a sós com meu pai. Só então eu abri os olhos. Também deles, lágrimas teimavam em brotar.

— Onde foram elas, papai?

— Você não ouviu sua mãe convidá-la para ir ao quarto ver algumas de suas criações?

— Não, meu pensamento estava vagando por um lugar muito distante. Tentei localizar Sarah, mas não consegui. Sabe onde ela está?

— Só o Cavaleiro do Mar o sabe. Ela o está auxiliando desde seu último encontro.

— Talvez eu vá procurá-la quando me decidir sobre como realizar minha tarefa.

— É, faça isto, ela ficará muito feliz por você.

— É, penso que sim.

— Filho, você sabe quem é esta doutora?

— Sim papai, já havia localizado ela durante minha regressão com mestre Han. Foi por isto que eu não a procurei. Também foi por isso



que eu procurei me afastar rapidamente do hospital em que ela trabalha. Eu via um brilho diferente em seus olhos quando conversávamos durante o tempo em que fiquei ali. Era o mesmo brilho que eu vi em Soraya, e que também me fez fugir.

— Foi por isso que mencionou Sarah há pouco?

— Sim, quero que ela saiba que tenho algo a fazer, senão irá deixar que ilusões tomem seu mental e venham a atrapalhá-la em seu trabalho tão meritório junto aos enfermos do hospital.

— Acho que não foi muito delicado com ela, filho.

— Sei disso papai, mas foi a única forma que encontrei após ver que era ela quem me visitava. Por que mamãe não me disse quem estava aqui?

— Ela não quis interferir em suas decisões quanto ao futuro.

— Mas agora eu vou ter que me envolver com a doutora também, e eu não queria que isto viesse a acontecer. Ela me pareceu muito equilibrada quando estive no hospital. Quando eu descobri quem havíamos sido no passado, resolvi não interferir mais em sua vida. Já chega o mal que causei a ela no passado.

— Acha que ela o esquecerá caso não se falem de agora em diante?

— Isto não posso dizer, mas o tempo mostrará se estou certo ou errado.

— Você deve saber de uma coisa, filho. Lembra-se de quantos anos viveu na última encarnação?

— Como poderia esquecer? Foram anos longos e difíceis, jamais os esquecerei.

— Pois saiba que a doutora o acompanhou desde o seu reencarne, até seu desencarne.

Eu fiquei estupefato com suas palavras. Não consegui pronunciar uma sílaba ao menos.

Meu pai, vendo meu espanto, continuou:

— Ela velou por você desde os primeiros instantes de vida na carne. Viu-o crescer, sofrer, amar e morrer. Quando você orava pelos doentes, ela era uma entre os muitos irmãos que acorriam para tentar curá-los, e assim tornar em bálsamo curador as suas preces endereçadas ao Criador Misericordioso. Ela sorriu com suas alegrias e chorou com suas tristezas. Vibrou com suas vitórias e sofreu com suas derrotas. A tudo ela assistiu, sem poder dizer-lhe que estava ao seu lado, tanto na alegria quanto na tristeza. Quando de sua passagem, ela o acolheu no hospital em que trabalhava. Tudo o que ela fez, foi por amor, amor a Deus e toda a Sua criação. Fez por você o que já fez por muitas outras pessoas, mas no seu caso foi especial, porque ela o acompanha há muitos milênios.

— Mas, por que ela não me disse nada durante minha estadia no hospital?

— Ela sabia do seu estado mental e emocional. Por uma questão de princípios, ela se manteve à parte todos esses anos à espera do seu reequilíbrio completo. Quando soube que você havia se harmonizado com seu passado, animou-se em procurá-lo.

— Por que o senhor não me contou isto antes?

— Assim como ela não o fez, eu não me achei no direito de fazê-lo. Existem certas coisas em que é melhor não interferir para não se alterar o destino dos espíritos. Quando velamos por alguém no corpo carnal, procuramos fazer o possível para não deixá-lo desviar-se do seu caminho, mas na espiritualidade precisamos agir com muita cautela, porque senão poderemos desviar um semelhante de sua evolução natural.

— Mas isto é algo que deveriam ter-me informado. Muito estranho o senhor nunca ter me falado nada.

— Ela me obrigou a nunca tocar no assunto com você.

—Muito nobre da parte dela, mas isto não minorou sua tristeza e nem acabou com sua solidão. E não é preciso ser muito observador para ver que ela é solitária.

— Sim, isto sem dúvida. Ela se distrai auxiliando aos semelhantes incansavelmente. Aqueles que receberam algum tipo de auxílio dela já se contam aos milhares.

— E por que ela não ascendeu a esferas superiores?

— Preciso responder?

— Não, eu não sou um tolo que desconhece as coisas do amor. Mas acredito que não mereço tanta abnegação por parte de alguém.

— Só o passado pode explicar certas coisas, não?

— Sim, o senhor tem razão. Vou procurar no passado tudo o que me liga a ela. Somente assim poderei entender sua natureza e tamanha afeição.

— Será só afeição?

— Ainda não sei ao certo, mas logo saberei.

Eu fiquei em silêncio após dizer esta frase, meu pai também calou-se. Nada mais havia a ser dito.

Sem que me desse conta, mergulhei no passado e meu mental ia acompanhando todas as encarnações da doutora. Vi que já havíamos convivido por milênios incontáveis. Em todas as encarnações, sempre havia algum tipo de envolvimento recíproco.

Ora eu na carne e ela em espírito, ora vice-versa, e o amparo era mútuo. Cada um procurava auxiliar o outro da melhor maneira possível. Desta vez era eu que estava atrasado, e atrasando-a em sua evolução.

Eu continuava vagando através do passado, quando fui despertado pela voz de minha mãe que me chamava. Despertei do transe ainda atordoado pelo que havia descoberto em relação à doutora.

Levantei e olhei para minha mãe. Seu olhar dizia tudo o que eu precisava saber. Eu devia ter prestado mais atenção quando ela me disse que eu estava muito romântico e poderia transformar a mais gélida mulher numa donzela apaixonada.

Olhei pensativo para um objeto que enfeitava a parede da sala. Como dizer algo neste momento em que eu descobria o quanto devia à doutora?

Voltei meus olhos para seu rosto e ao vê-la, um nó travou minha voz no peito. Não conseguia dizer uma palavra ao menos.

Em que situação difícil eu me encontrava. Fiquei olhando para ela por um longo tempo, sem nada dizer. Meus olhos falavam por mim. Sim, eu podia ter muitos defeitos, mas ingratidão não fazia parte deles.

Como agradecer a alguém como ela? Alguém que dedica tanto tempo a nos guiar quando na carne, merece gratidão intraduzível por palavras. Ainda mais se esse alguém nos acompanha a milênios e se recusa a ir para esferas mais elevadas somente pelo amor e carinho que nos dedica. Sim, como era difícil dizer-lhe apenas: Obrigado!

Dos meus olhos, lágrimas quentes corriam. Lágrimas de ternura, carinho e agradecimento. Por sua vez, também ela nada dizia. Que momento mais difícil de ser vivido por alguém!

Eu nada dizia, agora que descobrira o meu anjo da guarda. E ela já se calara há tanto tempo, que não sabia como iniciar uma conversa que não versasse sobre o seu trabalho socorrista.

Há tempo para tudo, e este era o tempo do silêncio. Eu tentava organizar os pensamentos que me vinham à mente, mas não conseguia coordená-los, enquanto ela ficava ali, estática, à espera de uma palavra de minha parte.

Meu pai foi muito sutil ao convidar minha mãe a acompanhá-lo até a casa de amigos.

Nós os ouvíamos, mas nossos olhares não se desligavam por um instante sequer. Quanto mais temos a dizer, menos conseguimos fazê-lo em certas situações. Esta, sem dúvida, era uma delas!

Após um longo tempo, quando consegui controlar um pouco meu emocional, gaguejei uma palavra de gratidão.

— Obrigado!

E caminhei lentamente para junto dela. Quando estávamos frente a frente, ela não conteve mais o seu pranto de solidão, e chorou sentido.

Sim, como são difíceis certos momentos de nossa existência!

— Por que se demora por minha causa? — tornei a dizer o que vinha à minha mente de maneira desordenada.

Ela me olhou novamente e nada disse. Nem que quisesse, ela o conseguiria, tão forte era seu pranto. Tomei a iniciativa que me pareceu a mais correta. Envolvi-a num abraço carinhoso. Salete recostou seu rosto em mim e continuou com seu pranto.

Salete era e é até hoje seu nome, pois ela não reencarnou até o dia que escrevo estas linhas. Ela está livre do carma reencarnatório há muito tempo. Talvez um dia eu volte a reencontrá-la, quem sabe? Quem sabe ela continue a velar por mim lá do jardim celestial onde vive, nas alturas! Sim, quem sabe!?

Mas, voltando àqueles momentos em que eu descobria o meu anjo da guarda, eu ouvia o seu pranto, que se misturava ao meu.

Talvez seja difícil, quando estamos envolvidos na pele do cordeiro, saber sobre todas as coisas do amor. Por isso não é fácil traduzir em palavras o sentido mais correto para explicar o tipo de amor que um espírito pode sentir por outro no momento em que se reencontram, ambos plenamente conscientes de todos os milênios vividos em harmonia, sem nunca verem os laços que os unem maculados ou diminuídos, laços estes que só as coisas do amor sabem dar. Não é o amor da forma como é vivido ou sentido aqui na terra. Talvez o

amor chamado de platônico esteja mais próximo de traduzir para o plano terrestre o sentimento experimentado, mas ainda assim não diz tudo sobre este tipo de amor.

Neste tipo de amor, não há troca de energias, apenas de sentimentos, que provêm da parte oculta do nosso mental. São afeições comuns acumuladas em muitas encarnações, por milênios incontáveis. Uma vez como pai, outra como filho, ainda outra como irmão, ou várias como companheiros de jornada.

Sim! Havíamos sido tudo isso por várias encarnações, e em nenhuma eu havia visto o menor sinal de desarmonia ou incompatibilidade. Tal sentimento é intraduzível, pois é o maior mistério das coisas do amor. Esta frase, numa língua que desconhecemos, diz tudo: "Inemore, inemore anechi lacifer meciméri", ou "Num jardim, num jardim celestial, alguém semeia preces de amor e ora por mim".

Salete é este espírito bondoso e puro que sempre semeara o amor por mim. Era ela, a minha sereia encantada. Foi ela quem veio em meu socorro quando sofri uma grande queda em minha última encarnação. E como eu ficara encantado pela sereia, sabia que ela não me era estranha. Sabia que nutria por ela um sentimento que não encontro palavras para descrevê-lo, de tão elevado que é.

Tudo que eu sentia era novo em relação ao amor. Um longo tempo depois, já não havia mais lágrimas, mas o silêncio ainda era total. Quando vi que Salete já estava novamente com seu emocional sob controle, levantei seu rosto com delicadeza. Ela fitou-me por um instante, e depois tornou a recostar sua cabeça em meu peito. Como nada falou, resolvi convidá-la para um passeio, que sabia, iria agradá-la.

— Salete, minha querida, vamos até aquela praia onde eu vi minha sereia encantada?

— Também sente saudades daqueles dias, Pescador?

— Só dos momentos em que eu ficava a admirá-la em toda sua formosura e sabedoria.

— Agora já não sou tão sábia para poder ensiná-lo, Pescador, nem tão bela quanto Sarah ou Raios de Lua, seus dois últimos grandes amores.

— Ainda que passe toda a eternidade, jamais poderei dizer que meu saber igualou-se ao seu. Você está milhares de anos à minha frente, e quanto à beleza, encantou-me de tal maneira que conseguiu me tirar do abatimento em que eu me encontrava. Seu encanto é sua beleza, e sua beleza é seu encanto, Salete.

— Sabe o por quê de não conseguir deixá-lo para traz?

— Não, mas gostaria de saber.

— Apesar de vê-lo sempre envolvido em dificuldades às vezes intransponíveis, só você sabe dizer as palavras que fazem com que eu sinta que sou mulher, não importando o quanto eu esteja desligada do mundo material.

Sem que ela percebesse, levei-a até a praia onde eu a havia encontrado num momento muito difícil.

— Podem passar mil séculos e você não muda, não é mesmo Pescador?

— Por que diz isso, Salete?

— Não consegue ficar entre quatro paredes quando é tocado pelo amor. Percebi que voltamos à sua praia encantada!

— Eu não queria despertá-la de seu devaneio, foi um descuido de minha parte. Devia tê-la envolvido melhor, sereia encantada.

— Saiba que você jamais poderá encantar uma sereia, ou enganá-la por muito tempo. Ainda que pense estar conduzindo, na verdade estará sendo conduzido por ela.

— Ao menos eu acertei no seu desejo. Está feliz por rever o lugar onde o Criador me permitiu vê-la?

— Sim, esta é uma das suas qualidades: sempre descobre o que todas nós desejamos, não?

— Se eu não soubesse disso, não seria merecedor de sua afeição.

— Não diga afeição!

— Como devo dizer então?

— Diga: do meu amor. Assim saberei o que sou querida de verdade.

— Pois eu agradeço ao Criador por ser merecedor do seu amor, Salete. Agora eu sei quem faz com que este sentimento tão necessário a um ser humano, nunca morra em mim. Você é minha fonte encantada do amor. Sempre que meu ser estiver se ressentindo das coisas do amor, lá estará minha fonte a jorrá-lo incessantemente. Como posso retribuir tanto amor?

— Dedicando um pouco do seu amor a mim, Pescador. É só não se esquecer que eu também existo, e já me sentirei a mais feliz entre todas as mulheres!

— Algum tempo atrás, minha mãe disse algo que, creio eu, seria melhor se fosse dito a você, querida Salete.

— Posso saber o que ela disse? — Salete tinha um leve e encantador sorriso nos lábios, quando perguntou isto.

— Que seu sorriso encantado derreteria o mais frio coração.

— Não foi isto que ela falou!

— Como sabe?

— Ela me contou tudo quando nos retiramos da sala deixando-o a sós com seu pai.

— Hum!! Então continuo sendo conduzido por minha sereia?

— Sim, pescador de corações.

— Sou mais um pescador fisgado pelos encantos de uma sereia encantada!



— Saiba que eu imaginava este momento tal como ele agora está se passando, Pescador!

— Não será um sonho comum a nós dois?

— Se for apenas uma criação mental de nossa parte, não vamos deixá-la se desfazer facilmente.

— Então, que ela dure por toda a eternidade, está bem assim?

— Só tão pouco tempo, Pescador?

— Se eu descobrir algo mais duradouro que a eternidade, então estenderemos um pouco mais, certo?

— Assim está melhor, Simas.

— Por que mudou sua maneira de me chamar?

— Fui eu quem intuiu este nome à sua mãe quando do seu renascimento na carne.

— Tem algum significado especial?

— Sim. Eu gosto dele!

— Se você gosta, que assim eu seja chamado.

— Nunca vai contra meus gostos, não?

— Nunca! Tudo que agradá-la, a mim encanta.

— Como acha que eu poderia deixar alguém como você para traz? Onde eu encontraria outro igual?

— Não sei, mas existem muitos iguais a mim neste mundo abençoado por Deus.

— Saiba que eu procurei, mas em lugar algum encontrei. Nem acima, nem abaixo existe alguém igual a você.

— Começarei a sofrer de um mistério das Trevas, se continuar a falar assim de mim.

— Que mistério?

— O da vaidade.

Salete deu o mais encantador sorriso que eu já apreciara, e falou:

— Você, vaidoso? Saiba que a falta de vaidade é uma das coisas que mais admiro em você, Simas. Ainda que fosse o mais belo dos homens, não se orgulharia disso. Nem que fosse o mais rico, teria um leve ranço de vaidade.

— Vejo que me conhece melhor do que eu mesmo!

— Sim, isso posso afirmar com plena certeza. Eu o conheço muito bem!

— E eu que me recordo de tão pouco sobre você. Como gostaria de conhecê-la melhor, Salete querida. Como gostaria de não estar tão atrasado em relação a você.

— Por que se acha tão atrasado, Simas?

— Milênios nos separam, Salete

— Pois saiba que está inteiramente enganado. Se ainda volta à carne, é por amor e abnegação para com o semelhante.

— Mas isso é um motivo para eu ir me distanciando cada vez mais de você. A distância mede-se por milênios.

— É bom ter alguém que me segure um pouco.

— Sinto-me culpado por retê-la na crosta.

— Acaso está me pedindo para deixá-lo?

— Não foi isso que eu quis dizer, e você bem o sabe.

— Então, está me dizendo que devo ascender a outros planos e, deixando-o para traz, que me sinta um espírito incompleto, é isto?

— Também não!

— Ou será que pede para que eu abdique para sempre de sua companhia, ainda que sejam momentos fugazes, e não o procure mais?

— Não!

— Quem sabe queira sentir-se um pouco solitário e já não queira ser amado por tantos corações?

— Também não é isto.

— Talvez ache um problema ter vários outros corações pulsando mais forte quando próximos de você, corações que se recusam a pulsar na sua ausência, e queira que eu alivie um pouco esta carga tão gostosa de se carregar.

— Também não é isso, Salete! — exclamei com veemência.

— Então o que é, Simas?

— Quero que nunca se esqueça de mim, estejamos separados por planos, milênios ou seja o que for que surgir em nossa caminhada rumo ao Criador.

— Isso eu nunca farei, porque longe de você sou um ser solitário. E o que mais você quer?

— Que me permita conhecê-la um pouco mais, antes que venhamos a nos separar novamente.

— Pois saiba que, neste momento, ouvindo-o falar desta maneira, sinto-me como se fosse um livro cheio de mistérios.

— E como posso penetrar nos mistérios de tão lindo e misterioso livro?

— Abra-o e vá folheando suas páginas. Em cada uma descobrirá um encanto diferente, ser encantador!

Eu nada mais disse ou perguntei. Lentamente, fui desvendando os mistérios e encantos de Salete, minha sereia encantada.

Tudo tem seu tempo. Se um dia eu chorei a ausência de 'minha sereia, agora eu a tinha a meu lado, e juntos contemplávamos o vai-e-vem incessante das ondas do mar. Se houve um tempo para a luta, este era o tempo do amor.

E Salete era o livro dos encantos do amor, ou se preferirem, o livro do amor encantado, que eu lia naquele momento. Cada página que eu lia em Salete, era um canto ao amor, um poema à vida e uma louvação ao Criador.

Quanto mais eu folheava o livro vivo do amor à minha frente, mais eu me encantava com Salete, a minha sereia encantada, fonte do meu amor.

Por muito tempo eu penetrei nos mistérios que nos uniam com laços de ternura e amor, alegria e vida, fé e perseverança, e com uma afinidade espiritual que nos sustentava desde nossa origem como iniciados a serviço do Divino Mestre.

Se maiores encantos houvessem, estes só o futuro mostraria, pois nossa união espiritual era total neste momento em que eu reencontrava minha fonte de amor.

Quanto tempo ficamos naquela praia encantada? Seria difícil dizer! Pessoalmente, não sinto a menor vontade de fazê-lo. E duvido que ela o diga também. Isto porque as coisas do amor são para os que amam, assim como a água é para os peixes, que só estarão bem se estiverem totalmente imersos em seu meio.

Ao voltarmos à casa de meus pais, Salete já não era mais uma doutora austera que impunha distância a quem dela se aproximasse, mas sim a mais encantadora das almas femininas. O tempo da tristeza e da solidão havia terminado. Um novo tempo iria começar.

Nós éramos terreno fértil e o Criador nos havia semeado com sementes do Seu amor. Logo elas germinariam, e quanto amor nós daríamos! Seria tanto amor que espalharíamos sobre a crosta que, creio eu, seria do inteiro agrado do nosso Divino Criador.



Este e-book representa uma contribuição do grupo Livros Loureiro para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

Visite nossos Blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loueiromania.blogspot.com/>